

UNESP  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

MANUELA LOWENTHAL FERREIRA

**A materialidade do trabalho religioso: um estudo sobre o
neopentecostalismo da Igreja Bola de Neve**



ARARAQUARA – SP

2016

MANUELA LOWENTHAL FERREIRA

**A materialidade do trabalho religioso: um estudo sobre o
neopentecostalismo da Igreja Bola de Neve**

Defesa de Mestrado apresentado ao
Programa Ciências Sociais da Faculdade de
Ciências e Letras - UNESP/Araraquara.

**Linha de pesquisa: Trabalho e
Movimentos Sociais**

Orientador: Maria Orlanda Pinassi

ARARAQUARA – SP

2016

FOLHA DE APROVAÇÃO

Data da defesa: ____/____/____

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Maria Orlanda Pinassi - LD
Universidade Estadual de São Paulo

André Ricardo Souza – Pós-Dr.
Universidade Federal de São Carlos

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho- Dr.
USP

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

A elaboração desta dissertação, embora tenha exigido grande tempo de trabalho solitário, dependeu também da ajuda de muitas pessoas importantes, sem as quais esta atividade teria sido mais exaustiva e minha vida teria sido menos leve e feliz.

Agradeço imensamente à minha família pelo apoio emocional, pelo incentivo constante, pela ausência de desconfiança no meu trabalho e por sempre acreditarem em mim, assim como pela ajuda financeira. Em especial à minha mãe, pessoa a qual me influenciou muito em relação ao interesse pela área de ciências humanas, pelo amor aos livros e ao trabalho intelectual. E a meu pai por me fazer uma pessoa reflexiva acerca do mundo, da vida e da religião.

Agradeço aos meus amigos e companheiro, que sempre foram muito compreensivos em relação à importância acadêmica e pessoal deste trabalho, sempre me ajudando no que fosse possível.

À Professora Maria Orlanda, que me acolheu como orientanda em meio a um Mestrado conturbado. Ao professor André Ricardo que me inspirou imensamente com sua visão sensível e atenta sobre a Sociologia da Religião. À Edu, pelo apoio e incentivo no estudo da igreja Bola de Neve, também por seus ótimos artigos que me proporcionaram uma perspectiva desconstruída acerca do tema.

E a todos que participaram deste período e contribuíram, mesmo que indiretamente, para a realização deste trabalho.

Sou muito grata!

**“A ciência sem a religião é manca,
religião sem a ciência é cega”.**

Albert Einstein

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1 – (NEO) PENTECOSTALISMO E A IGREJA BOLA DE NEVE.....	18
1.1 O “Neo” Pentecostalismo	23
1.2 Doutrina neopentecostal	31
1.3 A igreja Bola de Neve	35
CAPÍTULO 2 – A RACIONALIZAÇÃO DA FÉ E O MERCADO	53
2.1 A religião e a vida material.....	56
2.2 A racionalização da religião e o retorno ao sagrado.....	64
2.3 Função e Forma do Trabalho religioso no capitalismo atual.....	70
2.4 Trabalho Manual e Intelectual.....	72
2.5 Discussão	74
2.6 Trabalho Improdutivo e Trabalho Produtivo.....	81
CAPÍTULO 3- O TRABALHO RELIGIOSO	85
3.1 A burocracia do trabalho religioso e a Constituição	85
3.2 Religião, religiosidade, instituição e jurisprudência.....	93
3.3 A institucionalização do sagrado	108
3.4 A teoria da escolha racional e o novo paradigma da religião	113
CONCLUSÃO.....	119
BIBLIOGRAFIA	126

RESUMO

Este estudo busca compreender como é realizado o trabalho religioso no interior da igreja neopentecostal Bola de Neve, gerando um discurso que se desenvolve com base em uma determinada reprodução ideológica, a qual se materializa e se insere na cadeia produtiva. Dessa forma, a pesquisa busca caracterizar este trabalho, identificando como esta atividade e doutrina se articulam com a vida e os valores do modo de produção capitalistas, a partir da análise do discurso da Teologia da Prosperidade.

Palavras-Chave: Discurso – Neopentecostalismo – Igreja Bola de Neve - Trabalho religioso.

ABSTRACT

This study seeks to understand how religious work is done within the Pentecostal church Bola de Neve (Snow Ball Church), generating a discourse that is developed based on a particular ideological reproduction, which materializes and it is included in the production chain. Thus, the research seeks to characterize this work by identifying how this activity and doctrine are linked with life and capitalist values, from the discourse analysis of the Prosperity Theology.

Keywords: Speech - Neo-Pentecostalism - Snowball - Religious work.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa consiste na investigação sobre como o discurso religioso gerado no interior das igrejas neopentecostais se pauta em uma determinada reprodução ideológica, a qual se materializa através da produção imaterial do trabalho executado dentro das Instituições neopentecostais. A partir da investigação do discurso ideológico religioso, busca-se identificar como se articula tal extensão de doutrinas metafísicas religiosas minuciosamente detalhadas até o campo prático-social, compreendendo o cotidiano como espaço na qual os fiéis dessas igrejas adaptam o comportamento às práticas cotidianas, racionalizando e naturalizando as contradições e circunstâncias e reproduzindo a ideologia dominante. Outro nível desta reflexão se faz em como a ideologia especificamente religiosa é em si mesma material, e não apenas reflexo da realidade, mas parte integral dela. Parte imprescindível deste estudo consiste também na análise reflexiva acerca da nova forma de experienciar o sagrado na atual sociedade, assim como as possíveis compreensões de uma nova configuração da religião a partir de diversos estímulos em uma sociedade de caráter estritamente consumista e mercadológico, pautado por imagens e pela imediaticidade das relações, constituindo um circuito específico de circulação de bens materiais e símbolos mediados pelo dinheiro.

É necessário identificar como tais elementos são ligados para formar processos discursivos em relação a um contexto ideológico, e como o discurso oculta as estruturas colocadas, assim como o poder é inserido na linguagem de modo a obscurecer a agência concreta de um evento social, de maneira conveniente aos interesses ideológicos dominantes. A ideologia pode forjar representações em um discurso que é recebido como natural e inevitável, pois os interesses particulares, em última instância, apresentam um vínculo orgânico com aquilo que se relacionam, e tem vínculo direto com o processo pelo qual os interesses de determinados tipos são ocultados, racionalizados, universalizados, legitimados em nome do poder político e da manutenção da ordem social. No caso das igrejas neopentecostais, o discurso reproduzido no interior de seus templos se articula a partir da apropriação da experiência do sujeito para atingir um nível de consciência prática, construindo uma identidade comum entre os frequentadores, porém retirando todo impulso coletivo social e a concepção de construção da história. A transformação

atribuída ao sujeito individual e à sua fé, gera “tipos ideais” artificialmente construídos e não sujeitos coletivos reais. A pesquisa se atenta à “Teologia da Prosperidade”, e ao discurso que incentiva o sucesso material através da fé e da devoção. Nesse sentido, o dinheiro adquire importante papel mediador nas práticas religiosas neopentecostais.

O trabalho em questão fornece um serviço espiritual em troca de uma quantia de dinheiro que se transmuta na forma de dízimo, este trabalho não produz nenhum objeto quantificável, porém incorpora posicionamentos que transcendem a crença religiosa, se materializando em práticas cotidianas. De alguma forma o discurso religioso apresenta uma força que reproduz e reforça a ordem da estrutura social e da divisão do trabalho, tendo sua existência fora da objetividade que a criou.

Para desenvolver tal investigação, foi necessário se precaver em não perder a dimensão sócio-histórica e socioeconômica do período específico, assim como situar o tema dentro dos principais movimentos políticos e suas necessidades ideológicas e intelectuais, além de compreendê-lo entre as teorias e práticas científicas da área, e as filosofias referentes à sua função reguladora no complexo das atividades humanas. Sendo também necessário identificar o objeto em seu ambiente teórico e histórico, para que se possa apontar as determinações materiais e culturais que existem em suas raízes, juntamente com suas consequências práticas para o futuro, da construção do qual a ideologia tem um importante papel a desempenhar. Pois sem reconhecer a determinação das ideologias por sua época, a estrutura permanecerá ininteligível.

A partir do levantamento histórico do desenvolvimento das Instituições neopentecostais no Brasil, juntamente a uma análise teórica e crítica acerca do tema, busco aqui identificar o caráter e a estrutura interna das concepções, e assim compreender o momento histórico atual e os fenômenos que manifestam a produção e a reprodução da realidade das estruturas sociais, mostrando a partir disso, os interesses que movem as relações concretas entre os homens, e entre os homens e o mundo em que habitam. Parte do procedimento metodológico consiste também na análise discursiva através da pesquisa de campo atuante no interior do templo neopentecostais Bola de Neve da cidade de Araraquara-SP, a fim de coletar elementos que serão posteriormente estudados teoricamente, e utilizados para a conclusão deste estudo.

Considerando que o trabalho religioso utiliza meios para obter uma finalidade: através de estratégias e técnicas bem desenvolvidas, visando a atração dos fiéis e o recolhimento do dízimo para a manutenção e sustento da instituição, é de fato, uma

atividade que exige dispêndio de energia, força física e mental. Sendo assim necessário o questionamento sobre “qual mercadoria esse trabalho produz?” Nesse sentido, seria possível quantificar/calcular exatamente o valor embutido e agregado a esta mercadoria? Essas foram as perguntas que nortearam inicialmente a pesquisa, porém, tais questionamentos tomaram outra direção no decorrer do estudo.

Com base no levantamento teórico acerca da nova Sociologia da Religião, relacionando-a a Sociologia do Trabalho, juntamente com a pesquisa de campo, foi observado que a questão central se volta sobre a caracterização do trabalho religioso e sua dimensão prática: o produto final é a reprodução das estruturas sociais vigentes e o reforço de determinado sistema de símbolos e significados que permitem certo estilo de vida, visão de mundo e modos de agir e pensar coerentes com a lógica de mercado e ideologia de consumo. A análise foi realizada com o devido cuidado de não a reduzir a uma teoria economicista do capitalismo, e vinculando-o a uma dinâmica e efervescência cultural na qual a atividade religiosa compõe.

Tais conclusões nos fornecem elementos para problematizar a força material que a Igreja Bola de Neve apresenta, utilizando o caso para compreender questões mais abrangentes sobre a nova função e forma da igreja em nossa sociedade e a sua relação com as demais esferas do complexo social. Foi proposto:

- 1) Analisar o trabalho religioso, seu caráter, sua estrutura, organização interna e o discurso da Igreja Bola de Neve, unidade de Araraquara-SP, identificando a atividade realizada nesta instituição, a fim de compreender como este trabalho atinge a dimensão prática da vida dos frequentadores, quais são seus interesses particulares e de grupos e sua relação com a lógica mercantil, com o âmbito econômico e as motivações mobilizadas.
- 2) Entender como o trabalho religioso é visto pela constituição enquanto uma atividade que não gera nenhum produto material, porém, se articula com o modo de produção capitalista, participando de um mercado religioso.

Considerando, portanto, que a religião é um fenômeno social estudado como fato histórico no sentido de que é examinado como momento social específico de um determinado contexto. Exerce assim uma dupla função de definir a si mesmo e ao mesmo tempo definir esse todo. Nesse sentido, é possível entender a religião como um momento específico de uma dada circunstância real, viabilizada através das

manifestações empíricas e atuantes cujas instituições religiosas exercem. A religião enquanto conservação e permanência não é interessante à sociologia, mas sim a religião em transformação, como possibilidade de ruptura em todo o seu processo de interação à vida “profana”, ao sistema econômico e em seu aspecto de mudança cultural e ideológica.

A forma de vida capitalista denominada como neoliberal se transmuta para além da esfera econômica, afetando diretamente o modo de vida das pessoas e transformando tudo em mercadoria, onde qualquer indivíduo pode facilmente adquirir por meio da troca. A partir do momento em que a religião se intelectualizou, com técnicas próprias de manutenção, se racionalizando e criando um corpo especializado na gestão dos bens de salvação, passou a ser recompensada e a gerar ao seu redor um espaço de disputa. Isto só demonstra que a religião vem se fortalecendo a cada ano, contrariando o que muitos autores das Ciências Sociais e alguns intelectuais que observavam a modernidade afirmavam: a religião tendia a acabar diante do avanço científico/tecnológico e o nível de complexificação social. O que ocorreu, foi exatamente o contrário, o sagrado voltou a desempenhar um papel dominante na vida das pessoas, sendo também uma necessidade moral.

A partir disto, será utilizada a concepção de que este fenômeno é fruto da história materialista que herdamos. Considera-se aqui que a religião é uma forma de ideologia, uma realidade social e histórica, a qual faz parte da produção espiritual de um povo, incluindo a produção de ideias, consciência e representação, que são em sua essência condicionadas por uma produção material, provinda das relações sociais.

Portanto, não haveria de ser diferente, uma religião que se tornou tão adepta desta sociedade, não estar vinculada a uma produção material e mercadológica, porém, a questão primordial deste estudo se pauta em compreender como se procede a atividade realizada no interior da instituição neopentecostal e como ela se insere na sociedade e principalmente de que forma a força simbólica se materializa a partir dos interesses de alguns grupos. Considerando que o âmbito simbólico é necessário e primordial para se manter a esfera material, observa-se uma correlação entre as estruturas sociais e as estruturas de pensamento, na qual é estabelecida através de sistemas simbólicos, e a religião é um dos principais e mais eficazes meios de manutenção da realidade, sendo um dos aparelhos de produção simbólica institucionalizados.

A pesquisa busca identificar a categoria de “organização do trabalho” no interior da Igreja Neopentecostal Bola de Neve, unidade de Araraquara-SP. A partir da abordagem de uma organização social complexa que implica um processo de trabalho, relações de trabalho e método de gestão com seus elementos específicos. Nesse caso, é utilizado o conceito de “trabalho” num sentido geral colocado principalmente por Karl Marx (2008): “trabalho” é toda ação, processo ou atividade social organizada que media, regula e controla o metabolismo do homem com a natureza. Será utilizada também a perspectiva de Pierre Bourdieu (2007), a qual considera a religião como uma esfera que se tornou relativamente independente das outras esferas, porém que mantém vínculos particulares, instaurando-se um campo religioso com estruturas e relações que funcionam através de profissionais especializados em virtude de uma eficácia simbólica que tem condições econômicas como linhas condutoras.

No caso das organizações religiosas, trata-se da mediação, regulação e controle da segunda natureza, isto é, a natureza histórica e cultural. Para Hegel, a segunda natureza é tudo aquilo que o espírito objetivo enquanto homem põe por meio de sua própria criação. Portanto, a cultura, as instituições, o direito e a história não são da ordem da natureza física, estática, mas do Espírito ativo que busca seu aperfeiçoamento no tempo (HEGEL, 2001). Por isso, o “trabalho da fé” executado nas igrejas como organizações sociais complexas é o trabalho que faz a mediação, controle e regulação do homem com a sua natureza espiritual. Uma vez que a cultura só existe efetivamente sob a forma de símbolos e seus respectivos significados, e de onde provém sua eficácia própria, a percepção dessa realidade construída que a cultura produz e abrange, está dissociada de sua função política e de interesses particulares.

Nesse sentido, o presente estudo vincula o fenômeno do mercado de novas agências religiosas com o desenvolvimento de setores que envolvem trabalhos não materiais e que expõe o alto nível de desenvolvimento da sociabilidade humana, na qual derivam tais formas de trabalho que fogem daquelas típicas e convencionais e criam a necessidade de reformulações e a reexaminação de teorias que exigem novas interpretações, além da exigência de uma nova percepção em relação ao sagrado e sua experiência. A pesquisa se detém em analisar essa forma de expressão religiosa como manifestação de um fenômeno que expressa a sociedade como um todo, relacionando-o a questões mais amplas e contextualizando o objeto estudado de acordo com o atual momento histórico, social, econômico e cultural. Porém, não se trata de considerar a

religião como mero reflexo, e sim como expressão cultural de uma sociedade que se vê imersa em relações produtivistas e guiadas pela lógica de consumo.

No entanto, compreende-se aqui que o estudo da realidade multicultural das sociedades complexas que desenvolveram processos de modernização implica a necessidade de um recorte do objeto na forma de estudo de caso. Nesse sentido, usa-se como estratégia metodológica a escolha de um caso para que seja possível interpretar o todo. A escolha se fez pela Igreja Bola de Neve, devido seu perfil diferenciado, ilustrando uma representação da nova forma de se experienciar o sagrado na vida moderna, assim como a chamada “espetacularização” (DEBORD, 1997) da vida e das formas de se relacionar com o mundo. Busca-se a partir deste método compreender o tema de forma mais abrangente, e desenvolver uma ideia nova acerca desta temática, assim como elaborar uma suposta conclusão que contribua cientificamente para o debate.

Parte essencial deste estudo se baseia em estar constantemente atento a não perder a dimensão sócio-histórica e socioeconômica do período específico, assim como contextualizar o tema dentro dos principais movimentos políticos e suas necessidades ideológicas e intelectuais, além de situá-lo entre as teorias e práticas científicas da área, e as filosofias referentes à sua função reguladora no complexo das atividades humanas e culturais. Foi também necessário identificar o objeto em seu ambiente temático e estabelecer diálogos com diversas orientações teóricas, para que se possa apontar as determinações materiais e culturais que existem em suas raízes, juntamente com suas consequências práticas para o futuro, construção na qual a ideologia tem um importante papel a desempenhar. Considera-se aqui a necessidade de desenvolver um trabalho conceitual que permita a articulação com a contextualização da teoria social a partir de uma metodologia pluridisciplinar vinculada a realidade social (CARIA, 2003).

O termo ideologia é utilizado neste estudo no sentido de um conjunto de ideias/visão de mundo que expressam diretamente as condições materiais de existência e as legitimam (LUKÁCS, 2003), vinculando ao conceito de hegemonia de Antônio Gramsci (2002), na qual há dispositivos hegemônicos que submetem os indivíduos a poderes dominantes através do consentimento, e geralmente atuam através de instituições. A partir disto, a abordagem em relação à ideologia na qual é tratada nesta pesquisa diz respeito ao discurso proferido no interior da Igreja Bola de Neve, no sentido de quais elementos são ligados para formar processos discursivos em relação

com um determinado contexto social, ou seja, como a forma de se estabelecer uma comunicação está relacionada com a base material da vida social através de processos de construção do discurso.

Nas igrejas Neopentecostais, há a construção de um recurso narrativo (CORTEN, 1996) que delimita determinado campo de contingência (LACLAU; MOUFFE, 1985; MENDONÇA, 2003) através da memória (HALBWACHS, 2006) e das representações coletivas (DURKHEIM, 1970) existentes no campo evangélico, como a estrutura práticas, modos de vida, conduta e formas de compreender o mundo e as suas relações. Esta organização de fatores constitui um determinado “espírito” que mobiliza uma forma de se estar na sociedade. Para tanto, os cultos buscam elaborar um discurso pautado nesta intencionalidade, por vezes nebulosa e oculta, na qual se viabiliza através do “espetáculo” (culto).

Os cultos realizados nas igrejas neopentecostais são caracterizados especialmente por uma estética, onde há toda uma preparação e produção do ambiente, criando um “clima” onde os participantes entram em contato com estímulos diversos que proporcionam sensações e experiências associadas à “benção” e à presença de Deus. No caso específico da igreja delimitada na pesquisa, a Bola de Neve apresenta toda uma preparação prévia e detalhada para que os cultos sejam realizados adequadamente de acordo com a proposta jovem e “descolada”, envolvendo uma nova forma de experienciar o sagrado, vinculada diretamente a uma específica estética religiosa e uma estética corporal que ganham a forma particular de uma vivência emocional.

O culto desta igreja será tratado e cuidadosamente analisado a partir da compreensão da nova configuração da experiência do sagrado na sociedade contemporânea, no tocante às relações de tempo/espaço, vivência/imaginário, espírito/matéria, seus símbolos e o caráter de espetáculo a partir do fenômeno, compreendendo a construção da fé como parte simbólica da história, sendo ela mesma constituinte da produção espiritual e material de um povo, na qual não está deslocada da vida material e cotidiana. Sendo assim, o fenômeno religioso é a expressão de ideias de um determinado tempo histórico, revelando a sua essência a partir de uma análise dialética das circunstâncias reais. O fenômeno religioso está intimamente ligado à história dos povos, é fruto do passado e das interações do presente, assim como afirma Marx:

Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sobre aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como pesadelo o cérebro dos vivos. É justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram em seu auxílio os espíritos do passado (MARX, 2003, p. 17)

A partir desta concepção que norteia a pesquisa, a teoria aparece como sendo a estrutura da pesquisa, ou seja, é a base que nos oferece suporte para a compreensão e análise do material coletado empiricamente. Considera-se aqui que a teoria, enquanto metodologia é um instrumento/ferramenta essencial para orientar e direcionar a pesquisa, sendo ela um recurso utilizado para compreender o plano do real. Os levantamentos bibliográficos utilizando teses, artigos científicos, documentos, livros relacionados à temática, entre outros, nos proporciona fundamentos para se pensar a temática em questão, além dos pressupostos para se questionar o objeto de estudo, sempre com a perspectiva voltada para a problemática inicial e o objeto proposto. A teoria indica também como proceder ao estudo, como analisar os dados e o que se levar em consideração do material coletado.

Dessa forma, parte relevante desta investigação se faz por análise teórica, porém para que a teoria seja comprovada é necessária sua contestação através da prática. Por este motivo, a presente pesquisa propõe uma aproximação de forma crítica da teoria com a prática, considerando que ambas as análises são complementares para que seja possível a realização de um estudo científico fundamentado, estruturado e que traga elementos para se pensar o futuro na prática. Boaventura Santos (1987) reafirma a necessidade de uma ciência implicada no social, como instrumento de superação e transformação das circunstâncias reais.

Ainda segundo este autor, há a urgência de se extinguir as divisões entre conhecimentos legítimos e não legítimos, superiores e inferiores, entre formas científicas e não científicas de verdade, considerando que todas as formas de se produzir conhecimento podem ser consideradas verdadeiras, exercitando a superação do monopólio da verdade (SANTOS, 2003). Dessa forma, não se pretende neste estudo estabelecer uma imposição científica, mas ao contrário, elaborar uma análise que

considere acima de tudo a intersubjetividade, através de uma profunda reflexão acerca do universo do outro a partir de uma perspectiva de totalidade social. Segundo este debate, Telmo Caria nos acrescenta:

Admitimos que todos os procedimentos de recolha e tratamento de dados são possíveis desde que subordinados à preocupação de compreender o outro, através da reflexividade do investigador para racionalizar a posição social de cientista e para relativizar as suas origens culturais de cidadão. (CARIA, 2003, p. 7)

Com base nesta perspectiva, a pesquisa apresenta caráter estritamente multidisciplinar, pois considera-se aqui que fenômenos sociais devem ser compreendidos dentro de um complexo orgânico. Nesse sentido, a religião de forma alguma se encontra desvinculada de outras dimensões sociais. Para tanto, o estudo perpassa em diversas áreas, como os estudos sobre a institucionalização da religião, de que forma as igrejas se encaixam na Constituição Brasileira e nos direitos trabalhistas. Os autores essenciais para a Sociologia da Religião, como Peter Berger (1984) e Pierre Bourdieu (2007) formaram um pilar para o desenvolvimento da análise deste estudo. Sendo utilizada também, a bibliografia que trata da relação entre a religião, mercado, política e teorias econômicas, com os autores norte-americanos: Warner (1993), Finke (1998) e Iannaccone (1993), Stark (1993) e brasileiros e latino-americanos como Alejandro Frigerio (2000), Ricardo Mariano (1999), Antônio Flávio Pierucci (2006), e Reginaldo Prandi (1996), André Ricardo Souza (2007). Além da utilização fundamental dos autores clássicos que abordam e relacionam de alguma forma a religião e a sociedade, como Émile Durkheim (1970) Max Weber (2001) e Karl Marx (2008), assim como autores que abordam o tema sobre a produção ideológica, como Lukács (1979), Gramsci (2002) e Meszáros (2004).

Porém, sem perder a concepção de que por trás de todos estes processos, há a questão da fé e da subjetividade que envolve indivíduos e particularidades, esta também é uma questão de igual importância, porém devido a necessidade de se estabelecer um recorte para que seja possível desenvolver uma dissertação de mestrado, foi preciso reduzir a abordagem e estabelecer um objeto de estudo. Porém, a pesquisa perpassa de forma essencial também pela Antropologia e seus debates acerca da cultura, da religião

e construção simbólica, na qual compreende a religião como uma síntese de diversas questões complexas, estruturais, políticas, culturais e morais.

O primeiro capítulo se debruça no contexto na qual surgem as igrejas pentecostais e posteriormente as denominações neopentecostais no Brasil. O capítulo traz questões como o processo de secularização do Estado com a igreja Católica e o fim da hegemonia católica, cujas consequências tornaram o campo religioso brasileiro um espaço de diversidade religiosa (até certo ponto), criando também uma determinada competição entre as instituições que resultaram em um mercado de bens de salvação. É neste contexto que surge a Igreja Bola de Neve e sua necessidade em sobressair dentre as outras igrejas.

O segundo capítulo traz o levantamento bibliográfico acerca de autores que tratam do tema “instituições”. A questão da institucionalização da religião é abordada nesse sentido de forma a relacioná-la ao fenômeno religioso contemporâneo e a concepção de que a religião é um empreendimento humano, assim como ao desenvolvimento do sistema econômico no que envolve a produção cultural e espiritual em conjunto com o desenvolvimento material das forças produtivas, assim como suas diversas facetas e possíveis imbricações. Nessa parte da pesquisa, é discutida também a questão do retorno do sagrado: de que modo a modernidade não extinguiu a religião, mas ao contrário, as religiões cresceram e se fortaleceram, através de uma ressignificação.

O capítulo discute também a questão da proximidade do neopentecostalismo com o mundo material, através de uma análise da Teologia da Prosperidade e do caso da Igreja Bola de Neve. A proximidade da BDN com a cultura do consumo e o acompanhamento da lógica de trocas econômicas é discutida nesse capítulo, sendo identificado um sistema de produção e circulação de bens simbólicos que se define como um sistema de relações que são de fato objetivas, na qual cumprem a função econômica de reprodução de capital e difusão de mercadorias. O debate central deste capítulo se faz em torno da questão: a mesma atividade que produz as relações econômicas, também produz a religião, sendo que a relação entre os dois produtos é sempre dialética. E, caminhando para o terceiro capítulo, é abordada a questão do caráter empresarialmente racional na qual a Bola de Neve se caracteriza, identificando um trabalho atuante organizado no interior de seus templos.

O terceiro e último capítulo busca analisar a atuação do trabalho religioso e a sua forma jurídica, conceituando e caracterizando esta atividade. Este capítulo pretende identificar as relações trabalhistas existentes e a forma como as leis enquadram esta atividade na constituição e quais são os direitos e os deveres dos pastores e dos “trabalhadores da fé”. Posteriormente, será feita uma breve análise da teoria da escolha racional e sua realidade prática, na qual busca aplicar leis econômicas para a compreensão do fenômeno religioso.

Desta forma, após a pesquisa bibliográfica, coleta de dados teóricos e organização deste material, o segundo momento se constitui pela observação empírica do objeto de estudo na forma de pesquisa de campo. Considera-se aqui necessária a constante aproximação do universo a que se deseja compreender, sempre com grande atenção às questões subjetivas referentes ao “outro”, ou seja, adentrar no sentido atribuído por aqueles indivíduos que participam de determinada realidade, considerando sempre a identidade, a subjetividade e a história do outro, sem tratar os indivíduos como objetos estáveis e passíveis de análise. A relativização é uma ferramenta importante neste processo, porém, não cabe aqui a ausência de objetivos, uma vez que a pesquisa se pauta em uma hipótese. Porém, o fenômeno é sempre provocado por diversas variáveis, e estas podem levar a outras conclusões que não a estabelecida primeiramente. Portanto, a hipótese pode ser direcionada para outras concepções e isso não significa a falha do estudo.

Em relação à pesquisa de campo, o objetivo fundante neste momento do estudo foi investigar e compreender como atua o discurso ideológico no âmbito da Igreja Bola de Neve. Parte do procedimento metodológico consiste, pois, na análise discursiva de material recolhido através da pesquisa de campo junto aos membros atuantes no interior do templo neopentecostal da igreja escolhida da cidade de Araraquara-SP, sendo utilizado também o material adquirido na pesquisa de conclusão de curso, também acerca da Igreja Bola de Neve, na cidade de Marília-SP.

A principal proposta é estabelecer uma coexistência entre a linguagem da teoria e a realidade de um determinado contexto e ambiente, considerando tal fenômeno de vínculo econômico com a religião como uma efervescência cultural deste determinado período histórico, considerando toda a sua complexidade. Por este motivo, a ênfase em uma pesquisa multidisciplinar que articula teoria e experiência se faz presente. A etnografia, nesse sentido tem papel importante para a aproximação do ambiente

estudado e seus atores e agentes, sem se limitar a uma redução aos recursos teóricos. A pesquisa etnográfica, portanto, nos proporciona tal relação, como afirma Caria:

Caso procuremos uma definição consagrada de etnografia, podemos arriscar dizer que se trata de uma forma de investigação que recolhe dados com a preocupação de compreender a (i) racionalidade do outro, o outro cultural, o outro submisso, o outro iletrado (...) Entenda-se que compreender o outro supõe contrariar a representação social (inclusive científica) de que os dominados e os “estranhos” seriam indignos, menores, inferiores, isto é, seriam atores incapazes de se construírem de modo autônomo no plano cognitivo e cultural. Tal orientação assenta na ideia de que a objetividade científica não depende de uma posição de imparcialidade explicativa. (CARIA, 2003. p. 4)

Neste sentido, busca-se pensar a si próprio na relação com o outro. Pois é na fronteira entre o senso comum e o saber científico que se pode construir uma reflexão voltada para uma concepção de igualdade e emancipação humana. Compreende-se aqui que a objetividade das Ciências Sociais não é um ato de neutralidade, mas sim uma ferramenta de transformação que carrega todo o compromisso e urgência que as circunstâncias sociais e históricas trazem, dessa forma, a ciência deve ser inevitavelmente crítica, de um modo consciente e que se aproxime da forma mais eficaz da realidade e proponha mudanças.

Telmo Caria, em seu texto “A reflexividade e a objetivação do olhar sociológico”, aponta que as Ciências Sociais enquanto uma matriz de problemas ideológicos-metodológicos não pode proceder de forma neutra, uma vez que não há coleta de dados empíricos que não carregue também pressupostos e objetivos que se visa contestar ou comprovar. Segundo o autor, este posicionamento tem, por sua vez, um risco de se atribuir aos fatos sociais apenas aquilo que o investigador busca refutar, em uma tendência teoricista que despreza os aspectos dinâmicos da construção de conhecimento:

A alternativa seria a de promover o ecletismo no uso dos instrumentos tecnológicos de recolha de dados e a de promover a integração da teoria na reflexão metodológica (...). Esta teorização supõe conceber a dialética observador/observado como uma relação socialmente estruturada, isto é, uma relação social de investigação. (CARIA, 1999. p. 7)

Assim, a alternativa proposta é aqui acolhida e utilizada como base metodológica, no sentido de estar sempre atento aos aspectos relacionais, intersubjetivos e interativos do trabalho de campo. A reflexão epistemológica e metodológica visa considerar a pesquisa científica como uma relação social de fato que deslumbra a utilização do conhecimento científico futuramente.

Dessa forma, a pesquisa busca desenvolver uma análise crítica com base teórica a fim de compreender o fenômeno que vincula a religião e o sistema econômico. A religião vinculada à materialidade do mundo transcende a o que seria a princípio mera crença, alcançando a dimensão de um complexo cultural variado, criativo e efervescente que merece mais do que nunca um estudo detalhado. Não se limitando a um estudo teoricista e economicista, embora considerando de extrema necessidade a contextualização social, a pesquisa tem como objetivo também compreender essas novas formas de se experienciar o sagrado neste determinado período histórico, na qual todas as formas de se relacionar com a vida entram também na dinâmica mercantil. Compreender estes fenômenos é também compreender uma parte do sentido da história. Porém, o modelo teórico a ser seguido não deve ser estático e dogmático, pois o real é um processo em constante movimento.

CAPÍTULO 1 – (NEO) PENTECOSTALISMO E A IGREJA BOLA DE NEVE

Para realizar este estudo e compreender a complexidade da Igreja Bola de Neve, sua relação com a sociedade contemporânea e a sua atuação interna e externa, assim como o fenômeno neopentecostal no Brasil se faz necessário uma intensa contextualização do processo de constituição do cenário religioso brasileiro e sua dinâmica particular. Este capítulo se iniciará com esse retorno histórico, posteriormente caracterizando a doutrina neopentecostal, para se debruçar detalhadamente ao tema central da pesquisa: a Igreja Bola de Neve, na qual corresponderá à sigla BDN.

Nos últimos vinte anos, o campo religioso na América Latina, e em específico no Brasil, sofreu mudanças consideráveis, que vêm ocorrendo até os dias atuais. Uma determinada heterogeneização intensa passou a ganhar cenário entre as religiões. Trata-se de um processo de diversificação de igrejas que começou a ganhar força no início do século XIX com a chegada dos protestantes no Brasil, e cresceu ao longo do século XX, sendo hoje um fenômeno nunca visto antes na história. Para compreender o atual campo religioso brasileiro, o estudo da história das religiões se faz necessário para se considerar o processo que entre o período colonial e imperial resultou na formação de um sistema de crenças, hábitos, práticas, símbolos que compõem princípios básicos da esfera religiosa brasileira, considerando suas continuidades e rupturas.

Analisar o fenômeno religioso brasileiro implica considerar o processo que entre os períodos colonial e imperial resultou na formação de um sistema de crenças, práticas e símbolos que constitui um repertório básico do campo. Em relação à vida pública em contraposição a uma religiosidade da vida privada, formou-se um sistema cultural de crenças extremamente individualizadas. Como nos demonstra Arnaldo Huff Júnior em seu artigo sobre trânsito religioso:

No que tange às relações entre religião e política no Brasil, uma primeira consideração a ser feita é a de que no curso da separação formal entre Igreja e Estado, na entrada do período republicano, a religião não foi simplesmente relegada à esfera privada como aconteceu em processos de modernização na Europa. Como bem sublinhou Paula Montero (2006) a partir de Habermas, feita não é entre esfera estatal e Igreja, mas sim entre uma esfera pública do Estado, uma esfera privada da sociedade e uma esfera burguesa ou sociedade civil. (HUFF, Arnaldo. 2009).

Isto, associado ao fato de que a identidade brasileira se desenvolveu em meio a negligência de órgãos públicos, crises constantes de representatividade políticas e governamentais e o enfraquecimento de ações coletivas, fez a religião crescer e ganhar um determinado caráter de acolhimento social, aparecendo como o único lugar da sociedade na qual há alguma forma de amparo e conforto, sendo assim um espaço que proporciona ao indivíduo deslocado de seu coletivo um sentimento de pertencimento, cujos laços são estabelecidos em meio à turbulenta dinâmica social individualista, fragmentada e fragmentária.

O campo religioso brasileiro teve como parte importante do processo de constituição uma intensa hibridação. Isso pode traduzir a particular situação atual. Houve inicialmente um grande fluxo entre a religião católica e as crenças e práticas indígenas e africanas. No mesmo período (século XVI e século XVIII) houve a chegada dos protestantes, a princípio eram os luteranos (1824) seguidos pelos metodistas (1836), congregacionais (1855), presbiterianos (1859), os batistas (1881), episcopais (1898) (MENDONÇA e VELASQUES FILHO, 1890, p.27-26). Mais adiante, vieram os kardecistas que apresentaram influência fundamental, como a crença que relaciona o mundo material e o mundo espiritual. Essa noção de religião vinculada ao mundo material é hoje uma perspectiva muito presente entre as formas de religiosidade brasileiras, como veremos mais adiante. O que possibilita essa dinâmica entre o mundo espiritual e o mundo material é uma comunicação de sistemas simbólicos, onde tudo é possível a partir da religião.

A formação de diversas vertentes pentecostalistas e neopentecostalistas com influências católicas e afro-brasileiras (apesar de romperem com o universo tradicional ao longo do tempo) coabitam e perpassam os tempos, se adaptando e se transformando em conjunto com outros âmbitos sociais, de forma que se mantêm e crescem cada vez mais, quebrando os paradigmas que afirmavam o fim da religião na sociedade contemporânea. A religião não somente não acabou, como hoje vêm aparecendo através de diversas facetas que envolvem desde a política até a moda, mercado, marketing, mídia, apresentando perfis até então impensáveis, como por exemplo, confessionários online¹ e até mesmo sites de “pornô-gospel”.²

¹ Retirado de <<http://igrejadavidauniversal.blogspot.com.br/p/confessionario-online-confissoes.html>> em 10/03/2016.

² Retirado da web site: <http://www.genizahvirtual.com/2012/01/sex-shop-de-jesus-faleci-na-noticia.html> em 09/06/2015.

A Igreja Bola de Neve é uma dessas igrejas que surge a partir do fim da hegemonia católica e o início do pluralismo religioso. A Bola de Neve desenvolveu diversas características próprias que buscam tornar a igreja um diferencial entre as outras. Há em sua constituição diversos ministérios que atuam como grupos de apoio, assistência social, orientação profissional, projetos culturais na cidade, venda de roupas da *grife* da igreja, entre outros, como veremos adiante. Ou seja, há um deslocamento da experiência religiosa para outras áreas da vida social, mudando seu papel, forma, função e se vinculando diretamente à cadeia produtiva. A autora Daniele Hervieu-Léger afirma que a Sociologia da Religião passou da *religion perdue* (tese sobre o fim da religião) para a *religion partout* (a religião em toda parte): “(...) as religiões tendem a se apresentar como matéria-prima simbólica, maleável, que pode dar lugar a reaproveitamentos diversos, segundo o interesse dos grupos que a exploram” (HERVIU-LÉGER, 1999, p. 59).

Há uma correspondência entre as estruturas sociais e as estruturas mentais, na qual se estabelece através de sistemas de estrutura simbólica (BOURDIEU, 2007). E, se tratando da religião na sociedade contemporânea, as relações se estabelecem a partir de símbolos também econômicos, na qual se configuram em relações de consumo. A religião passa a se intercalar com as demais esferas, incluindo em sua organização o uso de elementos racionais, e conseqüentemente, políticos.

Em meio a todos esses processos, foi se constituindo no Brasil uma grande diversidade, liberdade e circulação de igrejas, que passam a oferecer inúmeras formas de bens religiosos e se associam à lógica de livre mercado. Diante deste quadro, há o surgimento rápido de novas organizações religiosas que não param de crescer. Essas novas igrejas tomaram o domínio do campo simbólico da sociedade, sendo estudadas por expressarem um fenômeno nunca visto antes, elas se diferenciam das doutrinas tradicionais e mobilizam ao seu redor milhares de pessoas em busca de soluções que vão desde questões espirituais até questões materiais.

A religião ganha então outro contorno e formato, assim como uma nova função de elaborações simbólicas, sendo estas apropriadas e organizadas para fins que não os religiosos, assumindo símbolos, motivos, rituais, práticas, linguagens, imaginários e valores do sistema capitalista de produção. Ao fazer uso de elementos ideológicos para se manterem, se fortalecem e fortalecem as bases na qual a economia se apoia, criando uma única lógica e um sistema de símbolos e linguagem. A igreja não oferece somente

proteção divina, mas os frequentadores realizam também um acordo financeiro com Deus. Através do ritual o pastor é como se fosse um detentor da ideologia capitalista presente no cotidiano neoliberal. Há uma mercantilização da religião que se apoia em uma espécie de relativismo ético na qual tudo pode ser feito sem julgamentos, afinal não há critérios para se estabelecer o que é religião e o que é mercado.

As igrejas neopentecostais são as principais agentes neste novo campo religioso, dominando diversos âmbitos da vida social. Elas constituem a “Indústrias da Fé”, na qual arregimentam um vasto contingente de crentes, utilizando para isso um grande aparato organizacional de templos e força de trabalho composta por ministros de confissão religiosa (pastores) e serviçais dos rituais religiosos.

Em conjunto com o número de novas instituições religiosas, cresce também de forma constante o campo de disputa entre essas organizações religiosas, assim como a oferta de novos serviços para atrair grupos sociais ainda não contemplados pelos empreendimentos religiosos, excluídos das igrejas tradicionais ou não adequados a elas. O desenvolvimento de um mercado próprio, vinculado a ritos e cultos religiosos apresenta características peculiares, em relação a qualquer outro meio comercial, e se mostra estritamente ligado à lógica da livre concorrência de mercado. Há uma intensa competitividade e comercialização do sagrado, transformando a fé em mercadoria. Isto abre espaço para igrejas que se moldam de acordo com o público a que desejam atrair, utilizando-se de estratégias comerciais e mercadológicas. Essa imensa expansão das igrejas evangélicas no Brasil, cria uma necessidade de se desenvolverem técnicas próprias para se manterem e sobressaírem em seu meio, elaborando em seu interior complexas formas de trabalho a serem executados por fiéis voluntários ou por terceirizados.

Há toda uma organização prévia, e assim como qualquer outra atividade que oferece um determinado tipo de serviço deve planejar com antecedência suas ações, a igreja também realiza este momento de trabalho anterior, durante e após os cultos, colocando seus planos e estratégias em prática. Ou seja, há um trabalho atuante desenvolvido no interior dos templos, na qual é proporcionado aos fiéis experiências e vivências que não são sentidas em outros locais cotidianos. É um espaço onde os indivíduos se sentem livres para expressarem suas emoções sem a repressão social, funcionando como um momento de desabafo. As igrejas neopentecostais compõem seus

cultos estabelecendo uma relação entre religião, lazer, excitação de sentidos, fuga da realidade e bem-estar imediato. É esse o produto a ser oferecido.

A questão que surge diante disto (na qual norteia nossa discussão) é: a religião não pode ser vista desvinculada de uma totalidade social, portanto, ao observarmos o caráter de uma religião estamos diante de um fenômeno social na qual expressa de alguma forma a sua essência e o seu oposto. A questão primordial, então, não é a religião em si, mas o porquê há essa imensa procura: o motivo principal é pela fuga do sofrimento. O sofrimento expressa situações reais de um mundo material que envolve indivíduos, logo, sociedades. Portanto, um fenômeno religioso como este, na qual cresce rapidamente abrangendo cada vez mais milhões de pessoas na América Latina, pode vir a expressar problemas sociais advindos de uma crise cuja dimensão é imensamente maior.

Mas, por que a procura é pelas igrejas pentecostais? Busca-se saber os motivos deste crescimento no Brasil nos últimos anos. Alguns autores arriscam afirmar que entre diversos motivos, este fato se dá principalmente pelo enfraquecimento de religiões tradicionais e a separação do Estado e da igreja, na qual provocou o fim da hegemonia católica e abriu espaço para outras denominações.

Segundo alguns autores da Sociologia da Religião como Ricardo Mariano (2001) e Pierucci (1996), destacam entre os diversos elementos que podem estar envolvidos no enfraquecimento da igreja católica, há alguns pontos que consideram relevantes: a discordância da doutrina e sua inadequação em relação à vida contemporânea: como a fragilidade diante de questões como o aborto, o divórcio, o uso de preservativos, assim como a recriminação do consumo e do ganho material, ou seja, as religiões tradicionais não mais contemplam as necessidades espirituais e materiais de seus fiéis no mundo contemporâneo e da sociedade capitalista, o que abre espaço para a concretização de novas possibilidades religiosas, assim como lógicas de organização simbólicas.

De acordo com pesquisas na área de Sociologia da religião no Brasil, a maioria das pessoas que abandona a doutrina torna-se, em seguida, protestante. Existem raros casos de pessoas que deixam a religião para se tornarem ateus, ou algum seguimento desvinculado de instituições religiosas. O protestantismo, por sua vez, exerce todo um trabalho ativo por parte dessa nova geração de pastores que se especializam em atrair pessoas insatisfeitas espiritualmente, e com extrema necessidade de acolhimento divino

para que possam ter forças para manter esperanças. O neopentecostalismo atualmente já é considerado um fenômeno eclesialístico por seu enorme crescimento na América Latina. Apesar de ter templos espalhados por todo o Brasil, têm como centro de expansão o Rio de Janeiro (PRANDI, 1999; JARDILINO, 1997).

1.1 O “Neo” Pentecostalismo

A imensa variedade de formas de ser pentecostal, de se interpretar a Bíblia, de se adaptar à sociedade contemporânea, manifestar a doutrina em hábitos, costumes, vestimentas, posicionamentos ideológicos, entre outros elementos, levou a necessidade de se definir as igrejas pentecostais.

São inúmeras as denominações que buscam definir e caracterizar as novas formas das igrejas pentecostais de se comportarem e atuarem. Entre as conceituações, podemos destacar: pentecostal de terceira onda (FREESTON, 1994), pentecostal de cura divina (MENDONÇA, 1992), pentecostal autônoma (BITTENCOURT, 1994), neopentecostal (ORO; 2003 e MARIANO, 1999), pós-pentecostal (SIEPIERSKI, 1997), neopentecostal de supergeração (MARANHÃO F., 2010).

A primeira vertente pentecostal no Brasil é chamada pentecostalismo de primeira onda (FREESTON, 1994), ou pentecostalismo clássico (MARIANO, 1999) e seria o período entre 1910 e 1959, que acompanhou desde a “implantação da Congregação Cristã do Brasil (São Paulo, 1910) e da Assembleia de Deus (Belém, 1911), até sua difusão por todo o país” (MARIANO, 1999, p. 30). Essas igrejas apresentavam como características marcantes o uso da glossália³ a recriminação de certos comportamentos e costumes considerados profanos e mundanos e a crítica a outras religiões como o catolicismo, o espiritismo e principalmente religiões de matriz afro-brasileiras.

O chamado pentecostalismo de segunda onda se diverge da primeira principalmente em relação à visão de mundo secularizada, na qual houve maior aproximação de certas igrejas ao mercado e à mídia, na qual muitas igrejas passaram a comercializar produtos, se mediatizar (com o uso de meios de comunicação de massa como a rádio e a televisão), realizar eventos como shows e promover encontros

³ Fenômeno religioso que faz pessoas falarem línguas estrangeiras.

religiosos. Houve de fato uma ressignificação da manifestação religiosa e a forma de se ser religioso no mundo secularizado.

Outro elemento de igual importância a ser observado, é o fato de que a corrente pentecostal, que era um movimento considerado como sendo de modo geral uma “renovação das igrejas” tradicionais, passou a se fragmentar, gerando diversas ramificações com doutrinas diferentes (FREESTON, 1994), que passaram a concorrer entre si.

A partir deste contexto, passam a surgir novas denominações que lidam de forma ainda mais diferente na relação entre religião e mundo. Seria o pentecostalismo de terceira onda. A dificuldade aparece pela inviabilidade de encaixar diversas igrejas em apenas dois campos da tipologia essencialmente pentecostais: “pequenas seitas” e “igrejas de mediação” como ressalta o sociólogo Ricardo Mariano (1999).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não distingue dentre as religiões evangélicas nenhuma vertente, portanto, a denominação “religião evangélica” abrange alguns seguimentos como pentecostais, neopentecostais, entre outras, segundo a nomenclatura vigente. Segundo o IBGE, em 2000, as igrejas evangélicas contam com 26, 184, 981 de adeptos no Brasil, o que equivale a 15,42% da população brasileira. Em 1990, 8,98% da população brasileira era evangélico, o que equivale a 13.189,284 fiéis, sendo que 65,1% desses evangélicos eram pentecostais e neopentecostais. Durante a década de 1990, a velocidade de crescimento da Igreja Evangélica foi quatro vezes maior que a da população brasileira. Atualmente, a partir dos dados do IBGE, ela se encontra em torno dos 19% da população brasileira, ou seja, mais de 36 milhões de fiéis.

Ao mesmo tempo, cresceu o contingente de “trabalhadores da fé”, ministros de confissão religiosa e serviços dos rituais evangélicos que organizam o trabalho da fé nas igrejas evangélicas no Brasil. A partir deste contexto, surgem diversas formas complexas de trabalho, divisão de trabalho e organização no interior dos templos pentecostais e neopentecostais, acarretando em “carreira” eclesiástica. Observe o gráfico a seguir:

Período	População Brasil	Crescimento	Evangélicos	Porcentagem	Crescimento
1890	14.333.915	-	143.743	1%	--
1940	41.236.315	287,68%	1.074.857	2,61%	648,00%
1950	51.944.397	25,97%	1.741.430	3,35%	62,02%
1960	70.191.370	35,13%	2.824.775	4,02%	62,21%
1970	93.139.037	32,69%	4.814.728	5,17%	70,45%
1980	119.002.706	27,77%	7.885.846	6,63%	63,79%
1991	146.825.425	23,38%	13.189.284	8,98%	67,25%
2000	169.779.170	15,63%	26.184.941	15,42%	98,53%
2010	192.000.000	13,09%	36.480.000	19%	39,32%

Fonte IBGE - autoria da tabela: João Cruzué / Blog Olhar Cristão - abril.2009

(GRÁFICO 01)

O neopentecostalismo é visto como um fenômeno dentro do âmbito religioso, apresentando uma expansão gradativa e constante. As igrejas neopentecostais expressam grande diversidade de atividades religiosas e empresarias, utilizando recursos próprios da modernidade para se difundirem, dessa forma dominam grande parte da mídia com programas teológicos. Seus discursos semelhantes a uma terapia de “autoajuda” contêm elementos da psicologia que funcionam como atração para pessoas cansadas de doutrinas rigorosas e rígidas, que se baseavam em proibições e regras. Ao contrário, a maioria das neopentecostais oferece acolhimento, através de uma postura mais “aberta”, realista e terrena.

Uma das principais características das igrejas neopentecostais é a adoção do modelo de organização empresarial que está presente em praticamente todas as instituições neopentecostais, expressando sua maior distinção enquanto vertente diversa do pentecostalismo, em ruptura com os tradicionais sectarismos e ascetismos pentecostais. Passam a utilizar muitos elementos racionais, como o que Weber se refere (2001), para aumentar sua participação no mercado, que no caso é um mercado religioso. As igrejas neopentecostais apresentam em seu discurso o incentivo a uma vida aqui e agora, visando à prosperidade e a vitória profissional e pessoal. Em determinados cultos incentivam o trabalho empreendedor e o desenvolvimento individual no trabalho,

ou seja, apresentam grande participação motivacional na vida de pessoas muitas vezes sem percepções de novas possibilidades.

Há grandes investimentos em atividades empresariais, políticas, culturais, assistenciais, e estão cada vez mais influenciando as outras vertentes de igrejas evangélicas devido a seu imenso sucesso e aumento do número de fiéis. Essas igrejas oferecem “ajuda espiritual”, pois afirmam que o fracasso seria coisa do Diabo, desprezando-se a origem histórica e material destas necessidades e demandas. Um exemplo disto é uma afirmação que R. R. Soares e Edir Macedo, dois dos principais protagonistas de igrejas evangélicas, fizeram sobre a extensão da “ação demoníaca” no Brasil “Agindo na religião, são os culpados pelo fato de o Brasil não ser um país bem mais desenvolvido” (MACEDO,1988).

Deus é colocado como terapeuta e a igreja como mediadora. Os problemas sociais são transferidos para o campo espiritual. Sob essa ótica, os cultos neopentecostais podem ser tidos como um momento de fuga das circunstâncias e contradições reais, em que vivências e experiências transcendentais que proporcionam sensações de bem-estar e alívio são oferecidas ao fiel e servem a ele como um momento de felicidade nas quais muitos não experienciam no seu cotidiano devido a exploração no trabalho, as situações de precariedade e necessidade material, além da insegurança da vida contemporânea.

A busca religiosa ganha então um novo contorno, é a busca por um meio de inserção na vida contemporânea globalizada, no mercado de trabalho cada vez mais excludente, e acima de tudo é a busca pela ascensão social (ORO, 2003). A ascensão social não diz respeito somente ao ganho econômico, mas há toda uma construção ideológica sobre um imaginário econômico que promove a competição, criando esquemas de pensamento de mercado. São os valores de uma ética profissional postulada pelo mercado livre neoliberal que se aloja no país principalmente nos anos 1990.

A década de 1990 é caracterizada pela imposição da nova ordem neoliberal no Brasil, com consequências intensas na vida dos brasileiros. A adoção do modelo neoliberal no Brasil começou com o ex-presidente Fernando Collor de Melo e continuou com Fernando Henrique Cardoso. Práticas como a diminuição da presença do Estado na economia, aumento da iniciativa privada, com prioridades para a mobilização empresarial dos recursos produtivos e o desimpedimento da comercialização interna e externa. A taxa de desemprego aumentou consideravelmente devido aos ajustes

neoliberais que desestruturaram o mercado de trabalho, instaurando a precarização, a flexibilidade das relações de trabalho no Brasil, assim como uma considerável deterioração dos mecanismos de proteção social contra o desemprego e a miséria, intensificando problemas que já datam de uma condição precária de existência das contradições sociais históricas. Cresce também a insegurança social e o medo nas grandes metrópoles brasileiras.

Concomitantemente, criam-se mecanismos para manter e fortalecer uma ideologia baseada em valores econômicos. A mídia é voltada para produzir e reproduzir esse imaginário. Há toda uma ideia de incentivo e interesse econômico, na qual é promovido “ensinamentos de sucesso” (BOLSTANSKI e CHIAPPELO, 1999) que passam a ideia de esforço individual e mérito próprio.

Diante deste contexto incerto da “década neoliberal”, complexificam-se as relações e o nível de sociabilidade, intensificando-se também as crises individuais e subjetivas. As formas de produzir e reproduzir a vida se diversificam, surgindo também novas formas de consumo material e simbólico, na qual envolve as maneiras de experienciar a religião. Esse cenário cria mudanças internas no campo religioso, como o surgimento de igrejas de diferentes denominações que passam a oferecer soluções para enfrentar os problemas pessoais decorrentes dos sacrifícios impostos à população pelas mudanças sociais ocorridas na “década neoliberal”. Os indivíduos passam a procurar instituições que contemplem suas necessidades espirituais e as oriente diante da situação de precariedade social. A igreja como esfera simbólica da sociedade se apresenta como produtora e ao mesmo tempo produto. Como podemos observar nos escritos de Karl Marx sobre a religião, na qual consideramos aqui ainda atual:

A angústia religiosa é ao mesmo tempo a expressão da dor real e o protesto contra ela. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, tal como o é o espírito de uma situação sem espírito. É o ópio do povo (MARX, 2010; p. 304).

Para Marx, a religião expressa também um protesto e resistência do oprimido contra a angústia existencial, que advém em última instância da miséria material. A igreja, embora tenha se submetido à racionalização burocrática na qual envolve metas, estratégias, meios de maximizar seus benefícios e alcançar de forma eficaz seus objetivos, é hoje o local onde os indivíduos podem se refugiar dessas relações, encontrando abrigo emocional. As igrejas mais do que nunca apresentam o sentido de

uma comunidade com laços fortes e estáveis, que une e fortalece um grupo, como uma comunidade da fé que protege os indivíduos do que Durkheim (1970) chamaria de anomia social.

Peter Berger (1984) sustenta também a perspectiva que considera a religião como uma ferramenta de integração moral da sociedade, cuja função primordial se perdeu e se degenerou. As principais críticas que essa teoria recebe é a de que essa análise do comportamento dos indivíduos é insuficiente, pois não considera os valores dos indivíduos (Hechter, 1997) adquiridos a partir de um contexto social (Sherkat, 1997) e tampouco considera o status, a mobilidade social e as normas grupais (Shertak e Wilson, 1995). O que ocorre é que, de fato, há um pluralismo religioso que possibilita uma maior diversidade de religiões que passam a competir entre si, essa competição acarreta em uma dinâmica de mercado que abrange uma complexa rede de relações e que oferta e possibilita diferentes formas de se relacionar com o sagrado na sociedade contemporânea.

A mudança no papel e função da igreja na esfera social tem influência no processo pelo qual setores da sociedade e da cultura se subtraem à dominação das instituições e símbolos religiosos tem relação direta com uma determinada secularização da consciência. Porém, essa secularização ocorre no plano burocrático principalmente, ocorrendo que os vestígios de uma concepção religiosa de mundo permanecem fortes e cada vez mais presentes.

A questão central é o porquê as pessoas buscam a religião atualmente, pois o fenômeno de “reencantamento do mundo” não é um movimento dissociado de outras questões, expressa necessidades materiais que são buscadas em igrejas. A crítica aqui se faz não em relação à religiosidade e sim sobre a forma como algumas igrejas pentecostais, e principalmente neopentecostais, se apropriam do contexto de crise social, utilizando a aflição de pessoas e famílias a seu favor.

Utilizam a imagem de Jesus Cristo, relacionando-a aos problemas terrenos, e através de métodos psicológicos incentivam a busca da prosperidade na terra, o desenvolvimento profissional e o ganho de bens materiais, atribuindo a Deus todo sucesso individual. Esta é a chamada “teologia da prosperidade”. Segundo Mariano, “a posse, a aquisição e exibição de bens, a saúde em boas condições e a vida sem maiores problemas ou aflições são apresentados como provas da prosperidade do fiel” (MARIANO, 1999).

Porém, este quadro mudou. Atualmente, as neopentecostais apresentam uma expansão que vai além das “classes desprivilegiadas”, atingindo também as “classes médias”. Além da promessa de ascensão social que busca disseminar nas novas gerações, os discursos neopentecostais ajudam a desenvolver e a recuperar nos fiéis a autoestima e a auto segurança, sem deixar de relacioná-las ao divino. Porém, em comparação com doutrinas mais tradicionais, essa vertente apresenta uma desmistificação de mitos e maior racionalização.

As neopentecostais apresentam uma enorme diversidade em relação ao perfil de fiéis, envolvendo jovens e grupos sociais que até então não participavam de nenhum segmento religioso. Há uma inserção neopentecostal entre inusitados estratos e grupos sociais, como artistas e atletas, que aproveitam sua influência dentro da mídia para divulgar e glorificar a doutrina de suas respectivas igrejas, gerando grande influência sobre seus fãs. A grande preocupação com imagens e aparências mostra o caráter fetichista⁴ dessas novas doutrinas, que se baseiam na imediatividade dos fatos, na urgência dos resultados como principal motivação. A superficialidade das questões a serem trabalhadas e superadas demonstra que as novas igrejas compartilham e incentivam a dinâmica rápida e fugaz da vida contemporânea. A partir disto é possível identificar uma recusa da história, retirando dos indivíduos toda possibilidade de transformação real e depositando as expectativas em fatores externos, sobrenaturais, abstratos e desvinculados.

O espaço que as igrejas neopentecostais ocupam nas rádios e na televisão - e atualmente na internet - é um fator determinante para a manutenção de sua influência sobre as pessoas. De forma acessível, propagam sua doutrina e se inserem na vida das pessoas de maneira sutil e discreta, de forma que os indivíduos tem contato com a religião dentro de casa, confortavelmente, e assim tornam o ato religioso como algo imerso em seu cotidiano. Transformar o culto na religião do dia útil é naturalizar as práticas religiosas inserindo-as na vida cotidiana, é o mesmo que aprisionar o indivíduo ao imediato, ao fenômeno, gerando uma pseudoconsciência, assim o alienando do todo. O caráter diário de um determinado ato o torna muitas vezes imutável, concreto, inflexível, pois “(...) a cotidianidade é o mundo fenomênico em que a realidade se manifesta de certo modo e ao mesmo tempo se esconde” (KOSIK, 1986, p. 72).

⁴ Conceito utilizado por Karl Marx (2008) sobre como as mercadorias passam a ganhar autonomia sobre a vida dos indivíduos.

Com tal lógica, ao contrário do que muitos autores afirmavam, a religião não acabou e ainda se fortaleceu e se deslocou para outras esferas. A partir da década neoliberal, o Brasil tornou-se um país exportador de novas organizações religiosas. Estas novas organizações religiosas mobilizam milhões de fiéis e arrecadam milhões de dólares em contribuições voluntárias (o dízimo). O dízimo é o “princípio da reciprocidade”, a que Marcel Mauss (1974) se refere em “Ensaio sobre a dádiva”, crença popularmente conhecida com o ditado “é dando que se recebe”. O dízimo é uma representação simbólica do sacrifício a que o fiel se submete perante Cristo, é o “sangue da igreja”, expressa na vida material.

A lógica do dízimo parte do princípio de que quanto mais sacrifício o indivíduo oferece em nome de Deus (ou seja, quanto mais dinheiro ele doa para a Igreja), mais retorno poderá esperar. Este retorno se expressa através de bens materiais, na qual os Neopentecostais tanto ambicionam. Ao doar dinheiro à igreja, os fiéis fazem um “compromisso com Deus”, passando a ter direitos também. Ao provar sua fidelidade a Deus, podem exigir dele uma prova de sua grandeza e pedirem a prosperidade como quem reivindica um direito. É a chamada “Teologia da Prosperidade”, como trataremos mais de forma detalhada mais adiante.

Considerando este contexto, as organizações religiosas neopentecostais se desenvolvem como complexos industriais da fé. O que significa que elas possuem uma organização do trabalho que visa, de certo modo, arrecadar dos fiéis, capital-dinheiro, além de cumprir, é claro, com suas funções religiosas propriamente ditas, é como uma troca de serviços (ORO, 1993). Seguindo a linha de raciocínio que pretendemos desenvolver, trataremos as igrejas neopentecostais como instituições, na qual remete a ideia, neste contexto, de Organização Industrial. Isto significa ter em vista o dízimo como uma reprodução da mais-valia, uma vez que todo o trabalho exercido para que seja necessária a atração dos fiéis se converte mais tarde em extração de lucro, ou seja, contribuições financeiras mediadas por cultos e discursos de ordem mística, ocultando diversas facetas deste processo. O que nos interessa, na presente pesquisa, é investigar este processo, o desempenho do trabalho desenvolvido no interior destas instituições, na qual envolve uma suposta carreira de pastor e a ideologia reproduzida através do discurso e doutrina da Teologia da prosperidade.

Como toda organização complexa do trabalho, a organização religiosa implica um processo de trabalho constituído por um contingente de ministros de confissão

religiosa (pastores) e serviços dos rituais religiosos, “trabalhadores voluntários” ou trabalhadores da fé que prestam serviço à igreja; ela implica também meios de trabalho, composto pelos templos religiosos ou locais de culto da organização religiosa; além do conjunto de utensílios que compõem os ambientes de devoção; e os objetos de trabalho, a matéria-prima da fé que são os frequentadores da igreja, os crentes, cujos carecimentos os levam a participar dos cultos evangélicos. Esta organização do trabalho religioso implica ainda relações de trabalho dos pastores e serviços da fé com um tipo específico de contrato de trabalho, considerado “trabalho voluntário” (o que não configura, segundo a jurisprudência vigente, vínculo empregatício); e um modo de remuneração salarial e jornada de trabalho com métodos de gestão específicos utilizados na organização do trabalho da fé.

1.2 Doutrina neopentecostal

A vertente neopentecostal é fruto do pentecostalismo, e como o próprio prefixo “neo” já indica, é uma reformulação deste. O pentecostalismo chegou ao Brasil em 1910 (MARIANO, 1999) e é uma consequência da Reforma protestante ocorrida no sec. XVI. O pentecostalismo imerge do cristianismo, porém adota outro posicionamento diante do mundo terreno, e outra interpretação da bíblia, com poucos vestígios restantes da doutrina cristã. Acreditavam veementemente na guerra Santa, na qual consiste na luta de Deus contra o Diabo, na cura divina, e na glossália, fenômeno religioso que faz pessoas falarem línguas estrangeiras. O pentecostalismo, de acordo com as tipologias recentes, se distinguiu em três vertentes: pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo.

O neopentecostalismo, que é a vertente trabalhada em nossa pesquisa, se inicia na segunda metade dos anos 70, crescendo e se fortalecendo no decorrer da década de 1980. Houve grande reformulação deste então, “ampliando sua diversidade teológica, eclesiológica, institucional, social, estética e política (...)” (MARIANO, 1999). Distingue-se da origem pentecostal por sua adaptação à sociedade, desprezando antigos costumes rígidos como exigências do vestuário, comportamentais, postura ética perante a sociedade, renuncia aos prazeres mundanos, os quais eram compreendidos como ciladas do Diabo, e o abandono da glossália. O velho estereótipo do crente, pregado pelas Pentecostais foi aos poucos abandonado pela nova vertente, que reformou as

formas de louvar a Deus, os meios para o fazerem e para atrair fiéis. Não somente não recriminam os prazeres da vida na terra, como também incentivam os ditos “pecados” mundanos, como o consumo, o prazer carnal, o sucesso e a aquisição de bens materiais. Porém, partem do princípio da guerra contra o Diabo como principal ponto de sua doutrina, mantendo a antiga postura de luta contra o mal como meio de chegar a Deus, o bem.

Ari Pedro Oro (1993) identifica o termo neopentecostalismo como “pentecostalismo autônomo”, assim como Mendonça (1992). Segundo Oro, as igrejas neopentecostais promovem a expressividade emocional, se apropriam de meios de comunicação em massa para espalhar sua doutrina, enfatizam rituais de cura e magia, se organizam nos moldes de empresas, adotando técnicas de marketing e retiram dinheiro dos fiéis ao “colocar no mercado religioso bens simbólicos que são adquiridos mediante pagamento”. Isto significa que as igrejas neopentecostais estão imersas na lógica de mercado de forma intensa, de acordo com Ricardo Mariano:

Quanto menos sectárias e ascéticas e quanto mais liberal e tendente a investir em atividades extra-igreja (empresariais, políticas, culturais, assistenciais), sobretudo naquelas tradicionalmente rejeitadas ou reprovadas pelo pentecostalismo clássico, mais próxima tal hipotética igreja estará do espírito, dos ethos e do modo de ser das componentes de vertente neopentecostal. (MARIANO, 1999; p. 37)

Nas igrejas neopentecostais não há homogeneidade teológica definida, cada igreja determina sua própria doutrina e a defende como bem entender de acordo com suas normas e crenças impostas, difundindo diversos elementos em seu ritual. Dessa forma, a identificação da origem das crenças, das práticas, seu valor e significado se torna mais difícil. É necessário contextualizar as transformações ocorridas na sociedade, para assim compreender as mudanças e rupturas que ocorreram no interior das religiões.

Os pentecostais se posicionavam contra o mundo, afirmando que este contaminava a essência divina do homem, o afastando de Deus:

[...] Na linguagem cristã escrita, a palavra ‘mundo’ adquiriu conotações pejorativas (*mundus* / *immundus*), divergentes das formulas gerais da teologia (...) O título de ‘Príncipe deste mundo’, atribuído ao Diabo no Novo Testamento, corroborava essas ideias. (KOLAKOWSKI, 1985; p.10)

Já para os neopentecostais, o mundo é o espaço onde se pode realizar os bens que Deus lhes proporcionou, afirmando e aceitando este mundo terreno e a vida carnal, em vez de rejeitá-lo. Deus só tem uma única exigência aos seus seguidores, o devido pagamento do dízimo. As religiões passam, portanto, a pertencerem ao mundo terreno, à vida material, e é através desta que se manifesta. Nesse sentido, a aquisição material ganha extrema importância na demonstração da fé e devoção.

A “Teologia da Prosperidade” funciona como método de incentivo material, estabelecendo uma estreita relação entre o sucesso econômico e a disciplina religiosa do fiel, um como consequência do outro. Isso expressa como o neopentecostalismo trouxe à vida terrena o poder divino. Segundo a tese de Weber ⁵, as consequências morais e sociais que a conversão religiosa traz podem estar relacionadas ao desenvolvimento econômico de determinada sociedade.

Os neopentecostais acreditam que “o reino dos céus é hoje” ⁶, a prosperidade e o paraíso se concretizam na vida material, e que a palavra humana, associada a fé, faz acontecer coisas neste mundo:

Sua afinidade com o capitalismo nada tem a ver com a crença no trabalho como vocação, nem com o ascetismo intramundano. Embora não conduza à formação de poupança, baseia-se na defesa da prosperidade como algo legítimo e mesmo desejável ao cristão, no estímulo ao consumo e progresso individual e em acentuado materialismo. (MARIANO, 1999, p. 185)

As igrejas neopentecostais permitem a relação com a vida “mundana”, se distinguindo da postura pentecostal clássica. Como afirma Ricardo Mariano:

Não bastasse esses notórios tipos de acomodações à sociedade, os neopentecostais, adeptos da teologia da prosperidade, querem enriquecer, ‘armazenar tesouros na terra’, consumir bens de luxo e gozar, felizes e despreocupadamente, de suas posses materiais. (MARIANO, 1999, p. 227)

Expressam uma ruptura com o comportamento tradicional do fiel, utilizando o argumento de que o rigor e a excessiva preocupação com o vestuário ou a restrição

⁵ WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo, Pioneira, 1983.

⁶ Paulo De Veloso, pastor da Universal, Isto É Senhor, 22/11/1989.

comportamental fazem o indivíduo desviar a atenção ao que realmente tem importância, o estudo da Bíblia, a dedicação de sua fé e amor a Deus, para o combate na luta contra o Diabo. Todos os males do mundo são atribuídos a essa guerra que transcende o mundo físico, desprezando a história e retirando do sujeito seu poder de transformação da realidade. Consideram-se um verdadeiro exército de Deus.

Essa postura expressa a inserção e acomodação dessas novas igrejas na sociedade. Ao contrário do que ocorria antes, passam a atrair extratos diversos da população, principalmente da classe média, como atletas, modelos, atores, empresários, políticos, entre outros perfis inusitados, “anseiam por respeitabilidade social, poder político e econômico” (MARIANO, p. 232). A Igreja Bola de Neve é famosa por agregar figuras da televisão, do meio esportivo e artistas televisivos de um modo geral, utilizando esta característica como marketing para atrair novos fiéis interessados em uma igreja “descolada” e moderna. É uma igreja baseada na representação, o que Guy Debord (1997) chama de “espetáculo”, um mundo guiado pelas aparências, que constitui o modelo dominante na sociedade de consumo. Utilizando esta concepção, é a partir deste meio que se difunde na sociedade do consumo de imagens e mercadorias, onde até mesmo a fé se tornou um objeto a que as pessoas devem possuir, através do ato da compra, para chegarem a um determinado fim. É o que podemos considerar como a instrumentalização do sagrado.

Isto demonstra, primeiramente, que essa religião está agora preocupada com este mundo, no entanto adotando uma postura individualista, desvinculada do social, da comunidade, se tornando uma religião da vida privada. Apesar de apresentarem grande participação na esfera da política, não demonstram grande interesse em problemas em relação às contradições sociais ou desemprego, por exemplo, afinal, são problemas atribuídos por eles a causas divinas. Seu engajamento na esfera política visa a conquista de poder e atendimento dos interesses das causas evangélicas e da instituição. Em seus cultos, não se atentam a projetos sociais ou com perfil de militância política, visam se ajustarem às demandas sociais interessadas na resolução de problemas cotidianos e pessoais, e satisfação de desejos materiais, funcionando como pronto socorro espiritual especializado na venda de “bens de salvação” (MARIANO, 1999).

Este é um ponto importante no tocante à relação e incorporação ao sistema capitalista, uma vez que a desarticulação do coletivo é um dos princípios bases que sustentam a ideologia neoliberal, retirando o senso da atuação coletiva como práxis

revolucionária. As igrejas tradicionais, principalmente a Igreja Católica, sempre promoveram em sua doutrina formas de atuação em grupo, visando o bem da comunidade. Esta postura entra em choque diretamente com o novo comportamento da sociedade moderna, que cada vez mais individualiza e fragmenta as formas de sociabilidade.

A Igreja Católica é a instituição religiosa que mais perdeu fiéis nas últimas décadas, porém, continua sendo a maior de todas as religiões ocidentais. Este fato pode ser explicado devido à tradição a que as pessoas são inseridas, embora não apresentem perfil de um fiel praticante, de acordo com pesquisas⁷, continuam se afirmando católicos. As pessoas se identificam católicos, assim como se identificam brasileiros, há uma grande carga cultural e um sentido social muito expressivo dentro da religião. A religião muitas vezes passa de crença individual para obter um sentido cultural, coletivo, ou seja, não é a fé que incentiva a mobilização religiosa, mas a coerção que os indivíduos sofrem diante da cultura da religião, sendo inseridos a hábitos e tradições muito mais fortes do que o sujeito individual. Por este motivo, devido a não atuação real, há a distinção entre “católicos praticantes” e “católicos não praticantes”, pois “ser devoto não é estar praticando algum ato de devoção, mas ser capaz de praticá-lo” (GEERTZ, 1978; p.10).

O catolicismo, embora ainda seja a maior religião do Brasil, continua perdendo fiéis a cada ano. A igreja católica pode ser considerada um “doador universal”, pois ex-católicos migram para todas as religiões possíveis, estabelecendo um trânsito religioso extremamente flexível, no qual há uma grande mobilidade entre religiões. Os neopentecostais, por sua vez, podem ser considerados receptores universais, pois apresentam grande índice de incorporação de pessoas provindas de outras religiões.

1.3 A igreja Bola de Neve

A Igreja Bola de Neve foi fundada em 1999 pelo pastor, hoje chamado de “apóstolo”, Rinaldo Luiz de Seixas Pereira, que até então era responsável pelo ministério de Evangelismo da igreja “Renascer em Cristo”. Até 1994 a Igreja Bola de

⁷ Revista Scielo:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010288392001000300012&lng=pt> Acesso em 01/09/2012.

Neve era apenas uma extensão da igreja “Renascer em Cristo”, na qual desenvolvia, além dos cultos comuns, também atividades evangelísticas, com alguma relação com esportes radicais e promovia eventos de caráter jovem. O número de pessoas que frequentavam essas reuniões direcionadas a grupos específicos de jovens foi se expandindo, de forma que resultou no surgimento de uma igreja independente, a Bola de Neve.

Nascido em uma família de formação batista, o pastor Rinaldo Pereira nega qualquer tipo de conflito com a antiga igreja e afirma no website da Bola de Neve que a desvinculação ocorreu por mudanças que resultaram na necessidade de dedicação maior ao novo público jovem que surgia e crescia procurando a salvação de uma forma diferente. Rinaldo levou muitos elementos da Igreja Renascer para a BDN, como por exemplo, a flexibilização da doutrina e a informalidade do discurso, visando a atração de um público jovem.

Em entrevista com Rinaldo Seixas, ele afirma:

Sei que os dogmas da igreja tradicional afastam a moçada da religião. Criei um local em que todos se sentissem à vontade e tivessem contato com a palavra de Deus [...] Não foi estratégia de marketing, ficou simplesmente a cara da liderança. Mas é claro que esse visual ajuda a quebrar estereótipos, principalmente daqueles que tinham aversão à igreja e à religiosidade. Aqui a identificação dos jovens com a igreja é muito grande, aqueles que estão pegando onda com eles no domingo são os mesmos que no sábado estão pregando ou estão na liderança da igreja. (DANTAS, 2006, p. 129)

Os frequentadores da Igreja Bola de Neve vem crescendo entre os jovens, especialmente os que frequentam, por exemplo, o litoral do Estado de São Paulo, e gostam de esportes radicais. Em cidades do interior, na qual não é possível praticar o *surf*, os frequentadores da igreja se consideram “skatistas”, tudo voltado para a diferenciação da Instituição. O pastor Rinaldo Pereira, ou Rina, como é conhecido, é surfista desde a adolescência, convertendo-se depois de enfrentar uma situação “de vida ou morte” provocada pelo abuso de drogas, tendo como agravante uma hepatite C, durante o Carnaval de 1992. Tem formação acadêmica no curso de Propaganda e Marketing e pós-graduação em Administração. Rinaldo Pereira fundou a igreja que tem como intuito atrair um público ainda não contemplado por outras igrejas existentes no “mercado da fé”: os jovens.

Desde sua fundação, a BDN foi se modificando, adaptando seu perfil a novos segmentos. No início se debruçava prioritariamente ao público surfista. Posteriormente, abrangeu seu mercado para outros públicos, ainda abarcando os jovens, como *skatistas*, *rockeiros*, pessoas “alternativas” ao convencional, muitos universitários, pessoas jovens de uma forma geral. Com base na pesquisa de campo, pude observar que em cidades menores e do interior de São Paulo, como Araraquara e Marília, o público frequentador da igreja é bastante diversificado, variando em relação à faixa etária (muitas mães e avós participam dos cultos), estilos e gênero, porém, a maioria dos frequentadores continua sendo jovens com até trinta anos de idade.

Conforme a igreja cresce, seu público também se modifica, e o perfil de pessoas que buscam a igreja ganha novos contornos. Rina explica o nome: “Bola de Neve é porque eu sabia que seria uma coisa que cresceria. Church porque era como os primeiros frequentadores, esportistas que costumam usar muitas palavras em inglês, chamavam carinhosamente o templo. Acabei incorporando”, conta o pastor. (PEREIRA; LINHARES, 2006, p. 82).

O primeiro culto da Igreja Bola de Neve foi realizado no auditório de uma das maiores grifes de moda *surf* do país (*Surfwear*), onde Rinaldo trabalhava como representante de vendas. “Foi aí que a prancha de *surf* virou púlpito, porque eu não tinha nem onde apoiar a Bíblia”, conta ele⁸. A imagem de juventude, esporte, saúde que o ambiente transmitia foi adequado à proposta da nova instituição que surgia, e em meio a isso o pastor Rinaldo Pereira utilizou uma prancha de *surf* para apoiar a Bíblia. Isso foi definitivo para a formação da identidade da igreja.

A Igreja Bola de Neve mantém vestígios pentecostais, que se baseiam em segmentos protestantes e principalmente características da nova ordem neopentecostal, porém, se diferencia de qualquer outra igreja do ramo por apresentar uma proposta inovadora e não convencional, inaugurando no mercado da fé, serviços e bens de salvação para a geração dos esportes radicais voltados principalmente para a nova geração. Nesse sentido, é interessante observar que o fato dos frequentadores serem em sua maioria jovens, gera determinado trânsito religioso de fiéis que mudam a cada período, estando a igreja sempre com “cara nova”, pessoas novatas e recém-inseridas na religião. A igreja funciona como uma “iniciação” na vida religiosa, muitos jovens que

⁸ Declaração extraída do website da Igreja Bola de Neve Church: <www.boladeneve.com.br>. Acesso 10/10/12)

entram para a Bola de Neve não haviam tido contato com outra religião anteriormente, ou somente com o catolicismo, fato que é considerado por eles algo nulo, tendo em vista que o catolicismo faz parte da sua criação, dos seus costumes, mas não a consideram como sua religião oficial.

A linguagem usada nos cultos da Igreja BDN foi reformulada para estabelecer uma comunicação adequada ao perfil dos fiéis e aproximá-los a igreja, com o objetivo também de manter uma descontração na relação entre pastor, pregador da palavra e ouvinte, propondo uma suposta ideia de liberdade, na qual jovens se identificam, mesmo que essa posição liberal camufle um conservadorismo e moralismo mantido dentro da doutrina.

Maranhão F^o explica que:

O *discurso derretido* da BDN é percebido de algumas formas: se comparada a outras agências evangélicas, ela é mais flexível em relação ao uso de vestimentas, tatuagens e adornos. O discurso não verbal da agência, relacionado à decoração interna e externa do ambiente, agencia a ideia de informalidade. É comum o uso de uma linguagem coloquial/informal observada em pregações, conversas com crentes da igreja e material de divulgação da mesma. Para se adequarem à sociedade fluida do tempo presente, ou da *modernidade líquida*, agências religiosas de supergeração⁹ como a BDN têm primado em *falar a linguagem* do seu público, estimulando a aquisição de discursos e mercadorias, aumentando seu *capital simbólico*¹⁰ e conquistando maiores fatias do mercado (MARANHÃO F^o, 2013a, p. 102).

Entretanto,

Em movimento (aparentemente) contrário ao da fluidez, as práticas eróticas e afetivas dos/as fiéis recebem intenso policiamento – um *discurso congelado*. Tal regulação, que reforça a autocensura e a culpa em relação ao pecado, é entendida por boa parte dos/as frequentadores/as da BDN como algo positivo e desejável: o discurso da agência, por mais rígido que seja, só continua existindo porque há uma demanda para isto. A solidificação do discurso também caracteriza-se pelo uso enrijecido de doutrinas como do domínio, cura/libertação, saúde perfeita, prosperidade e batalha espiritual (MARANHÃO F^o, 2013a, p. 102).

⁹ Para o autor, *neopentecostalismo de supergeração* relaciona-se ao fenômeno do uso das mais contemporâneas formas de mídiatização (especialmente da internet) pelas “igrejas neopentecostais” (MARANHÃO F^o, 2010a).

¹⁰ Termo aqui entendido no sentido de Bourdieu de “prestígio, carisma e sedução”, relacionado às “relações de troca através das quais esse capital se acumula” como “troca de serviços, dádivas, atenções, cuidados, afeição” (BOURDIEU, 1996).

A igreja se diferencia no amplo mercado da fé ao oferecer serviços e bens de salvação direcionados principalmente à juventude, e tendo como principais nichos mercadológicos as pessoas esportistas, e em algumas cidades, também o público universitário¹¹ (mas não se resumindo somente a estes). Narrando o interesse da igreja no segmento universitário, por exemplo, e exemplificando a partir da Bola de Neve Floripa, Maranhão F^o diz que,

Com a mudança da sede, em 2010, do Rio Tavares para a Trindade, onde está a UFSC, os esforços para a conquista das/os universitárias/os se intensificaram, tendo como consequência a substituição/renovação de grande parte dos/as fiéis. Inicia-se um processo de *negociação* entre a manutenção e o “resgate” de um público (surfistas, skatistas e afins) e a adesão de outro (universitários/as), demonstrando um *trânsito entre-mercados e entre-segmentos* (...) A conquista de estudantes da universidade, através da mudança da sede e da oferta de um novo *produto (serviço)* religioso, a *Célula UFSC*, demonstra um marketing de guerra santa que *se liquefaz* em direção a nichos de mercado (MARANHÃO F^o, 2013, pp. 98-99).

Parte importante deste *marketing de guerra santa* (MARANHÃO F^o, 2012) da BDN está no discurso da mesma. A linguagem usada nos cultos da igreja procura atrair e manter fiéis-consumidores/as, marcando-se por um discurso descontraído e pela informalidade na relação entre líder e frequentador/a.

Eduardo Maranhão denomina a estratégia de atuação da igreja como sendo um “marketing de guerra santa”. Marketing de guerra é um conjunto de formas de agir no mercado que se assemelham diretamente à atuação em uma guerra. As empresas atuam como “atacar pela frente e pelos flancos sua concorrência, defender suas posições e o momento de fazer guerrilha.”¹² Segundo Maranhão, o crescimento da BDN se associa a segmentação na qual as igrejas se utilizam de determinado marketing para se diferenciarem dentro do competitivo mercado de novas denominações religiosas. Esse estado de mercado, por sua vez, surge diante do pluralismo religioso que ocorre no

¹¹ Em cidades que não possuem praias, o alvo da igreja são os *skatistas* e esportistas em geral, mas algo muito nítido em pesquisa de campo em cidades que possuem grandes Universidades é o fato da Bola de Neve se dedicar amplamente para a atração de universitários, vendo estes como um público alvo interessante para compor o perfil da igreja. Foi observado que este grupo, a princípio, oferece maior resistência à conversão (principalmente pelo preconceito embutido na concepção do “crente”), porém, é comum que estes jovens estudantes estejam vulneráveis pelo fato de estarem distantes de suas famílias e muitos passam a frequentar a igreja, mesmo que por curtos períodos em alguns casos.

¹² MARANHÃO F^o. A Bola de Neve avança, o diabo retrocede: preparando Davis para a batalha e o domínio através de um marketing de guerra santa em trânsito. Revista rever, n° 2, jul/ 2012.

Brasil decorrente do processo de secularização que se constitui com a perda do monopólio da Igreja Católica. A partir disto surgem também novos atores religiosos, que são pessoas que transitam entre diversas instituições religiosas e entre religiosidades.

A imagem de uma igreja neopentecostal moderna e flexível em relação a seus valores funciona como um diferencial no mercado da fé e principalmente atrai um público jovem, porém, não se desvincula de ideias tradicionais e ligadas ainda ao pentecostalismo clássico e ao neopentecostalismo. Os discursos com linguagem informal¹³ ocultam posicionamentos tradicionais, como a valorização da estrutura familiar patriarcal, repressão sexual, discursos contra o divórcio¹⁴, a homossexualidade, o aborto, o uso de bebidas, drogas e encontros em lugares ditos “profanos”.

Uma igreja supostamente “jovem” se apresenta no “mercado da fé” como algo inusitado e inovador, correspondendo, deste modo, a uma demanda do campo religioso que não era tão contemplada por outras igrejas. A igreja oferece serviços religiosos que vão desde conforto espiritual, aceitação e acolhimento até produtos materiais, que envolvem uma *grife* que acompanha o estilo surfista e descontraído, e que faz sucesso entre as pessoas que frequentam a igreja. Os produtos são vendidos dentro da igreja e recebem a marca *Bola de Neve Church*. A aparência dos/as fiéis é um recurso muito explorado, embora a igreja se considere desvinculada de estereótipos estéticos.

O Pastor Rinaldo, mais conhecido como Rina, teve a ousadia ou a perspicácia empresarial de lançar no mercado pentecostal, algo que ainda não existia: uma igreja que fosse especificamente jovem, correspondendo, deste modo, a uma demanda do mercado religioso ao escolher um público que não era contemplado por nenhuma religião, ou mesmo o contrário, grupos sociais que eram discriminados e não se encaixavam nos padrões exigidos por outras doutrinas religiosas.

Conceitos e estratégias de marketing são desenvolvidos no interior da Instituição. O produto, o preço, a promoção, ponto de vendas, público e pessoas são os

¹³ Maranhão F^o exemplifica: “Na casa de Deus não tem leite derramado, não tem feijão queimado, não tem arroz ‘unidos venceremos’ amém?” Desta forma o Apê explica as diferenças entre *mundo e igreja* – demonstrando a *coloquialidade/informalidade* como componente do discurso derretido da BDN” (MARANHÃO F^o, 2013a, p. 104). “Apê”, ou “Apê Rina”, é como muitas vezes é chamado o Apóstolo Rina, fundador da Bola de Neve Church.

¹⁴ Em relação ao divórcio, costuma-se citar os versos de 1 Coríntios 7:10-11, que diz: “Todavia, aos casados, mando, não eu mas o Senhor, que a mulher não se aparte do marido; se, porém, se apartar, que fique sem casar, ou se reconcilie com o marido; e que o marido não deixe a mulher”.

principais elementos a que a propaganda se volta em qualquer espécie de comércio¹⁵. As táticas para difundir e ampliar os preceitos da igreja são muito bem arquitetadas, de forma que a igreja cresce pelo mundo. O produto a ser vendido é a ideologia e sua doutrina. A promoção se faz pela imagem jovem a qual a igreja pretende transmitir. Pontos de vendas são os locais que são divulgados cartazes, propagandas de eventos, encontros e divulgação das bandas *gospel*. O público é muito bem definido, de forma que todos os produtos se voltam a este perfil, o caráter jovem e radical. E, por fim, as pessoas são o que constituem qualquer religião, com sua crença e fé.

A igreja mobiliza ideologias próprias da sociedade de consumo, contribuindo para a adequação, permanência e sobrevivência dos seus fiéis no mundo moderno, e não para sua resistência e transformação. É uma forma de adaptação do indivíduo à sociedade pós-moderna, reforçando e incentivando o individualismo e o desvinculamento da sociedade como um todo, pois o fiel passa a se dedicar apenas ao grupo religioso, se afastando de questões sociais. Através da igreja o sujeito se torna “fiel”, doando sua identidade para o coletivo e tornando-se membro de um grupo.

A questão da adaptação e aceitação do mundo é uma das principais características do neopentecostalismo, que veio reformular o caráter das igrejas protestantes históricas, se distinguindo das tradicionais pela crença na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo. Essa nova doutrina prega que Deus é atuante nos dias de hoje, sendo responsável pelos assuntos da Terra, sendo o mundo atravessado por questões sobrenaturais: justificam as circunstâncias de desigualdade e sofrimento e trazem um sentido para as condições. Bourdieu ilustra bem o caráter social das religiões modernas quando afirma: “As teodiceias são sempre sociodiceias” (BOURDIEU, 2007), ou seja, justificam a estrutura social, deixando todos conformados com as circunstâncias.

Sendo a religião o principal sistema de símbolos e linguagem de uma sociedade, tem também o papel fundamental de manutenção da esfera material, pois atua como ferramenta estruturante da percepção do pensamento de mundo e em especial do mundo social. Ou seja, há de fato uma correspondência entre as estruturas sociais e as estruturas mentais, na qual se estabelece através de sistemas de estrutura simbólica (BOURDIEU, 2007). E considerando que a sociedade contemporânea está cada vez mais tendo o

¹⁵ MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. A grande onda vai te pegar: Marketing, espetáculo e ciberespaço na Bola de Neve Church. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

mundo virtual como produtor de novos símbolos e significados, a religião interagindo como essa esfera se adapta no sentido de que sempre trabalhou a ideia de um mundo paralelo para estabelecer suas relações. A internet e a religião são ambas projeções da vida real.

O neopentecostalismo passa então a usar recursos tecnológicos para ressignificar preceitos da bíblia, transportando a religião para o mundo material, se adaptando a ele, reproduzindo-o e justificando-o. Esse processo se constitui através de diversos meios como a reformulação do discurso, espetacularização dos cultos, a adoção de uma linguagem contemporânea e do posicionamento do pastor em relação aos fiéis, sendo uma postura mais informal, posicionamentos flexíveis em relação ao vestuário, entre outras questões que se aproximam do mundo tido hoje como “secularizado”, e que por outro lado pode se manifestar de forma contrária, como a resistência a esta modernização do sagrado, como aponta Peter Berger: “A rejeição e a adaptação são duas estratégias possíveis para as comunidades religiosas em um mundo visto como secularizado” (BERGER, 2001).

Sobre o processo de secularização¹⁶, não há como negar que houve em algum nível um determinado distanciamento de alguns setores em relação à influência dos símbolos e estrutura dos significados religiosos, e conseqüentemente, de um enfraquecimento da dominação destas instituições na vida pública, pois, como aponta Antônio Flávio Pierucci (2006) em seu artigo¹⁷, o weberiano conceito de secularização evoca principalmente a questão da legitimidade da autoridade da igreja, ou seja, há uma grande diferença entre a secularização institucional e a secularização individual. E, o que ocorreu de forma inusitada para alguns autores ansiosos pelo fim da religião, foi uma “revanche do sagrado” (KEPEL, 1991). Mas na verdade a religião não enfraqueceu e muito menos desapareceu, o que ocorreu, principalmente nos países do terceiro mundo (NEGRÃO, 1994), foi uma mudança em relação à concepção do que é religioso e sagrado, e principalmente a forma como se experimenta a religião e a religiosidade na sociedade contemporânea.

¹⁶ Como por exemplo, quando Peter Berger em “Religião e Sociedade” (2000), se retrata do que disse anteriormente em “O Dossel sagrado” (1984) sobre o processo de secularização, afirmando que o mundo após a secularização, houve um processo de dessecularização, pois a religião não só permanece atual, como está cada vez mais forte, pois não houve uma secularização individual e somente institucional. Ou quando Antônio Flávio Pierucci aborda que não houve secularização nos países do terceiro mundo.

¹⁷ “Secularização em Max Weber: Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido” (1998).

A BDN utiliza o espaço virtual, para envolver e conquistar a adesão emocional de fiéis através das mídias e linguagens tecnológicas mais contemporizadas, participando também da TV (midiatizada em horários comprados na tevê aberta), assim como duas rádios *on line*, a Bola Rádio Extreme e a Bola Rádio Worship. É o que Maranhão Filho (2012) chama de *neopentecostalismo de supergeração*, na qual são igrejas que se envolvem integralmente à midiática típica da contemporaneidade. O site da igreja é o coração da instituição. É através do portal na internet que a igreja oferece suas mercadorias, transmite cultos de todos os lugares do mundo, assim como sua rádio (Bola Rádio), emissora de TV (Bola TV), entre outros produtos.

A igreja recruta um verdadeiro “exército” (exército de Cristo) para difundir a instituição. A guerra é travada contra o mal. Ministérios de evangelização são mobilizados, como o “Atacar!”, instalado na BDN em São Paulo. O slogan desse ministério é “A igreja avança, o inferno retrocede”, que expressam a resistência contra o mal (visto da imagem do diabo). Os fiéis da BDN, assim como outras denominações pentecostais e neopentecostais, veem a religião como uma forma de salvar o mundo dos males, por isso passam a ocupar outros espaços, como a política, por exemplo.

Nesse sentido, os meios de comunicação midiáticos são utilizados por dois ângulos: para atrair e aumentar o número de fiéis, visando um público alvo, mas também é uma forma de levar o sagrado ao mundo terreno. É a “eficácia simbólica” na qual Bourdieu (Ibidem) se refere, ou o que Berger (Ibidem) chama de “estrutura de plausibilidade”. A religião precisa fazer sentido naquele contexto, ela necessita fazer parte dos significados e partilhar da linguagem e símbolos para que possa participar da consciência das pessoas e construir definições plausíveis de realidade.

Para tal, houve a necessidade da religião se adaptar a uma sociedade caracterizada pela contemplação da imagem e pela dominação dos meios de comunicação em massa, sendo imprescindível a adoção de instrumentos mercadológicos e táticas publicitárias para conquistar novos mercados e atrair consumidores. Todos estes elementos constituem o sistema simbólico dos novos “empreendimentos” religiosos.

Outro elemento de igual importância para a Bola de Neve se destacar no mercado da fé foi em relação à concepção do uso do corpo e de atividades esportistas. Este também é um elemento “chave” no marketing da igreja. Segundo Maranhão Filho, há na Bola de Neve uma supervalorização do corpo e da aparência, como sendo o corpo

e os esportes referentes discursivos, midiaticizadores do discurso religioso da igreja e agenciadores da consolidação da mesma.

Nesse sentido, a BDN é de fato uma igreja que explora intensamente o corpo enquanto meio de experienciar a religião: seja em relação à forma de se vestir¹⁸, seja na forma como se manifestam nos cultos, com muita dança, pulos de alegria, pés descalços, pessoas se abraçando e se movimentando intensamente durante os cultos, além de muitas palavras de fé que são proferidas constantemente como Glória a Deus e Aleluia, como pude perceber através da observação participante na Igreja Bola de Neve Araraquara, mas principalmente na relação que a igreja tem com os esportes. Ou seja, é característico da igreja a utilização do corpo para a expressão da glorificação, a fé é materializada e manifestada através da corporeidade.

A questão da organização de eventos esportivos, como grandes campeonatos é o ponto central usado pela igreja para a atração de fieis com perfil surfista/ skatista/ jovem/ alternativo/ universitário como sendo o nicho de mercado delimitado pela agência. É também um elemento importante para pensarmos a ruptura desta vertente neopentecostal com o posicionamento dos evangélicos de décadas anteriores, na qual promoveram e difundiram no Brasil uma cultura de extrema repressão ao corpo e a tudo que estivesse relacionado a seu uso, como a atividade física e a prática de esportes, baseados na ideia de que “o corpo é o templo do Espírito” (CUNHA, 2007).

Posteriormente, passou a ser aceito entre as igrejas históricas o fato de que o lazer e a diversão eram necessários, inevitáveis e faziam parte da vida diária da população. As igrejas tradicionais passaram então a permitir certas atividades, porém, sempre de forma a promover a necessária separação entre religiosos e não religiosos, ou seja, os programas devem ser sempre somente entre os participantes da igreja.

A Igreja Bola de Neve se mostra flexível também neste aspecto, pois seus eventos esportivos são abertos para toda a população, mesmo aqueles que não frequentam a igreja. Mas em muitos casos, pessoas que passam a participar dos eventos, posteriormente se convertem e começam a frequentar a Bola de Neve também. Mais do que permitir a prática de esportes, a BDN tem essa questão como sua principal

¹⁸ Os pastores da Célula Bola de Neve de Araraquara-SP são um casal muito jovem com aparência alternativa à pastores tradicionais, apresentam corpos tatuados, com *piercings*, roupas modernas e na moda, utilizam gírias e linguagem informal em seus discursos e são ambos atletas e com corpos saudáveis e atléticos. Nos cultos, estão sempre incentivando os frequentadores a participarem dos eventos esportivos de células maiores, ou a usarem bicicleta como meio de transporte para irem até o culto.

característica e diferencial: estimula intensamente a prática esportiva, promovendo diversos campeonatos de surf, corrida, entre outros.

Há na BDN um ministério chamado *Sports*, que é o responsável pelo planejamento e promoção do marketing esportivo da igreja. A maior parte dos líderes desse ministério são esportistas e atletas, e principalmente surfistas¹⁹. Segundo o site oficial da igreja, o ministério Bola Running:

“MATEUS 25 ”Não é a vida mais importante do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes? ” O Objetivo do Bola Running é unir cristãos que tenham afinidades por esportes, gerar bem estar, proporcionar melhor qualidade de vida.” (Disponível em <<http://boladeneve.com/minist%C3%A9rios-61>> acesso em 04/05/2016)

Os ministérios relacionados ao esporte, como o *Bola Ruun* e o de *Jiu Jitsu*, tem o objetivo de “chegar aos atletas com o intuito e evangelizar”, além de “promovem suporte como patrocínio, hospedagem e premiações”. Os eventos esportivos também promovem apresentação de shows gospel. Além disso, a igreja também tem uma rádio que transmite programas relacionados ao futebol, com caráter humorístico, chamado Comendo Bola²⁰.

A igreja também tem uma loja online chamada Planet Bola²¹ que demonstra a grande relação da igreja com a aparência dos fiéis e a caracterização de um determinado estilo padrão entre os frequentadores. Ricardo Mariano chama a atenção que essa preocupação com a aparência não é tão recente assim: “nos anos 80 despontaram significativas transformações na estética, nos costumes e hábitos pentecostais.” (MARIANO, 1999, p. 188). Dessa forma o corpo foi “revalorizado e tido como instrumento para a ação do Espírito Santo” (COSTA, 2004, p. 51).

Na Igreja Bola de Neve é transmitida uma ideia de rompimento com a lógica da tradição religiosa e da extrema fidelidade aos dogmas religiosos. Os cultos são feitos com música *gospel* de estilos como *rock* e *reggae*, ou por atividades diversas como esportes radicais, festas temáticas, oficinas, entre outras, além da Bíblia ser lida em cima de uma prancha de surf. O principal *slogan* da Igreja é “Ser cristão é muito louco”.

¹⁹ Bola de Neve Church. Disponível em <www.boladenevechurch.com.br>. Acesso em 04/04/2016.

²⁰ Disponível em <<http://www.bolaradio.com.br>>. Acesso em 10/05/2016.

²¹ Disponível em <<http://www.planetbola.com.br>>. Acesso em 10/05/2016.

Uma frase que representa a “loucura” e a insensatez do perfil inconsequente do jovem, que ao mesmo tempo sente a necessidade de ser membro do “exército de Jesus”²², explicitando uma grande contradição.

A proposta é a de que se pode seguir Jesus sem precisar se converter a um estilo de vida mais repressor, e a ausência de regras impostas tradicionalmente, ou seja, uma fé que não obriga mudanças de vida. Por isso, a igreja recruta pessoas que, embora necessitem de uma religião para se apoiarem, buscam não se submeter às religiões “repressoras” (expressão utilizada no *website* da BDN), quebrando deste modo, com o estilo religioso convencional. Diz o pastor Rinaldo Pereira que a Igreja Bola de Neve: “é um local em que todos se sentem à vontade e têm contato com a palavra do Senhor. Não há ofensa. E se existem críticas (dos pastores tradicionais), elas nunca foram feitas diretamente a alguém da nossa igreja”²³.

Um trecho retirado de um cartão de apresentação da igreja distribuído nas ruas de algumas cidades ilustra adequadamente a ideia de que é uma proposta jovem e moderna:

Ser Cristão é andar na contra mão do mundo. Porém, o mundo vicia. Cristo Liberta. O mundo contamina, Cristo cura. O mundo é guerra, Jesus é Paz. O mundo é corrupto, Cristo purifica. O mundo acusa, Jesus perdoa. O mundo é ódio, Deus é amor. O mundo é depressão, Deus é alegria. O mundo é frágil, Deus é poder. O caminho do mundo é largo e leva pro abismo. O caminho de Deus é estreito, mas leva a vida eterna. Se ser cristão é ser louco, quero ser o mais aloprado de todos. (Trecho retirado de um cartão da igreja).

O cartão contém além deste convite, outras frases que transmitem a ideia de que esta igreja é um local onde não há repressões em relação ao uso de vestimentas, adornos, acessórios e nem rigor em relação a tatuagens ou estilos determinados (há fotos de pessoas com *dreadlocks* e *piercing's*), sendo um local onde Deus aceita a todos como são.

A partir de análise interna da igreja foi constatado que a divisão de tarefas que os ministérios executam expressa um consistente marketing que envolve análise de mercado e estratégias, visando sempre a adesão de fiéis e a satisfação de demandas. Por

²² Expressão utilizada pelos próprios frequentadores da igreja.

²³ Declaração extraída do website da Igreja Bola de Neve Church: www.boladeneve.com.br

isso, a igreja “recruta”²⁴ pessoas que, embora necessitem de uma religião para se apoiarem, buscam não se submeter às religiões “repressoras” (expressão utilizada no *website* da Igreja Bola de Neve), quebrando deste modo, com o estilo religioso convencional.

O “exército” da Bola de Neve trabalha visando metas a serem alcançadas: a ideia é mobilizar o máximo de pessoas que acreditam que o mundo está contaminado pelo mal e que a única forma de salvar as pessoas é trabalhando para Deus através da igreja. O trabalho se mostrou tão eficaz que desde 1999, que o número de fiéis da Igreja Bola de Neve cresceu consideravelmente. Por exemplo, segundo dados da própria instituição, extraídos de seu *website*, em três anos, entre 2000 e 2003, a igreja cresceu 1100%7, passando de 250 para três mil membros em todo o país, com a maioria de seus templos concentrando-se em cidades litorâneas. Atualmente existem setenta e seis filiais, duas sediadas em outros países, como Peru e Austrália.

Os frequentadores têm idade entre 15 e 35 anos, apresentam estilos variados, não se prendem a nenhum perfil padrão, porém em sua maioria expressam um ar despojado e alternativo, usam *piercing* e tatuagem, ou roupas largas e acessórios. Como se pode observar, a igreja não impõe nenhum padrão no estilo dos frequentadores, no entanto é explícito que há uma identidade estética própria do grupo religioso que frequenta essa igreja. Os fiéis se esforçam para construir uma identidade estética moderna em oposição à imagem instituída do crente evangélico tradicional, na qual parecem ter uma verdadeira aversão, assim procuram se aproximar à aparência do público externo à igreja, e isso envolve a liberação de costumes de santidade, flexibilidade e adaptação das regras de conduta. Embora queiram louvar ao “Senhor”, se recusam a negar sua juventude. (DANTAS, 2006).

Essa flexibilização dos costumes e a inovação das formas de aproximar os pastores aos fiéis é um recurso muito utilizado nos cultos. As normatizações encontram justificativa na bíblia, na qual o pastor realiza seu discurso a partir de uma contextualização atual. Em minhas visitas à Bola de Neve Araraquara, o pastor sempre utilizava exemplos muito atuais e familiares das pessoas, como, por exemplo, quando se referiu durante grande parte do culto ao cantor de reggae Bob Marley. O pastor afirmava que Bob Marley era um grande exemplo de pessoa que havia recebido dons

²⁴ Termo utilizado entre os frequentadores da igreja, na qual se refere ao “exército de Deus”.

divinos, porém, não soubera usá-los, caindo nas tentações do Diabo ao usar drogas e ser violento em sua vida particular (o pastor afirmou isso com uma convicção de quem conviveu intimamente com Bob).

O exemplo de Bob Marley ilustra como a igreja pretende se aproximar da vida dos jovens, utilizando sempre figuras e casos de artistas, cantores, atletas, entre outros famosos que estão presentes na mídia, a fim de demonstrar proximidade com seus gostos, seus conhecimentos, suas gírias e formas de vida, porém, mostrando assim que se pode ser moderno e descolado e amar a Deus mesmo assim.

Em outro caso, fui abordada na rua em período de carnaval por muitos jovens que pediram alguns instantes de atenção a mim e a um grupo que carregava muitos instrumentos. O grupo de religiosos que não se assemelhava a crentes tradicionais nos falaram da Igreja Bola de Neve afirmando que lá teriam muitas pessoas legais e diferentes, com instrumentos, igual a nós. Neste momento percebi a estratégia da igreja de forma bastante nítida: seu marketing consiste em se apropriar daquilo que nos é familiar e utilizar isso como meio de conversão.

Em alguns casos, para atrair pessoas, não se pronuncia a palavra “igreja”, como cita Maranhão Filho em seu artigo:

Em reunião, o filho do apóstolo Rinaldo, líder do ministério Teens, estimulou que as meninas convidassem suas amigas para participar do Culto das Meninas: “meninas, não têm que falar que é um evento da igreja, têm que falar que é uma reunião que vai ter dicas de moda, de beleza e de comportamento.

Mesmo que haja a possibilidade de exercerem cargos de liderança, os postos mais importantes acabam sendo ocupados por homens. O Ministério “Mulheres do Bola” é conduzido por uma líder mulher e busca pessoas responsáveis por atividades consideradas femininas, como decoração de festas, lembrancinhas, boas-vindas, recepção interna e externa, brindes, assistência social, lojinha, havendo espaço para ministrações sobre saúde feminina, beleza, comportamento. O ministério seria um projeto de restauração dos relacionamentos familiares, pois “toda mulher sábia edifica a sua casa; a insensata, porém, derruba-a com suas mãos” (Provérbios 14.1).²⁵ No caso da

²⁵ BOLA DE NEVE CHURCH, Ministérios. Disponível em <<http://boladeneve.com/minist%C3%A9rios-83>>. Acesso em 20/05/2016.

BDN Araraquara os líderes da igreja são um casal, mas percebe-se que quem comanda os cultos continua sendo o homem.

Isso expressa o quanto a igreja apresenta um discurso aparentemente desconstruído, mas que por outro lado oculta posicionamentos conservadores e inflexíveis. Promove a manutenção da lógica tradicional ao manter as mesmas hierarquias de instituições conservadoras. Rinaldo Seixas explica em um depoimento:

Aquele que foi alvo da verdadeira graça, nunca mais oferece os membros do seu corpo ao pecado. Ele nunca conseguirá dormir em paz e o seu espírito estará atormentado até que ele confesse o seu pecado e se acerte com Deus. (Trecho citado por Maranhão Filho no artigo e disponível em áudio: (Disponível em www.boladenevechurch.com.br/index2.php/secao=media Acesso em 12/05/2016).

Os frequentadores veem este tipo de controle como algo positivo e relevante, o que nos leva a acreditar que o discurso religioso da BDN, só permanece porque há uma demanda favorável a isto, ou seja, pessoas que buscam e concordam com tal posicionamento. Nesse sentido, afirmamos aqui que quem produz a demanda é o próprio público, ainda que haja uma relação extremamente dialética: o público busca a igreja por diversos motivos que não são passíveis de padronização, mas a igreja se molda a este determinado público através de um levantamento que busca identificar qual é a parcela da população que não é contemplada por nenhuma outra igreja.

A Igreja Bola de Neve apresenta uma complexa divisão de funções e setores que existem para um melhor desempenho das atividades. São os chamados “Ministérios”, na qual os jovens frequentadores se disponibilizam como voluntários para atuar. Todos eles apresentam exigências para a participação, como um tempo mínimo de batismo, cadastro, solicitação para serem aceitos, algumas vezes indicação de pastores, pagamento mensal ou conhecimento na área que o ministério atua. É propulsor principal que dinamiza o funcionamento da Igreja Bola de Neve. Os ministérios se fazem por uma complexa divisão de funções e tarefas, sendo constituídos por frequentadores que se voluntariam de acordo com suas afinidades profissionais ou que trazem alguma experiência no ramo a que pretendem atuar. Eles se organizam de forma a não precisarem de contratações terceirizadas para desempenho de atividades na Instituição,

porém, nem sempre contemplam todas as necessidades, havendo a contratação de terceirizados com profissionalização própria para a função proposta.

Os Ministérios são:

- Assistência Social: Grupo de pessoas com o intuito de ajudar famílias e crianças carentes por meio de doações e ajuda espiritual.
- Atacar: Projeto que pretende reunir pessoas para “atacar” obras do Diabo, por meio da produção de recursos financeiros para que a palavra de Deus seja levada para um maior número de pessoas possível.
- Atalaia: Administração e logística da segurança do estacionamento da Igreja.
- Boas Vindas: Encarregados pela recepção de novos fiéis na igreja.
- Bola Música: Gravadora responsável pela gravação e produção de discos gospel.
- Bola Rádio: Rádio ‘jovem e moderna’ que visa trazer a palavra de Deus através da música.
- Bola Singers: Coral evangélico.
- Bola Tv’s: Equipe responsável pela programação do canal evangélico.
- Data Show: Responsáveis pelos conteúdos transmitidos no *Data Show* dos Cultos.
- Diáconos: Pessoas responsáveis pela preparação e oferecimento da ceia nos cultos, organização do púlpito para o pastor, aconselhamento e oração, recolher e cuidar da “oferta na casa de Deus”, batismos e qualquer ajuda necessária.
- Lojinha: Loja dentro da Igreja que vende produtos com a marca Bola de Neve
- Mergulhando na palavra: Grupo de estudos sobre a Bíblia.
- Artéria: Grupo de dança.
- Comunicação: Grupo que visa estabelecer a comunicação interna e externa da Igreja, organização e divulgação de eventos, shows, programação, atualização de sites, produção de cartazes, etc. Neste ministério, é necessário ter algum conhecimento nesta área, muitos dos participantes têm formação acadêmica em algum curso relacionado.
- Ministério de Libras: Responsável pelo ensinamento da linguagem de libras para deficientes auditivos, com o intuito de pregar a palavra de Deus para estes.
- Ministério Louvor: Grupo responsável pela composição de músicas evangélicas, também é preferível que tenha algum conhecimento na área.
- Ministério de Mulheres: Este ministério é um grupo de ensinamentos da Bíblia especial para mulheres, que busca a cura emocional e física, além de aconselhar comportamentos, posicionamentos e posturas próprias para as mulheres.

- Ministério *Teens*: Ensinaamentos para adolescentes problemáticos, que mesmo frequentando a Igreja ainda apresentam mau comportamento, tendo o risco de se perderem no mundo, caindo em tentações.
- Bolinha de Neve: Grupo específico para crianças.
- Ministério Nova Vida: Voltado para pessoas que têm dificuldades de abandonar vícios.
- Ministério Sports: Organização de campeonatos esportivos, principalmente de Surf.
- Intercessão: Grupo de oração que propicia o resgate, a libertação, restauração e cobertura espiritual para a cidade e a nação.
- Tradução: Grupo que traduz a bíblia de acordo com a interpretação da Bola de Neve para idiomas do mundo inteiro, devido a pedidos pela internet.
- Recrie:

A rede cristã de empreendedores - Recrie, nasceu da necessidade de compreensão e entendimento do Reino em todas as esferas e segmentos da sociedade, e não tão somente de sua face eclesiástica, em outras palavras, o Reino não se manifesta apenas entre as quatro paredes de um templo ou, exclusivamente, em assuntos "religiosos" e espirituais. Recrie a maneira de conduzir sua empresa, recrie a forma de planejar seu futuro, recrie seus alvos e objetivos, recrie sua visão, procure e encontre a visão de reino para os negócios. (Retirado do website oficial <http://www.boladeneve.com/ministerios/recrie>)

Todos os ministérios se compõem de pessoas que frequentam a igreja por um determinado tempo específico, por isso são fiéis que se dedicam voluntariamente àquela atividade, desempenhando um trabalho “voluntário”, com uma união a partir de sentimentos em comum entre todos os participantes: vontade de difundir a doutrina, aumentar a igreja e organizá-la da melhor forma para que sua manutenção seja sempre garantida. Porém, ainda há um intuito que parte do princípio que quanto mais se doar, mais receberá, ou seja, há um ponto extremamente individualista por traz de uma ação aparentemente solidária.

Os sermões criticam as outras doutrinas religiosas, suas censuras, formalismo e conservadorismo, argumentando que estas só reprimem e moldam os indivíduos, não sendo úteis religiosamente. Fazem questão de reforçar a todo o momento a ideia de que não estão preocupados com normas e regras, mas sim com a liberdade espiritual. Este é o grande marketing da igreja para atrair os jovens que estão à procura de uma identidade religiosa. Porém, isto oculta os outros imperativos morais que a igreja propaga, com

princípios que demonstram uma resistência a questionamentos de ordem crítica, transformadora e emancipadora sobre costumes e valores cristalizados em uma determinada cultura. Enquanto a maioria das congregações se preocupa com a vida conjugal dos fiéis, a Igreja Bola de Neve volta-se à sexualidade dos jovens solteiros, regulamentando-a e disciplinando-a, afinal, são eles os frequentadores. Em relação à sexualidade, permanecem vestígios da tradição cristã de controle das práticas sexuais. (DANTAS, 2006).

A igreja tem a Bíblia como base e defende princípios básicos do cristianismo protestante. Como uma igreja pentecostal tradicional, creem no Espírito Santo como enviado de Deus para operar milagres e transformar vidas. Porém, a ideia de transformação e de alcance do paraíso como resultado de boas ações se encontra em um campo muito mais terreno, pois os anseios são por algo concreto e em vida, como o sucesso econômico, profissional, financeiro, estético e os desejos são imediatistas e físicos, distinguindo-se da crença cristã que prega a plenitude divina, após a vida. É simulada uma renovação religiosa, uma transformação no campo simbólico, na esfera subjetiva da religiosidade, sendo que o que ocorre de fato é algo meramente contemplativo, pseudorreal, pois a mudança se consiste apenas na forma e não no conteúdo. Fazendo referência mais uma vez a Guy Debord, é o que podemos considerar o tempo do espetáculo, da contemplação: “O tempo do consumo das imagens, como também imagem do consumo do tempo” (DEBORD, 1997; p.105).

A Igreja Bola de Neve executa de forma complexa todo o aparato necessário para sua inserção no mundo das mercadorias, mesmo que sua mercadoria seja abstrata, a fé. Existe no interior desta Instituição uma organizada forma de manutenção da igreja, e interação com as normas e leis estipuladas fora do âmbito religioso. Após uma investigação mais aprofundada em torno do objeto, foi relatado que há um estatuto próprio da igreja, comum a todas as unidades, na qual toda a organização interna se baseia nos moldes desse estatuto. Ou seja, o evangelho para orientar espiritualmente, e o estatuto para contemplar as leis humanas.

Prosseguindo na investigação, foram identificados alguns tipos de formas de trabalho existentes no interior da igreja, como: contratações terceirizadas (que não exigem necessariamente a condição de fiel frequentador da igreja), também atividades voluntárias e o ofício de ordenação divina, que é o pastor, considerado pela

jurisprudência brasileira como um caso excepcional, em se tratando de questões trabalhistas.

O funcionamento da igreja ocorre de forma organizada e complexa, com setores bem definidos e delimitados, de forma que muitas questões não dizem respeito à religiosidade, ou à doutrina da igreja, mas que acabam entrando em assuntos judiciais com caráter burocrático, e são obrigados a se submeterem à jurisprudência, como qualquer empresa. Ao sair do campo do sagrado e entrando em questões burocráticas, a Igreja passa a ser um elemento de ordem social, perdendo de alguma forma seu caráter místico, e se apropriando da ordem material.

CAPÍTULO 2 – A RACIONALIZAÇÃO DA FÉ E O MERCADO

Neste capítulo, busca-se um retorno bibliográfico aos clássicos da Sociologia, vinculando-os a autores contemporâneos que tratam do tema “instituições”, estabelecendo uma análise teórica abrangente e sólida que vincule o fenômeno religioso contemporâneo ao desenvolvimento do sistema econômico e à complexidade social, envolvendo a produção cultural e espiritual em conjunto com o desenvolvimento

material das forças produtivas, assim como suas diversas facetas e possíveis imbricações. Também será analisado o trabalho religioso desenvolvido no interior da Igreja Bola de Neve, sua relação e reprodução da lógica da divisão do trabalho na sociedade e a categoria trabalho e suas variantes.

Trabalhar a religião na modernidade é algo muito complexo e delicado, pois, se por um lado o desenvolvimento da ciência tendia ao declínio da religião, por outro, contrariamente, a modernidade também produziu movimentos fortes de contra-secularização (BERGER, *idem*), na qual são resultados das crises de ausência de sentido, lacunas existências que não foram preenchidas pelas respostas científicas, cuja angústia faz com que as pessoas procurem comunidades de fé e grupos de apoio. O conceito de modernidade é muito amplamente discutido. Autores como Giddens (2003), Beck (1999), Bauman (2001, 2008), Frederic Jameson (1997) têm se debruçado nas últimas duas décadas sobre a caracterização social, histórica e teórica da modernidade nas sociedades ocidentais avançadas. A religião, como âmbito simbólico da sociedade, não deixa de acompanhar tais transformações, modificando seu papel e função no organismo social, as formas de manifestação do sagrado, adequação ao mercado e sistema econômico.

Para tal, é utilizado o autor Zygmunt Bauman (2001) como referência sobre a caracterização da identidade moderna e as relações estabelecidas entre os indivíduos e o mundo em que vivem. Bauman considera que o consumismo é o efeito mais sintomático desta sociedade, característica esta que é diretamente ligada ao individualismo. As relações se convertem em relações mercadológicas onde o consumo é o principal condutor das ações. O consumo é caracterizado por um ato imediatista, fugaz, rápido, superficial, na qual não atinge diretamente a essência do objeto e sim sua imagem. As identidades, então, se transformam de acordo com as necessidades e intenções do sujeito, sujeitos estes que buscam de forma incessante se integrarem a determinados grupos.

Nesse sentido, Bauman desenvolve o conceito de “modernidade líquida”. Que pode ser entendido nos seguintes termos:

(...) a primeira seria o “colapso gradual e rápido declínio da antiga ilusão moderna: da crença de que há um fim do caminho em que andamos, um telos alcançável da mudança histórica, um estado de perfeição a ser atingido amanhã (...) um firme equilíbrio entre oferta e

procura e a satisfação de nossas necessidades; da ordem perfeita (...) do domínio sobre o futuro (...) e a ideia de aperfeiçoamento se trasladou para a autoafirmação do indivíduo. (...) Há a realocação do discurso ético/ político da “sociedade justa” para o dos “direitos humanos”, o direito dos indivíduos permanecerem diferentes. (BAUMAN, 2001).

A religião, dessa forma, se encaixa devidamente nesta necessidade e apresenta tal função no atual contexto, sendo a igreja hoje muito mais uma experiência individual do que coletiva. O movimento de absorção do mundo pelo indivíduo forma a consciência individual de tal maneira que essa absorção não é passiva, mas sim apropriada ativamente, sendo a religião considerada como o ponto máximo da relação estabelecida entre o homem produzindo o mundo e sendo produzido por ele. Tal produção abrange toda uma construção de visão de mundo, que abarca a subjetividade formulada pelos papéis estabelecidos pelas instituições formativas das estruturas individuais da consciência.

A mudança no papel e função da igreja na esfera socioestrutural tem amplitude na vida cultural das pessoas, seja na arte, literatura, filosofia e influenciando diretamente na ascensão da ciência. Mas acima de tudo, o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura se subtraem à dominação das instituições e símbolos religiosos tem relação direta com uma determinada secularização da consciência. Ou seja, o Ocidente passa a abranger indivíduos que estão cada vez mais interpretando o mundo sem a mediação da percepção religiosa da vida.

A partir de 1891, com a publicação da primeira constituição que separa o Estado da igreja, o Brasil passa por uma mudança na qual a religião perde seu monopólio de instituição suprema, sendo transportada da esfera pública para a esfera privada (Berger, 1984), e isso afeta diretamente a vida e a consciência dos religiosos. Tal dissociação se fez no âmbito institucional, porém, a esfera religiosa embora aparente ser uma esfera isolada e independente do organismo social não o é por inteiro, pois a compreensão de suas práticas e discursos está diretamente relacionada à interesses particulares, na qual cria-se um espaço de disputas entre agências religiosas que ofertam bens de salvação. A realidade segunda, propriamente simbólica, na qual chamaremos aqui de cultura²⁶, não está de forma alguma separada da economia e conseqüentemente da política.

²⁶ O uso do conceito “cultura” que será utilizado aqui acompanha a concepção da antropologia cultural americana: cultura como sendo a construção de um mundo humano dotado de sentido, esfera simbólica/ sistema de significados (ferramentas materiais e não materiais de interpretação do mundo), na qual é produzido pelo homem e ao mesmo tempo produz o homem em uma relação dialética. Embora em alguns

2.1 A religião e a vida material

A Igreja Bola de Neve mantém relações estreitas com o desenvolvimento econômico e com a racionalização que dele é proveniente. Isto se dá principalmente por ter como doutrina norteadora a Teologia da Prosperidade, na qual prega a não rejeição do mundo material, pois tem como base a ideia de que “Jesus Cristo já redimiu a humanidade, de modo que todo seguidor tem o legítimo direito a riqueza, saúde e sucesso nesta vida, portanto, aqui e agora” (SOUZA, 2011). Esta concepção demonstra o extremo utilitarismo e a instrumentalização da fé, próprias de uma sociedade que obtém qualquer fim através do dinheiro.

A BDN expressa sua relação imediatista não somente através do consumo da fé, mas de um consumo objetivamente material. Como já foi mencionado, a igreja mantém uma loja, que pode ser acessada virtualmente²⁷. Isso demonstra sua proximidade com a cultura do consumo e o acompanhamento da lógica de trocas econômicas. Há de fato um sistema de produção e circulação de bens simbólicos que se define como um sistema de relações que são de fato objetivas, na qual cumprem a função econômica de reprodução de capital e difusão de mercadorias. A lógica monetária, portanto, transpassa toda e qualquer esfera social, sendo a linha condutora de todas as atividades existentes neste período da história da humanidade. Estas relações são decorrentes de um longo processo não somente econômico, mas principalmente cultural.

Desde os primórdios da organização social, a economia do dinheiro apresenta duplo caráter. Por um lado, proporciona facilidades de relações entre os indivíduos, e por outro gera conflitos que perpassam até os dias atuais. Vejamos as inúmeras formas de associações que se desenvolveram em conjunto com a história cultural, em uma relação dialética e mútua, na qual as sociedades se desenvolvem por meio da economia e a economia se desenvolve por meio da sociedade, em uma produção e reprodução perpétua da vida. Forma-se então um fio condutor que interliga os indivíduos, os objetos

pontos seja abordada a questão da cultura enquanto instrumento de poder e legitimação, no sentido de uma estrutura estruturante, assim como aponta Marx (1980) e Weber (2006).

²⁷ A Loja Bola De Neve Church, chamada no seu portal virtual de “Planeta Bola” vende diversas mercadorias, como bolsas e capas de Bíblia, caderno, canecas, canetas, chaveiros, lápis, mochilas, porta CDs, grande variedade de versões da Bíblia (como a Bíblia para mulheres, adolescentes, homens, crianças), roupas e livros. A loja pode ser acessada em <<http://www.planetbola.com.br/>>. Último acesso: 01/06/2016.

materiais, as técnicas, as organizações, associação entre outras formas de relações com o mundo.

Tendencialmente, o mundo objetificado ganha autonomia relativa e passa a se tornar uma concepção desvinculada da natureza, gerando certo domínio das próprias leis das coisas, e uma imaginação de mundos possíveis, incluindo as formas mágicas de relações com a vida, tornando-se racionais e acompanhando a dinâmica da vida nas cidades. Assim, na chamada época moderna, o sujeito e o objeto se distinguem e se desenvolvem em instâncias diferentes (SIMEL, 1986). Diante disto, cria-se um paradigma em relação ao que se chama de sagrado: o dinheiro teria substituído o sentimento do sagrado no homem moderno?

O autor George Simel (1986), em seus escritos já observava desde os primórdios do desenvolvimento do sistema econômico capitalista seu perfil impessoal, na qual já apontava um ponto chave: o conflito entre as uniões de interesses e a separação dos mesmos. A criação de uma moeda comum, o dinheiro, possibilitou a troca de todo e qualquer objeto, abrindo imensas possibilidades. Criou-se assim, uma determinada forma de relação entre as pessoas e entre elas e as associações que se criaram a partir de então, assim como uma nova forma de se relacionar com o mundo em que se vivia, transformando também a maneira de conceber a realidade e a experiência do espaço, afetando a concepção religiosa da realidade. Embora hoje este seja um fato comum devido à grande naturalidade com que as relações econômicas abarcam essa nova forma de relação mediada por uma mercadoria de troca, representa uma das mais fortes mudanças da cultura ocidental. Segundo Simel:

O dinheiro estabeleceu um nível de interesse tão comum e abrangente para todos os homens como nunca foi possível na época da economia natural. O dinheiro garante um solo de entendimento imediato, uma tal igualdade de diretrizes que contribuiu, certamente, de maneira decisiva, para a representação mesma de uma ideia, como a do humano universal. (SIMEL, George, 1986; p. 5)

Simel, em seus escritos acerca do desenvolvimento da ordem econômica que se complexificava estabeleceu reflexões sobre a contribuição da forma dinheiro para o encadeamento e para a integração da vida moderna, sendo nesta concepção, algo positivo para o desenvolvimento da sociabilidade humana. Embora Simel e Marx

(2008) se distanciem em diversos pontos teóricos e metodológicos, compartilham de uma ideia semelhante quando afirmam que o sistema econômico atravessa o indivíduo, ganhando uma dimensão que pode até ser comparada a uma religião: “Aquela segurança e tranquilidade que a posse de dinheiro traz, aquela convicção de possuir equação que justifica, de maneira mais profunda a queixa de que o dinheiro seja o Deus da época moderna” (SIMEL, 1986), e quando Marx escreve “os produtos das cabeças dos homens acabam por se impor a suas próprias cabeças” (MARX, 2008).

Mais tarde, Peter Berger também utilizando tal metodologia de conceber o mundo, afirma que a própria ideia de uma natureza humana, nada mais é para do que um produto da atividade construtora de mundos. A questão é que o homem precisa ocultar a si mesmo o caráter construído da ordem social para que ela possa se reproduzir como ordem, evitando a anomia e o caos. Nesse sentido, é a religião juntamente com o dinheiro duas das forças mais poderosas das construções sociais da realidade, e esse poder se torna desmedido no momento em que esses dois elementos se unem, criando uma pseudo autonomia que se complexifica de acordo com o grau de sofisticação teórica.

Sendo assim, as formas de se compreender a vida e a realidade social não veem o mundo como construções humanas. O que está sendo colocado aqui é que a mesma atividade que produz as relações econômicas, também produz a religião, sendo que a relação entre os dois produtos é sempre dialética. Porém, num determinado desenvolvimento histórico, a relação entre ambas as esferas passa a se tornar tão próxima que se fortalecem e se enraízam como atividades autônomas do mundo dos homens. Tanto a atividade religiosa como a atividade econômica se mantêm através de um enraizamento cultural que se produz e reproduz continuamente, sendo a sociedade inteira uma estrutura adequada de plausibilidade e legitimação dessas esferas: “A religião legitima de modo eficaz porque relaciona com a realidade suprema as precárias construções da realidade erguidas pelas sociedades empíricas”. (BERGER, 1984. p. 45).

Se Marx já havia decifrado o caráter religioso da mercadoria, é necessário agora decifrar o caráter mercantil da religião. Nessa fusão de esferas, o mundo imaterial (a cultura, religião, linguagem) se tornam de alguma forma materiais, pois se objetificam fora da realidade que as criou, tornando material também as relações entre o indivíduo e a sociedade, na qual todo processo de produção se torna o produto final, ou seja, o consumo se torna mediador das relações humanas. O fim passa a se tornar o meio, pois

o dinheiro é meramente um meio para obter outros bens, e não algo autônomo em sua ação que leva a um fim definido, o consumo: “O dinheiro é, propriamente, nada mais que uma ponte aos valores definidos, e não podemos morar numa ponte”. (SIMEL, 1986, p. 11). Nesse sentido, as relações se tornam relações utilitárias de consumo imediato, sendo a religião também parte desta dinâmica.

Walter Benjamin escreve que “o capitalismo serve essencialmente à satisfação das mesmas preocupações e tormentos aos quais outrora davam respostas as religiões”²⁸ (BENJAMIN, 2013). Benjamin é nitidamente inspirado por "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo" de Max Weber (2001). No entanto, o argumento de Benjamin vai muito além da abordagem relativamente "neutra" de Weber, indo em direção a uma intensa crítica anticapitalista:

"Demonstrar a estrutura religiosa do capitalismo - isto é, demonstrar que ele é não somente uma formação condicionada pela religião, como pensa Weber, mas um fenômeno essencialmente religioso.” (BENJAMIN, Walter, 2013)

Benjamin aponta alguns elementos que demonstram que o capitalismo seria na modernidade o Deus: o culto (práticas como investimento do capital, especulações, operações financeiras, manobras bolsistas, compra e venda de mercadorias), a permanência deste culto (ideologia) e um terceiro aspecto que deriva diretamente dos dois anteriores, que é o fato de que o capitalismo não determina dias específicos para ser adorado, sendo ele mesmo uma religião da vida cotidiana. Para Walter Benjamin, os mesmos motivos que levavam as pessoas a buscarem a religião, são os que levam à busca pelo dinheiro, na qual podemos identificar como o alívio de ansiedades e tormentos através da resignificação da mundanidade e simbolização da vida material. Porém, o que Benjamin não pôde presenciar é a forma como a busca pela religião e a busca pelo dinheiro se difundiram em uma única finalidade, fusão esta intensificada pela Teologia da Prosperidade e obtendo respaldo na racionalização da fé.

Para Max Weber (2001), a racionalidade se constitui justamente de uma determinada conduta que impulsiona o jogo entre os meios e os fins. Neste jogo, como em qualquer outro, se busca atingir um determinado objetivo, porém, há a dominação

²⁸ Coletânea com textos de Walter Benjamin, organizado por Michael Löwy.

por uma das partes na qual se apropria da finalidade de ação, convertendo e manipulando um objetivo coletivo em outro objetivo de caráter adverso, com interesses mais pessoais. É o que Weber considera como sendo a “condição dominante”, que pode ocorrer de forma legítima (através de instituições) ou não legítima (em relações pessoais). Portanto, cabe compreendermos de que forma a força simbólica exerce dominação e se materializa a partir de interesses de grupos.

Weber concorda com Marx em relação ao papel de legitimação da dominação que as instituições religiosas muitas vezes exercem sobre o complexo social, promovendo a manutenção da ordem a partir de discursos especializados que atuam em prol de necessidades próprias de certos grupos sociais:

“Através de suas sanções santificantes, converte em limites legais os limites e as barreiras econômicas e políticas efetivas e, em particular, contribui para a manipulação simbólica das apropriações que tende a assegurar o ajustamento das esperanças vividas às oportunidades objetivas (...) reproduz sob uma forma transfigurada, e portanto irreconhecível, a estrutura das relações econômicas e sociais vigentes em uma determinada formação social.” (Bourdieu, 2007.p. 46)

O discurso religioso promove determinada inculcação de esquemas de percepção que conferem a naturalização dos fatos, estabelecendo um consenso sobre as circunstâncias e fornecendo um sistema de justificação das propriedades que estão associadas à manutenção da realidade social. Por este motivo, o espaço religioso proporciona certo conforto, muito citado por frequentadores da Igreja Bola de Neve, na qual é a expressão da comodidade promovida pela ausência de reflexão, resultante do não incômodo com a contradição das circunstâncias de desigualdade material.

As igrejas neopentecostais atribuem as condições de precariedade social à luta de Deus contra o Diabo, a chamada “Guerra Santa”. Nesse sentido, a igreja impede de percebê-la como empreendimento humano. Porém, se o indivíduo louvar a Deus fervorosamente, dedicando todos os seus atos ao “Senhor”, terá recompensas que poderão mudar sua vida, segundo a Teologia da Prosperidade. Ou seja, as circunstâncias só dependem única e exclusivamente de cada indivíduo isolado.

“O mundo sociocultural, que é um edifício de significados humanos, é coberto por mistérios tidos por não-humanos em suas origens. Tudo o

que o homem produz, pode ser compreendido em termos humanos. O véu da mistificação colocada pela religião impede essa compreensão (...) E essa alienação tem poder sobre os homens precisamente porque ela os protege dos terrores da anomia.” (Berger, 1984. p. 103, 108)

Os homens, então, vivem no mundo que eles próprios fizeram, como se estivessem fadados a fazê-lo por poderes completamente independentes de seus próprios empreendimentos na construção do mundo. Essa mistificação oculta determinado jogo de poderes, na qual cria um contexto que impossibilita a visualização das reais finalidades.

Tal alienação é mantida e elaborada através de interesses de grupos particulares. A nitidez, o rigor, a disciplina das relações econômicas, a racionalidade e a conduta de cálculo fazem parte deste jogo e influenciam outros elementos da vida social, pois tudo passa a ser uma questão de política e poder. Cada vez mais setores antes não produtivos no sentido econômico se tornam fontes de lucro e reprodução de capital e são convertidos em meios de dominação, ganhando características mercadológicas e um formato empresarial de organização, inferindo em movimentos simultâneos da cultura.

Temos, portanto, um fenômeno nunca visto antes na história: as igrejas pentecostais e neopentecostais desenvolvem estratégias racionalizadas muito eficazes para sua devida propagação e fórmulas que se baseiam na economia e não na teologia, fundindo política, cultura, religião e economia em uma única ordem, a ordem capitalista. Para esta análise, partimos da ideia de Max Weber acerca da existência de esferas sociais que se intercalam e interagem, porém, não deixando de lado a concepção proposta por Marx de totalidade social.

Toda e qualquer instituição passa a se organizar a partir da conduta racional. No caso das organizações religiosas, tal complexificação das formas de se manter no mundo ganharam dimensões semelhantes às de uma empresa industrial. A racionalidade liga os fatos e converte rapidamente meios em fins, e fins em meios, em uma dinâmica que visa transformar as finalidades dos outros em meios para o uso pessoal. Neste sentido, a igreja que visa uma ação propriamente econômica e que justifica o seu engajamento no sistema capitalista pode ser vista como um instrumento para se obter outra finalidade induzida, que não a religiosa e espiritual, mas a expansão da instituição, seu sucesso material e econômico e o poder.

A religião como esfera simbólica passa a acompanhar as regras de desenvolvimento do trabalho industrial, embora não apresente uma dependência total, há a necessidade de percebermos a correspondência entre o âmbito material e o imaterial do organismo social, no sentido de que a construção do mundo envolve instrumentos materiais (como as ferramentas de trabalho, utensílios, objetos) e não materiais (como a religião e a linguagem). Ambas funcionam como ferramentas de produção e reprodução da realidade, assim como compreensão e comunicação com o mundo.

Cabe aqui, portanto, identificarmos as relações de sentido com que as relações de disputa no campo religioso se manifestam, sendo a esfera religiosa um novo campo de competitividade, na qual se complexifica constantemente, apresentando elaboradas estratégias de atração de fiéis e formando um mercado com regras próprias, em uma dinâmica que acompanha as leis da livre concorrência de mercado. A racionalidade desenvolvida dentro da religião possui uma lógica interna particular sobre as quais, tem as condições econômicas como elemento norteador.

A esfera religiosa, ao se relacionar com a esfera econômica, e conseqüentemente política, passa a desenvolver formas de aprimorar a eficácia simbólica, a fim de se destacar em meio à diversidade de agências religiosas. Oferecem propostas e produtos inovadores e diferenciados, na qual muitas vezes ainda não foi ofertado no mercado da fé (MARIANO, 1999). A formação de um mercado voltado para os bens de salvação se aprimora e se apropria de diferentes formas de mídias para atrair e envolver fiéis, elemento que até então era visto como profano por muitas doutrinas tradicionais da vertente protestante.

Neste sentido, diversas formas de comércio se fundem, misturando-se com formas de religiosidade, de coletividade, organização, compondo uma infinidade de possibilidades simultâneas, na qual a modernidade em si se constitui, tornando-se perceptíveis na medida em que se manifestam em representações coletivas enquanto fatos sociais, ou seja, representações que transcendem a dimensão individual e são carregadas com a força moral, social de realidades objetivas. Para o antropólogo Arjun Appadurai (2004), quando trata das dimensões culturais da modernização, observa:

Entre os teóricos da modernização das últimas três décadas (de Weber, passando por Talcot Parsons e Edward Shils até Daniel Lerner, Alex Inkeles e muitos outros) teve larga aceitação a ideia de que o mundo é um espaço de religiosidade decrescente (e maior cientificismo), menos diversão (e lazer cada vez mais regulamentado) e de inibição da espontaneidade a todos os níveis (...) o erro se baseia em dois níveis, primeiro, num réquiem prematuro à morte da religião e à vitória da ciência. Há novas religiosidades de toda a espécie que demonstram que a religião não apenas não morreu como pode até ter mais consequências do que nunca nas políticas globais de hoje, tão interligadas e dotadas de tão grande mobilidade.” (APPADURAI, 2004, p. 12)

O autor se refere à imensidade de novas formas de se conceber a religião, na qual ela se encontra vinculada diretamente ao mundo racional, objetivo e móvel, isso não significa o enfraquecimento do sagrado, mas sua ressignificação no mundo moderno. A religião passa a buscar necessidades materiais, concretas e em vida, acompanhando as demandas dos seus frequentadores. Ao contrário do caráter abstrato na qual se lidava com o sentimento de fé nos tempos remotos, hoje a religião cria mecanismos de inserção social, de forma a atender questões relacionadas à vida social, econômica, carreira de trabalho, entre outras, e para isso se organiza como uma empresa com setores complexos e bem definidos, ofertando bens simbólicos de salvação diversificados para poder competir em seu ramo, incluindo estratégias retiradas da psicologia, marketing e propaganda. Isto caracteriza a modernidade em sua forma mais inovadora e inusitada enquanto efervescência cultural, onde as fronteiras entre o ser religioso e o empreendedor se mesclam.

Em meio a todos os processos sociais, sejam eles políticos, econômicos ou culturais, a religião está sempre envolvida, pois ela é o principal sistema de símbolos e linguagem, tendo assim papel fundamental na manutenção da esfera material, pois atua como ferramenta estruturante da percepção do pensamento de mundo e em especial do mundo social, atribuindo significado e ao mesmo tempo justificando a realidade material. A religião, em alguma instância reproduz as formas de produção e reprodução da vida em virtude da sua eficácia simbólica a partir de estruturas irreconhecíveis como tal.

A infinita mobilidade, velocidade e dinâmica da vida moderna provocaram e provocam inúmeras mudanças na condição humana, na qual o autor Zygmunt Bauman aproxima da noção de “fluidez” (2001), no sentido de que os fluídos são associados à

ideia de leveza, e é em relação a isso que Bauman caracteriza a passagem entre períodos, em uma transição de uma época “sólida” para outra “líquida”, onde tudo é flexível, com mudanças rápidas, e caracterizado pelo imediatismo, noção que requer um reexame de antigos valores e conceitos, assim como formas de se relacionar com a vida e de conceber a religião. Para Bauman, essa sociedade contemporânea, que pode ser considerada também como pós-moderna, ou “segunda modernidade” (BECH, 1999), também é um tempo em que o poder é cada vez mais “móvel, escorregadio, evasivo e fugitivo” (BAUMAN, 2001, p. 21), configurado em novas técnicas de dominação, porém, com a mesma base.

Essa nova dinâmica gera também uma prática do consumo que se intensifica cada vez mais, onde todas as relações humanas são mediadas por mercadorias. É o que Bauman (2008) considera uma “sociedade de consumidores”. Nessa perspectiva, o consumo é o que regula as ações cotidianas, práticas, políticas e sociais, e ainda, reflete na forma de “consumir” a fé, em uma postura imediatista, utilitária e descartável da religião.

2.2 A racionalização da religião e o retorno ao sagrado

Max Weber (2001) já havia notado a existência de um determinado “espírito” do capitalismo, na qual se referia ao conjunto dos motivos éticos que inspiram e contribuem para a manutenção e expansão do sistema capitalista e que devem ser associados a outras esferas da sociedade que não somente a econômica. Segundo Max Weber, foi com a reforma protestante que se impôs a crença de que o dever é eficaz na medida em que se vincula a um ofício no mundo e nas atividades cotidianas, foi através da concepção de trabalho como “vocação religiosa” que se impulsionou o capitalismo nascente, a partir de uma motivação psicológica (WEBER, 2001, p.108), tornando as atividades lucrativas como um bem comum para a sociedade. Este fenômeno se intensificou na medida em que as igrejas passaram a adotar estratégias racionalizadas para sobreviverem em meio ao competitivo mercado, e hoje se pode perceber a dimensão que este fato ganhou a partir da investigação acerca das instituições religiosas neopentecostais e o seu formato empresarialmente racional.

A interpretação cultural de Weber sobre a ascensão do capitalismo e a sua relação com a ética e conduta religiosa nos proporciona elementos extremamente ricos

para se pensar a sociedade atual, porém hoje as instituições religiosas ganham outra função, forma e formato, assim como a busca pelo sagrado também apresenta outras motivações do que as tratadas por Weber em “A ética protestante e o espírito do capitalismo” (2001). Weber analisa o suposto espírito do capitalismo através de uma natureza-simbólico-cultural que se encontra no cerne da produção capitalista, considerando este modo de produção não somente um sistema econômico, mas uma cultura instaurada na modernidade, na qual necessita estar vinculada com outros setores da sociedade para se fortalecer e se legitimar.

O processo na qual a religião se desvincula da sacralidade, tornando-se de algum modo “profano”, e ganhando contornos racionais é o que Weber consideraria como o “desencantamento do mundo”, porém, se trouxermos este debate para a atualidade, veremos que a conduta religiosa não mais fornece elementos para que uma determinada economia se desenvolva no país, mas a religião em si incorporou a lógica econômica de forma intrínseca, pois essa é a forma que se vê como necessária para que qualquer atividade possa permanecer e se manter no mundo moderno, uma vez que a distinção entre o que é religioso e o que é comercial se perde em meio a uma organização que abrange tudo e todos como parte da uma cadeia. Com o desenvolvimento do modo capitalista de produção, todos os períodos históricos posteriores apresentam um determinado espírito propício para o acúmulo de capital, na qual pode ser considerado como uma ideologia que o justifica, e que funciona como estrutura que possibilita sua reprodução e manutenção, assim como representações capazes de guiar a ação, de “justificações compartilhadas, que o apresentam como ordem aceitável e até desejável, a única possível, ou a melhor das ordens possíveis” (BOLTANSKI, L. & CHIAPPELO, 1999).

Os autores Luc Boltanski e Eve Chiapello (1999), no livro “O novo espírito do capitalismo” apontam que a maior marca do capitalismo é a sua capacidade de transformação e reconfiguração, na qual em todos os períodos necessita também de uma determinada ideologia para se sustentar. Para isso, é mobilizado um estilo de vida, que funciona como mecanismo e dispositivo que lhe são congruentes. Como apontam Chiapello e Boltanski:

Veremos como o discurso da gestão empresarial, que pretende ser ao mesmo tempo formal e histórico, global e situado, misturando

preceitos gerais e exemplos paradigmáticos, constitui hoje a forma por excelência na qual o espírito do capitalismo é incorporado e oferecido como algo que deve ser compartilhado. (BOLTANSKI & CHIAPPELO, 1999, p. 46)

Neste sentido, pode-se analisar as instituições religiosas como uma nova rede de dispositivos ideológicos que promovem a manutenção e o fortalecimento desta ordem econômica. A existência de um suposto trabalho no interior da instituição religiosa neopentecostal pode ser considerada como fruto da complexidade e sociabilidade associado à nova busca e anseio religioso que geram uma determinada dinâmica econômica correspondente à lógica de livre concorrência do mercado, na qual se constituem como trabalho, mas não geram um produto final palpável. Desenvolvem, assim, uma “carreira eclesiástica” evocando parâmetros, dentre os quais de direitos trabalhistas. Estas são formas de valorização do capital que se utilizam de estratégias de incorporação de atividades ligadas à religião. Os “trabalhadores da fé” são uma nova categoria social unificada por um trabalho, que a despeito de nem sempre produzirem bens tangíveis, estão inseridos no capitalismo, sendo assim, produzindo valor e sentido, através de um determinado discurso, criando uma determinada estrutura de pensamento com base em símbolos.

O autor Bourdieu (2007) aponta em seus estudos a existência de *estruturas estruturantes* que são criadas a partir de um poder simbólico e são instrumentos legítimos de dominação, as quais se manifestam em formas como a arte, a religião, a língua, criando universos simbólicos e se desenvolvem como ferramentas de conhecimento e construção dos objetos. Para que esta forma seja eficaz, são formados corpos de especialistas de uma determinada área, como podemos observar na formação do mercado religioso que se especializa em bens de salvação. Sobre isso:

Os sistemas simbólicos distinguem-se fundamentalmente conforme sejam produzidos e, ao mesmo tempo, apropriados pelo conjunto do grupo ou, pelo contrário, produzidos por um corpo de especialistas e, mais precisamente, por um campo de produção e de circulação relativamente autônomo: a história da transformação do mito em religião (ideologia) não se pode separar da história da constituição de um corpo de produtores especializados de discursos e de ritos religiosos, quer dizer, do progresso da divisão do trabalho religioso, que é, ele próprio, uma dimensão do progresso da divisão do trabalho social, portanto, da divisão em classes e que conduz, entre outras consequências, a que se desapossem os laicos dos instrumentos de produção simbólica. (BOURDIEU, 2007, p. 13.)

Há, neste sentido, uma relação determinada entre os pastores que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos (os fiéis), na própria estrutura deste meio em que se produz e se reproduz a crença. É através do discurso que é exercido o poder de se manter a ordem, ou de subvertê-la, é “a crença na legitimidade das palavras e daqueles que as pronunciam, crença cuja produção não é da correspondência das palavras” (BOURDIEU, 2007, p. 15). Atualmente, os discursos difundidos nos cultos no interior de templos pentecostais e neopentecostais legitimam a ideologia própria da sociedade de consumo e o ganho material, na qual se articula de forma direta com o sistema capitalista, não condenando a “ganância” como fazem e faziam algumas religiões do passado e principalmente a igreja Católica. Essa estreita relação faz com que a religião se incorpore como mais um instrumento de legitimação da ordem e que produz e reproduz essa ideologia dominante.

A diferença entre o que Weber analisou e o período atual é o estágio em que o sistema capitalista se encontra. Em seus estudos acerca da ética protestante e as ações econômicas, o capitalismo ainda estava em desenvolvimento, e hoje o modo de produção capitalista atinge tal complexidade que não há como distinguir o que é atividade produtiva e o que não o é, o que é religião e o que pode ser definido como trabalho. Todas as esferas se encontram imersas em uma única cadeia de produção, na qual foge da sua forma imediata e material, atingindo um nível superior de produção imaterial, que envolve saberes, informações, serviços e atividades antes vistas como crença ou tradição.

Essas novas igrejas se diferenciam de outras doutrinas existentes até então e mobilizam ao seu redor milhares de pessoas em busca de soluções que vão desde questões espirituais até materiais. As instituições pentecostais e neopentecostais são as principais agentes neste novo campo religioso, dominando diversos âmbitos da vida social, econômica e política. Elas constituem as “Indústrias da Fé” (MARIANO, 1999) e arregimentam um vasto contingente de crentes, utilizando para isso um grande aparato organizacional de templos e força de trabalho composta por ministros de confissão religiosa (pastores) e serviçais dos rituais religiosos, que possuem grande influência moral, ética e ideológica.

Para os neopentecostais, o mundo é o espaço onde se podem realizar os bens que Deus lhes proporcionou, afirmando e aceitando este mundo terreno e a vida carnal, em

vez de rejeitá-los. Deus só tem uma única exigência aos seus seguidores: o devido pagamento do dízimo. As religiões passam, portanto, a pertencerem ao mundo terreno, à vida material, e é através desta que se manifestam. Nesse sentido é que a aquisição material ganha extrema importância na demonstração da fé e devoção.

A “Teologia da Prosperidade”, criada nos EUA na década de 1940, foi difundida no Brasil no decorrer da década de 70. Em outros países é conhecida como “palavra da fé”, “movimento da fé” ou “evangelho da saúde e prosperidade”. Funciona como método de incentivo material, estabelecendo uma estreita relação entre o sucesso econômico e a disciplina religiosa do fiel, tendo como sua principal característica impulsionar a incipiente tendência de acomodação ao mundo e aos valores e interesses em vida, isto é, à sociedade de consumo. Isso expressa como o neopentecostalismo trouxe à vida terrena o poder divino, e através dessa doutrinação as igrejas encontram um meio de materializar uma determinada ideologia na dimensão prática da vida das pessoas.

Na Teologia da Prosperidade o sucesso aparece como indicador do milagre, que se fundamenta na manipulação da emoção, e nesse sentido o dinheiro ganha importante papel mediador nas práticas religiosas neopentecostais. Essa teologia oferece fórmulas para multiplicar o dinheiro e prosperar em todos os âmbitos, pois considera que o fracasso é coisa do Diabo. Nesse sentido, o dinheiro adquire nova concepção no campo religioso em meio ao fértil terreno da economia neoliberal, sendo um verdadeiro símbolo que realiza a mediação privilegiada com o sagrado em ambientes de trocas ritualísticas.

Partindo desta perspectiva, a religião vinculada à materialidade do mundo transcende ao que seria a princípio mera crença, alcançando a dimensão de um complexo cultural variado. As igrejas pentecostais e neopentecostais passam a elaborar uma diversidade de projetos no interior de seus templos adotando estratégias e técnicas de atração de fiéis, visando sobressair em meio ao competitivo mercado de agências religiosas. Neste sentido, as instituições criam identidades através de discursos ideológicos e fontes morais, na qual funcionam como estabilizadores (DOUGLAS, 1998).

Segundo Mary Douglas (Ibidem), instituições são como um “princípio estabilizador”, na qual realizam uma forma contemporânea de dominação, de caráter simbólico e que buscam sempre ocultar essa influência, atribuindo um caráter natural e

necessário à sua existência. Por ser sutil, é também mais intenso e complexo e visa a manutenção de uma determinada ordem, como demonstra também Michel Foucault (2009) em sua arqueologia do pensamento ocidental, observando em seus estudos como o pensamento é transferido para as instituições e como essas instituições ignoram o pensamento individual e adaptam a forma do corpo e da mente. Essa dominação simbólica ocorre por vias materiais e geram categorias de pensamento que legitimam as instituições:

A história se conclui com o rasgar dos véus, a perda do encantamento, o questionamento e o fim da legitimidade. A inverossímil narrativa proposta por um pensamento institucional como este é que a legitimidade sempre existiu sem ser questionada, onde quer que fosse. Que outrora tenha havido um período de legitimidade inquestionável é uma ideia que nossas instituições usam para estigmatizar os elementos subversivos. (DOUGLAS, 1998, p.112)

Nesse sentido, Mary Douglas resgata Durkheim (1989) sobre a racionalidade das instituições se formarem enquanto categorias de pensamento, a partir da reflexão acerca da construção da identidade individual construída com base em uma concepção baseada no que a instituição coloca. No caso da instituição religiosa, é construída uma ideia de pertencimento, cuja identidade individual se funda com o grupo, em uma causa única e distinta. Os fiéis frequentadores de uma determinada igreja se sentem acolhidos pela instituição (este é muitas vezes o apelo principal na qual as igrejas se utilizam), e se sentem obrigados a retribuir este acolhimento, adotando para si a causa da igreja. Este movimento na qual o indivíduo é submetido faz parte de um processo próprio do “recrutamento” na qual as instituições devem realizar para que seja possível sua permanência, fortalecimento e continuidade. Em se tratando das igrejas neopentecostais, isto se faz extremamente nítido, porém se torna complexo no momento em que abrange elementos determinantes em diversos fatores entre subjetivos, cognitivos e de caráter social.

Nos estudos de Émile Durkheim (2001) sobre o fenômeno religioso como um atributo da consciência coletiva, é observada a relação entre os aspectos morais e materiais. O que significa que o fato moral e a solidariedade entre os indivíduos para Durkheim são originários da própria estrutura da sociedade, e que a consciência social está diretamente vinculada a uma série de elementos sociais, ou seja, está ancorada materialmente e se manifesta nas relações. Conforme as sociedades se desenvolvem e a

sociabilidade se intensifica, surgem representações que lhes são estruturalmente necessárias, o que significa que a ideologia é constitutiva do processo social.

Diante de um contexto onde o indivíduo não se sente contemplado com a representação política, órgãos públicos não atendem às necessidades da população, entre outras questões de ordem social e estrutural, como o desemprego e a desigualdade, o indivíduo moderno imerso em um ambiente que não o beneficia busca em elementos religiosos sua compensação, onde a complexidade das relações sociais e formas de produzir e reproduzir a vida atingem todas as esferas da sociedade, a religião enquanto parte da produção e reprodução da vida social se integra no processo de produção de valor.

A ciência das novas religiões se direciona para tais transformações no campo simbólico social. Através de métodos científicos é possível considerar a religião como o campo que produz e ao mesmo tempo reproduz as demandas sociais. Considerando a religião como uma realidade social e histórica que faz parte da produção espiritual de um povo, inclui também a produção de ideias, consciência e representação, que estão vinculadas a uma produção material, provinda das relações sociais.

2.3 Função e forma do trabalho religioso no capitalismo atual

Tais transformações no campo religioso envolvem um leque de novas formas de se relacionar com o sagrado na sociedade contemporânea. A BDN nos fornece elementos para se pensar o trabalho religioso em sua forma mais eficaz, na qual foi identificado e delimitado para o estudo: a organização interna do complexo empresarial, o funcionamento do trabalho exercido voltado para a manutenção e difusão da doutrina religiosa, a qual inclui várias áreas profissionais, como o marketing, a propaganda, a administração, a psicologia, e por fim a área do direito, sendo necessário o conhecimento prévio e a terceirização de profissionais para a permanência oficial e legal da igreja como pessoa jurídica, representante da religiosidade dos frequentadores desta instituição.

Entretanto, resta-nos ainda uma questão decisiva para as considerações sobre a caracterização do trabalho religioso realizado no interior dos templos da BDN, em relação à variância de significados que envolvem a categoria “trabalho”. Deste modo,

nos propomos agora à questão fundamental: O que é o trabalho? Para posteriormente compreender o suposto trabalho religioso.

Conforme Lessa (1995):

O ser social, portanto, é um ser que se autoproduz no sentido preciso que tanto as suas determinações mais essenciais, quanto as mais fenomênicas, são resultados da síntese dos atos humanos concretos, singulares, em tendências históricas concretas, universais. E isto apenas é possível porque, com o ser social, surgiu algo inteiramente novo: uma forma de interação entre o ser vivo e a natureza que é o trabalho. É das necessidades e possibilidades postas pela necessidade primeira de toda reprodução social, qual seja, retirar da natureza o indispensável para a reprodução social, que todas as outras categorias sociais surgem e se desenvolvem. Por isso é que, para Marx, o trabalho é a categoria fundante do mundo dos homens e todas as outras categorias sociais são por ele fundadas. (LESSA, 1995; p. 28)

O trabalho, portanto, enquanto categoria ontológica, funda o ser social, isto é, funda e fundamenta a vida dos homens em sociedade. Entretanto, segundo nos informa Lessa (1995) com o surgimento da sociedade de classes ocorre um processo de cisão do trabalho em “material” e “intelectual”. Utilizando o conceito baseado na teoria de Marx (2008), essa categoria assume sempre uma forma histórica de trabalho sob algum modo social histórico de produção. No caso do modo de produção capitalista, o trabalho enquanto categoria histórico-universal em sua forma histórico-particular adota outra forma, não mais se realizando pelos seus elementos simples e abstratos, que tornavam o trabalho “condição necessária do intercâmbio material entre o homem e a natureza; e condição natural da vida humana” (MARX, 2008; p. 218). A partir do modo específico do modo de produção histórico capitalista, o trabalho se realiza concretamente enquanto valor-de-troca, e deve necessariamente gerar lucro.

O que distingue as diferentes épocas econômicas não é o que se faz, mas como, com que meios de trabalho se faz. Os meios de trabalho servem para medir o desenvolvimento da força humana de trabalho e, além disso, indicam as condições sociais em que se realiza o trabalho. (MARX, 2008; p. 218)

A partir disto, diversas outras atividades, como o exercício religioso, também se transformam em trabalho, sendo apropriadas pelo processo de valorização do capital e

se transformando em mais fontes de mais valia, demonstrando sua enorme capacidade de generalização do capital a todas as esferas sociais. Mas isso não significa o cancelamento do trabalho como intercâmbio orgânico com a natureza como categoria fundante do mundo dos homens.

O que nos importa é o processo de trabalho, suas condições de empreendimento, a relação da mercadoria com o consumidor, seu encontro com as relações sociais, elementos que podemos encontrar também em atividades que não produzem bens materiais, como a produção ideológica de um discurso religioso, pois esta produção diz respeito ao processo de criação de valor que abrange diversos setores e formas da sociedade. Trata-se das relações que constituem nossa existência sob um determinado conjunto de relações sociais que são mantidas e permanecem através de ritos constantes. A materialidade ou imaterialidade do trabalho não depende da fisicidade dos objetos, mas da especificidade da produção e reprodução do capital.

Segundo Sérgio Lessa (2005), se o trabalho produz algo que tem a sua existência fora da subjetividade que o criou - e só assim pode ser trocado entre indivíduos pela mediação do mercado - não há como negar que esse objeto possui uma materialidade. Portanto, para este autor, a imaterialidade do trabalho é extremamente questionável, como veremos mais adiante.

2.4 Trabalho Manual e Intelectual

Segundo Bourdieu, a aparição e o desenvolvimento das grandes religiões universais estão associadas à aparição e ao desenvolvimento da cidade, na qual é marcado pela divisão do trabalho em intelectual e manual. Essa divisão gerou a consciência teológica, filosófica e moral, fazendo o homem refletir sobre sua existência e dominar a natureza. Isso gera alguns pontos primordiais para este estudo: a racionalização, a moralização e o desenvolvimento de um corpo especializado na gestão dos bens de salvação. Para entender o trabalho religioso realizado no interior da BDN, se faz necessário compreender o processo anterior que levou à intelectualização do trabalho e seu processo.

A história humana se consiste na história do desenvolvimento das relações sociais, é a história das sociedades, juntamente com o trabalho humano que é em última

instância social, a vida e a morte são tão sociais quanto biológicas. É por via do trabalho que se dá este desenvolvimento, através da objetivação os indivíduos se desenvolvem, utilizando o conhecimento para aprimorar habilidades, satisfazendo as necessidades e possibilidades históricas que não possuíam antes, o trabalho é por si só transformador, não há nenhum ato de trabalho que não transforme o real. Segundo Sérgio Lessa (2005), ser transformador é a característica fundante do trabalho, por este motivo não se restringe apenas à produção fabril, mas também a atividades humanas que possibilitam a transformação – inclusive intelectual e espiritual – do homem e de seu ambiente. Porém, sob um ponto de vista complementar, o trabalho não se caracteriza apenas a uma atividade transformadora. Deve também produzir algo concreto a partir da relação entre pensamento/consciência e ação para ser definido enquanto *práxis social*.

O trabalho intelectual e o manual surgem unidos, e posteriormente, começam a se desenvolver separadamente devido às transformações de técnicas de trabalho. Não há nenhuma atividade que seja possível ser realizada sem antes existir uma transformação prévia da natureza através das “mãos” que permitissem um trabalho intelectual adequado, para produzir os bens indispensáveis para sua reprodução, portanto, o primeiro é uma atividade ontologicamente dependente do outro. Além disso, é pertinente sempre considerar que o trabalho intelectual não é algo típico da modernidade e do desenvolvimento das forças produtivas, mas sempre existiu como a preparação para a *práxis* e como um trabalho abstrato no interior de qualquer atividade.

O produto transforma-se, sobretudo, do produto imediato do produtor individual (*unmittelbaren Produkt des individuellen Produzenten*) em social, em produto comum de um trabalho comum (*in das gemeinsame Produkt eines Gesamtarbeiters*), isto é, de um pessoal combinado de trabalho (*kombinierten Arbeitspersonals*), cujos membros se encontram mais perto ou mais longe da manipulação do objeto de trabalho. Com o caráter cooperativo do próprio processo de trabalho amplia-se, portanto, necessariamente o conceito de trabalho produtivo e de seu portador (*Trägers*), o trabalhador produtivo. Para trabalhar produtivamente, já não é necessário, agora, pôr pessoalmente a mão na obra; basta ser órgão do trabalhador comum (*Gesamtarbeiter*), executando qualquer uma de suas funções. (Marx, 2011, p. 105-6)

Em “A Ideologia Alemã” (2007), Marx e Engels afirmam que a divisão do trabalho só ocorreu quando surgiu uma divisão entre trabalho material e trabalho espiritual. Porém, do ponto de vista do capital, não há grandes distinções entre o

trabalho intelectual ou espiritual, e do trabalho intercâmbio com a natureza, pois tudo se resume em um único critério: produtor ou não produtor de mais valia. O debate sobre a caracterização baseada na materialidade ou imaterialidade do trabalho não basta para a total compreensão desta categoria, sendo necessária, principalmente, a distinção entre o trabalho que produz valor e o que não produz.

2.5 Discussão

A definição mais precisa de trabalho imaterial está em “Le ‘cycle’ de la production immatérielle”, de Maurício Lazzarato (2001), na qual o autor descreve o processo cujo produto ideológico torna-se sempre uma mercadoria, não havendo distinção entre valor de troca e valor de uso, e nem fetichismo da mercadoria. Este trabalho inclui a produção e reprodução da comunicação e, portanto, seu conteúdo mais importante: a subjetividade. Segundo o autor, a atividade estética é central, e não mais o intercâmbio homem-natureza. Esta é a primeira conceituação de trabalho imaterial. Os principais autores que tratam da questão do trabalho imaterial, e que o definem como tal são Antonio Negri (2001), Michel Hardt (2001), Maurício Lazzarato (2001) e André Gorz (2005).

Para Lazzarato, Negri e Hardt, o trabalho imaterial é a práxis da “nova subjetividade”, na qual emerge quando o capital se universaliza a toda sociedade. Esses autores constroem a teoria do trabalho imaterial baseando-se na recusa do fundamento teórico sobre o conceito de produtivo e improdutivo pautado na teoria do valor de Marx. Afirmam que o conceito não pode mais ser explicado no séc. XXI, sendo já superado sob os efeitos da reestruturação produtiva. Pois, com a “hegemonia” do novo processo de valorização, o consumo e a circulação seriam igualmente “produtivos”. É o que chamam de “Fábrica Social”, onde todas as relações sociais são igualmente produtivas. Justificando e legitimando a possibilidade de a produção ser levada ao seu extremo, pois não há nada mais que não seja produtivo.

A categorização do trabalho que não produz bens palpáveis surgiu devido às transformações do mundo do trabalho sob a reestruturação produtiva na qual trouxeram a necessidade de uma reformulação da teoria do trabalho. A teoria de Karl Marx sobre valor-trabalho é utilizada para a elaboração da teoria da imaterialidade do trabalho, porém, em alguns pontos é reformulada e reexaminada. Na teoria de Marx a substância

do valor era o trabalho social abstrato, porém, a heterogeneidade das atividades ditas imateriais, suas capacidades e saberes torna imensurável o seu valor. Isso gera questionamentos em relação às categorias colocadas por Marx. Assim, os autores que debatem este tema consideram somente a grandeza do valor, ou seja, o valor manifestado como relação social. É a partir deste diálogo que estudamos o novo serviço de bens de salvação da “indústria da fé” (MARIANO, 1999) no que se refere às relações sociais, estabelecendo uma ponte teórica entre a nova constituição do campo religioso e o caráter cultural do fenômeno e subjetivo, articulado com suas novas demandas do sistema econômico, assim como a sua produção de valor.

O surgimento de novas exigências e relações entre o trabalhador e o processo de trabalho, assim como habilidades voltadas para o conhecimento e a criatividade, resultando em novas formas de sociabilidade que geram novos debates acerca da materialidade do trabalho. Diante desta produção “imaterial”, surge uma nova categoria, a de “prestadores de serviço”. Essa nova categoria foi englobada no conjunto de atividades que não resultam da produção de bens palpáveis ou quantificáveis, mas na elaboração de saberes, culturas, comunicação, conhecimento ou ideologias, e é o que esses autores acima citados conceituam de “trabalho imaterial”. Também é transformada a interação com o meio social, assim como sua própria transformação. No entanto, essas transformações não representam a superação das condições exploratórias e das relações desiguais, como afirmam alguns teóricos do tema, mas ao contrário, tendem a se tornar continuidades que permitem a manutenção das formas de valorização do capital.

Segundo Negri e Hardt (2001), a categoria que chamam de “trabalho imaterial” pode ser composto pela produção no campo de “serviços simbólicos-analíticos”, na qual envolve a resolução de problemas, a identificação de problemas e atividades estratégicas de intermediação”. Assim, inclui também questões afetivas, serviços de saúde, indústria do entretenimento, sendo considerado imaterial “mesmo quando físico e afetivo, no sentido de que seus produtos são intangíveis, um sentido de conforto, bem-estar, satisfação, excitação ou paixão (HARDT; NEGRI, 2011). Seguindo a mesma linha de raciocínio, afirma André Gorz:

O saber da experiência, o discernimento, a capacidade de coordenação, de auto-organização e de comunicação. Em outras

palavras, formas de um saber vivo, adquirido no trânsito cotidiano, que pertence à cultura cotidiana. O modo como empregadores incorporam esse saber não pode ser nem predeterminado, nem ditado. (GORZ, 2005; p. 9)

A vida cotidiana também se torna matéria prima para promover a circulação de capital. Questões rotineiras são problematizadas pelas igrejas de forma que o indivíduo comum se identifique e se sinta único e exclusivo, atribuindo a Deus a possibilidade de resolução de problemas, que são sociais. Esse é o serviço oferecido, o conforto psicológico e a suposta “resolução de problemas”. Ao apresentarem mundos e situações perfeitas, atraem pessoas vulneráveis emocionalmente, que anseiam se libertar de tais problemas. Isto se dá pela elaboração de como esses mundos são idealizados e fetichizados, atingindo o inconsciente do indivíduo, assim como o fetichismo da mercadoria (MARX, 2008), onde as objetivações sociais assumem formas estranhas, ocasionando a dissolução entre o “eu” e o “mundo social”.

Há todo um trabalho atuante por parte dos “trabalhadores da fé” para a elaboração e a realização dos cultos e para proporcionar aos que lá estão determinadas sensações. Os cultos propõem uma nova forma de experienciar o sagrado em uma sociedade contemplada pela imagem, por estímulos, pela imediaticidade. Como um verdadeiro espetáculo, há a iluminação, a dimensão musical, estética elaborada que direcionam as emoções. Por meio de múltiplos meios sensoriais como a audição, gestos corporais e gritos é acionada uma dimensão emocional talvez nunca acessada pelo inconsciente do fiel. O culto conduz para um momento de isolamento emocional que é realizado pela presença coletiva de Deus no evento. Ou seja, a igreja trabalha para proporcionar ao fiel através do clima psicossensorial adaptado e desenvolvido uma experiência diferente de emoções e sensações. Por meio de uma experiência estética em conjunto com a ideia do espaço sagrado, na qual está apoiada em suportes materiais há um serviço oferecido em troca do dízimo, é a excitação da alma e do corpo, um acionamento de determinados estímulos que geram prazer, alívio e comoção, de forma que garantem o retorno dos frequentadores naquele local.

Diante deste quadro, onde a complexidade das relações sociais e formas de produzir e reproduzir a vida atingem todas as esferas da sociedade, a religião enquanto parte da produção e reprodução da vida social se integra no processo de produção de valor. É neste processo de socialização/subsunção ao econômico que a igreja atuando

através de um discurso, de uma organização sistemática interna e uma administração complexa gera um produto ideológico que assume a forma de mercadoria. Este é o produto gerado pelo trabalho executado.

A Bola de Neve atua entre os jovens, e trabalha a noção de mercado de trabalho entre os frequentadores, oferecendo até mesmo um ministério especializado em empreendedorismo²⁹. Através do discurso o pastor, que é o agente atuante da instituição, exerce influência sobre um determinado estilo de vida, incentivando normas de conduta, formas de comportamento, modos de pensar e agir, adotados e interiorizados pelos indivíduos. Este é o serviço oferecido por esta igreja: a sua oferta de inclusão do indivíduo a um determinado modo de vida, a um nível de conforto psicológico que reflete na esfera social fora da igreja, na inserção do jovem a um grupo, uma identidade que atua e que mantém um modo de existir no mundo, possuindo valores e crenças.

A religião, dessa forma, apresenta o duplo papel mediador do mundo espiritual e do mundo material, colocando a fé como única solução para a salvação divina e terrena e para a difícil tarefa de suportar a vida e a existência diante de tamanhos antagonismos sociais. Essa dificuldade não tem suas origens claras para esses indivíduos, deixando espaço para explicações de cunho sobrenatural, mas que não estão desvinculadas da vida política e social. Podemos considerar este “fetiche da fé” como um modo histórico de estranhamento social. Em relação a isso:

Há uma relação física entre as coisas físicas. Mas a forma mercadoria e a relação de valor entre os produtos do trabalho, a qual caracteriza essa forma, nada têm a ver com a natureza física desses produtos nem com as relações materiais dela decorrentes. Uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre as coisas. Para encontrar um símile, temos de recorrer à região nebulosa da crença. Aí os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas que mantêm relações entre si e com os seres humanos. (MARX, 2008; p. 94)

²⁹ “A rede cristã de empreendedores - Recrie, nasceu da necessidade de compreensão e entendimento do Reino em todas as esferas e segmentos da sociedade, e não tão somente de sua face eclesial, em outras palavras, o Reino não se manifesta apenas entre as quatro paredes de um templo ou, exclusivamente, em assuntos “religiosos” e espirituais. Recrie a maneira de conduzir sua empresa, recrie a forma de planejar seu futuro, recrie seus alvos e objetivos, recrie sua visão, procure e encontre a visão de reino para os negócios.” (Retirado do website oficial <<http://www.boladeneve.com/ministerios/recrie>> Acesso em 23/06/2015).

Esse trecho da obra de Marx diz respeito à forma como as relações sociais, a produção cultural e espiritual apresenta também caráter material na construção da realidade social. A igreja, nesse sentido, através da elaboração do discurso e do trabalho executado para a realização do culto atua diretamente nas bases concretas da vida diária, exerce força ideológica e, portanto, material. A BDN apresenta um discurso de cunho empreendedor e que entende o sucesso material como forma de recompensa pela fé atribuída, todo o trabalho atuante nesta igreja se volta para tal concepção e intuito.

O trabalho assume formas correspondentes aos modos de produção historicamente determinados, acompanhando o desenvolvimento das forças produtivas. O trabalho religioso pode ser considerado como uma dessas formas, que se apresenta como uma especificidade do capitalismo, um modo de mercantilização do sagrado, como característica própria das sociedades desse tempo. Tudo se torna mercadoria, a venda de si se estende a todos os aspectos da vida, tudo é medido em dinheiro (GORZ, 2005). As novas igrejas para se manterem e atraírem fieis se incorporam também nesta dinâmica, não porque se tornaram “profanas”, mas por que é a este modelo de vida que a religião hoje atende, em uma cooperação produtiva as igrejas se mantêm através do ato de reprodução e continuidade.

É nesse contexto que surge a discussão sobre a teoria do trabalho imaterial. Quando não há mais distinção entre o que é trabalho e o que não é, o tempo da vida se reduz inteiramente sob a influência do cálculo econômico e do valor, para tal, a teoria de Marx é utilizada para a elaboração da teoria da imaterialidade do trabalho, porém, em alguns pontos é invertida de forma que os autores passam a afirmar que esta teoria está superada, por se tratar apenas da condição fabril de trabalho. Os autores do trabalho imaterial recorrem à teoria do tempo e valor de Marx, e se fundamentam afirmando que a exploração acaba no momento que é rompido o tempo de trabalho. O tempo não sendo mais unidade de medida do trabalho passa a acabar a exploração também. Dessa forma, desprezam o fato de que é através da exploração do trabalho humano que o capital se estabelece como modo de produção. Sua análise considera apenas a produção entre sujeitos, de forma meramente abstrata, não considerando as circunstâncias históricas e sociais dadas. Eles consideram a superação das condições exploratórias, com base na valorização da subjetividade e do conhecimento.

Muitos autores consideram a teoria do trabalho imaterial insustentável e infiel à teoria de Marx ou mesmo impossível ontologicamente. Porém, todos concordam em um

mesmo ponto, que as transformações no mundo do trabalho trouxeram para a teoria social uma reproblemática conceitual do trabalho e das teorias dos processos de produção do valor – trabalho. Da mesma forma, é importante o debate sobre a possibilidade de o trabalho imaterial atualizar e reforçar as bases de reprodução social e alargar as formas de exploração. Por esse motivo, não é de maneira alguma uma questão irrelevante, é necessária uma reexaminação do conceito, e como a sociedade pode ser afetada por ele.

O debate sobre a imaterialidade do trabalho não é tão recente assim. Desde os “Manuscritos Filosóficos de 1844” (2002), “A ideologia Alemã” (2007), “Grundrisse” (2011) e em “O Capital” (2008), Marx já fazia referência a um trabalho intelectual ou espiritual, na qual foi essencial para a elaboração da crítica ao capital. No cap. XIV do livro “O Capital”, denominado Mais Valia absoluta e relativa:

Na medida em que o processo de trabalho é puramente individual, o mesmo trabalhador reúne todas as funções que mais tarde se separam. Na aproximação individual dos objetos naturais para seus fins de vida, ele controla a si mesmo [...] O homem isolado não pode atuar sobre a natureza sem a atuação de seus próprios músculos, sob o controle do seu próprio cérebro. Como no sistema natural, cabeça e mãos estão interligadas, o processo de trabalho une o trabalho cerebral com o trabalho das mãos. (MARX, 2008; p. 211)

Portanto, o trabalho abstrato é uma forma histórica do trabalho sob o capitalismo, enquanto categoria histórico – universal, em sua forma de trabalho concreto. O trabalho, enquanto intercâmbio com a natureza é tão real quanto à forma histórica mais específica do trabalho convertido em mercadoria pelo capital, ou seja, este trabalho tido como abstrato também é real, e de alguma forma material por conta do estranhamento que gera entre o processo de trabalho e o trabalhador.

O desenvolvimento das forças produtivas significa, em linhas gerais, a diminuição da necessidade do trabalho como intercâmbio com a natureza. O que permite, também, que cada vez mais energia humana seja voltada para outras atividades, com o desenvolvimento de outras maneiras de relação com o mundo. Como por exemplo, a comercialização de formas específicas de apreensão da realidade, como a comercialização do sagrado, sua instrumentalização e a religião como serviço. A fé se constitui em algo imensurável fisicamente, porém, as igrejas se tornaram tão parte de

um mercado imerso na ideologia produtivista que converteu o próprio sentimento religioso em moeda de troca, contribuindo para a estrutura de produção de mais-valia, de lucro e de expansão de capital, se adaptando à historicidade da formação social, assim como ao desenvolvimento das forças produtivas que sintetizam as relações de produção de cada formação social.

Segundo André Gorz (2005), o trabalho imaterial pode ser considerado um redimensionamento da forma histórica de valorização do capital. A imaterialidade/imensurabilidade seria mais uma fonte de um novo processo de valorização do capital, o “monopólio do capital conhecimento”. Isto submete elementos cognitivos na restrita dinâmica do capital, é a subsunção da vida ao capital. O trabalho imaterial viabiliza uma continuidade do processo de valorização do capital e do trabalho como realizador de valorização, incluindo em sua dinâmica cada vez mais dimensões da sociedade, como a religião. Neste caso, o trabalho imaterial é caracterizado como um trabalho que expressa diferentes quantidades de valores de troca e mercadorias.

Vale reforçar mais uma vez que materialidade não consiste no caráter tangível das coisas, mas nas relações que são construídas sob um determinado conjunto de relações sociais. Em geral, a materialidade ou imaterialidade do trabalho tem relação com a troca entre mercadorias, mas não com o conteúdo do trabalho, ou seja, o que nos importa é o processo a que está imerso este trabalho. Sérgio Lessa (2005) questiona: se o trabalho produz algo que tem existência fora da subjetividade que o criou e assim pode ser trocado entre indivíduos através do mercado, é inegável que esse objeto possui uma materialidade portadora de utilidade, principalmente se tratando de uma reprodução social e ideológica que apresenta objetivação diretamente material na vida dos indivíduos.

Como as ideias não possuem massa nem são energia (como o magnetismo ou a gravidade), não lhes resta senão o absurdo de afirmarem como “imaterial” a ideologia. Perdem, assim, a possibilidade de reconhecer a ideologia como uma categoria objetiva do mundo dos homens, como um complexo social que exerce força material na reprodução social. (Lessa, 2005; p. 12)

Sergio Lessa afirma que o trabalho imaterial é material. Segundo este autor, se o trabalho for imaterial, ele deve necessariamente resultar em produto imaterial. Algo imaterial seria, a rigor, algo inexistente, portanto se o trabalho imaterial produzisse algo

imaterial, ele seria inexistente. Lessa crítica, neste momento, a concepção de materialidade tradicional, típica do economicismo da II Internacional e do Stalinismo, na qual negam a força material das ideias e complexos ideológicos na história do desenvolvimento das sociedades. Dessa forma, se restringiria a materialidade do objeto à mera “coisalidade” do mundo natural, desconhecendo a materialidade específica do mundo dos homens no interior da qual as ideias possuem grande força objetiva.

É de extrema importância identificar as ideias como forças materiais na construção e desenvolvimento social. Devemos nos atentar, também, em reconhecer como tal falsificação do real passa a cumprir hoje uma função ideológica. A igreja como falsificação ideológica do real cria “produtos” para sua permanência no mercado, comercializando o sagrado de forma a retirar do trabalhador comum sua quantia de lucro. É através desta falsificação da realidade que esta Instituição permeia a reprodução do capital, embora não gere mais valia de forma direta, é inegável o fato de que contribui de forma ativa na expansão e acumulação de capital de um modo abrangente.

2.6 Trabalho Improdutivo e Trabalho Produtivo

Para tratar sobre a teoria do trabalho imaterial e sobre o trabalho religioso, é irremediável discutir sobre o trabalho que produz valor e o que não produz valor, desconstruindo teoricamente a hipótese de que o trabalho que não produz bens materiais tende a superar as formas exploratórias e estranhadas do processo de trabalho. Nos estudos sobre o tema, são analisados os mecanismos de superação do modelo fordista, e por outro lado, as formas desiguais desta “superação”, sendo consideradas as contradições inerentes aos mecanismos do capital, rupturas e continuidades que tendem a manter as formas de valorização do capital. Nesse sentido, outros setores passam a crescer, todos se tornam setores econômicos, alguns já o eram e outros não. Passam a funcionar como mecanismos de reprodução do capital ou como um novo meio de valorização do capital.

O setor de serviços e das atividades preparatórias passa a se expandir, gerando um questionamento no meio acadêmico em relação à centralidade do trabalho, transferindo a atenção à produção e ao consumo. Essas atividades vão sendo apropriadas pelo processo de valorização do capital, convertendo em mais fonte de mais valia. É em torno disto que se dá o debate sobre o trabalho produtivo e improdutivo, que

envolve o trabalho imaterial/abstrato. Para exemplificar o que seria um serviço resultante de um trabalho não material, Marx afirma: “A utilidade particular deste serviço não modifica em nada a relação econômica; esta não é uma relação dentro da qual eu transformo dinheiro em capital, ou que aquele autor do serviço, o professor, me transforme em seu capitalista, seu patrão” (MARX, 2008; p. 110).

Em linhas gerais, o trabalho produtivo é aquele que gera mais-valia, e o improdutivo o que não gera. Porém, nem toda a produção de mais-valia produz o conteúdo material da riqueza. Para Henrique Amorim (2009), seguindo isto, a questão primordial se volta à produção ou não produção de valor.

Do ponto de vista somente do processo de trabalho, é produtivo aquele trabalho que realiza um produto. Já do ponto de vista do processo de produção (processo de trabalho + processo de valorização), é produtivo somente o trabalho que cria mais – valia, que valoriza diretamente o capital – aquele capital que é constituído como parte não paga do trabalho explorado, isto é, sobretrabalho. É produtivo aquele trabalho que serve como instrumento direto ao capital para sua autovalorização. No processo de subordinação real do trabalho ao capital, ou seja, no processo de produção especificamente capitalista, o agente individual não é o centro da produção, mas sim um trabalho socialmente combinado. (AMORIM, 2009; p. 54)

A distinção entre a mercadoria em forma de bens materiais, ou a mercadoria em sua forma abstrata, ou o trabalho enquanto atividade ou serviço não é o que importa para o capitalista, mas sim se produz lucro para o capital, se é possível extrair mais-valia. A função específica do trabalhador é somente uma representação objetiva que o vincula ao trabalhador coletivo, ou ao processo de produção de valor como um todo. Nesse processo há uma transformação direta da mais-valia em capital, e antes disto uma transformação direta da mais-valia, caracterizando dessa forma uma atividade produtiva para o capital.

Porém, um trabalho improdutivo pode adquirir outra forma ao se inserir na cadeia de produção e no processo de reprodução do capital. Não basta identificar se o resultado de uma atividade é produtivo em si, pois ela recebe um resultado somente quando imersa nas relações sociais de produção historicamente determinadas. É necessário compreender como o trabalho imaterial se insere na cadeia produtiva como um todo e que função apresenta na acumulação de capital. Por isso, não há como

estudar o trabalho imaterial sem considerar que: “A distinção entre trabalho produtivo e trabalho improdutivo é importante em relação à acumulação, uma vez que somente a troca contra o trabalho produtivo é uma das condições da reconversão da mais valia em capital” (MARX, 2008; p. 398).

A relação, portanto, não depende da fisicidade da mercadoria produzida, mas da maneira como foi produzida e sua possibilidade de conversão em moeda de troca, mas principalmente sua produção de valor. A materialidade das relações sociais estabelece relação com a “coisalidade” do mundo. São atividades que mesmo não produzindo diretamente mais valia, contribuem com a reprodução expandida do capital, em suas mais variáveis formas de trabalho. Marx indica que para o capitalismo: “Seu objetivo é diretamente o valor, não o valor de uso” (MARX, 2008; p.231).

Dentro do regime de troca, tudo o que puder produzir valor é utilizado. Assim, elementos como o próprio sentimento de religiosidade, de frustração, fé, esperança são utilizados para a arrecadação de capital. A imediatividade das novas propostas religiosas traz uma aproximação com a vida particular de cada indivíduo, criando uma identificação artificial com seus anseios. Ao contrário de doutrinas clássicas, na qual as soluções propostas para a salvação ficavam em um plano sobrenatural, inalcançável em vida terrena. Essa transferência da salvação do céu pela terra traz a possibilidade de vinculação entre a manipulação religiosa e a reprodução ideológica, facilitando a reorganização da subordinação da vida pelo capital, criando um elo invisível que difunde e naturaliza as relações mercantis, transformando-as em “sagradas”. Nesse sentido, a igreja funciona, entre outras especificidades do capitalismo, como um elemento duplamente mediador entre o indivíduo vulnerável pela sua fé e a incorporação à lógica do capital.

O processo de transformação da fé religiosa em motivação para o consumo se faz através de discursos que incentivam o sucesso material. A religião como uma das fontes da alienação e estranhamento do mundo, porém, reforçando a ideia de que não é a única e nem mesmo a principal, é apenas um recorte de uma das dimensões da sociedade, que possibilita, através da investigação, a compreensão de um todo, a partir deste método de análise. A esfera da religião representa uma construção ideológica sobre uma realidade que precisa ser “recortada” para ser, talvez, atingida. Não há, assim, o “econômico”, o “político”, o “religioso” em sua forma pura. A síntese orientada pelo capital e mediada pelo econômico, na produção ou na circulação, é

expressão de uma imbricação de elementos variados que ganham representação econômica, é uma síntese de múltiplas determinações. Assim como a religião, e no caso a Instituição religiosa que é a expressão social e formal da religião, também não está desvinculada das outras esferas sociais.

As relações sociais e os complexos ideológicos exercem força de determinação e ação sobre a evolução e o desenvolvimento material das sociedades. O vínculo ontológico mais geral entre ideia e o desenvolvimento material das sociedades, é o trabalho, como forma originária do ser social, envolvendo todas as atividades humanas. É através da objetivação que materializamos a ideia, é o momento do trabalho pelo qual a finalidade idealizada é convertida em objetividade social. Ainda que o capital possa incorporar relações sociais ao seu processo de valorização e, neste sentido, possa converter em produtivos trabalhos antes improdutivos, não significa o cancelamento da relação ontológica entre o trabalho produtivo e improdutivo. O trabalho é sempre necessariamente social.

Tanto os trabalhos improdutivos como os trabalhos produtivos participam efetivamente da reprodução das relações capitalistas, embora com funções diferentes na realização da mais-valia como capital. No entanto, o trabalho imaterial não é o centro da produção excedente, que é elemento central do modo de produção, exatamente por ser a realização e a consumação da renda gerada. Nesse sentido, o trabalho imaterial estabelece uma relação próxima ao trabalho produtivo, pois o trabalho improdutivo: “Não produz valor nem excedente, e, por conseguinte aumenta não como causa, mas muito pelo contrário, como consequência da expansão do valor excedente” (BRAVERMAN, 1981; p. 357).

Nesse sentido, o trabalho produtivo ou improdutivo só pode ser apreendido na totalidade de suas implicações quando relacionado à sua função social e à relação que mantém com a forma de produção e reprodução mediada pela valorização do capital, uma vez que se encontra dominante em todas as esferas da sociedade. Um movimento contínuo de adaptação às novas circunstâncias históricas tem gerado a necessidade do capital se readaptar às regras da competição dos novos mercados. As Instituições religiosas ilustram adequadamente este movimento de incorporação à dinâmica mercantil. Ou seja, nenhum trabalho, independentemente de seu processo, pode ser examinado sem antes situá-lo no contexto da formação social dominada pelo capital.

O conceito de trabalho produtivo (por conseguinte, de seu contrário, o trabalho improdutivo) repousa sobre o fato que a produção do capital é produção de mais-valia, e que o trabalho que ele emprega é o trabalho produtor de mais valia. (MARX, 1983; p. 399)

Portanto, o trabalho que não produz bens materiais não pode assumir um caráter produtivo ou improdutivo nos elementos indicados por Marx, sem antes ser identificada a função e a forma social deste trabalho, e sua produção e reprodução ideológica. A complexidade das novas atividades e funções que permeiam a esfera da produção e circulação torna o estudo do trabalho mais amplo, porém, mais do que nunca essencial, em suas mais diversas formas.

É neste processo de socialização/subsunção ao econômico que a igreja atuando através de um discurso, de uma organização sistemática interna e uma administração complexa, gera um produto ideológico que assume a forma de mercadoria. É necessário, portanto, analisar como este trabalho religioso identificado como uma das formas na qual acompanhou o desenvolvimento das forças produtivas se enquadra na Constituição brasileira enquanto emprego, como serviço ou como uma atividade econômica, além de identificar as relações de trabalho entre os indivíduos que atuam nesta área.

CAPÍTULO 3- O TRABALHO RELIGIOSO

3.1 A burocracia do trabalho religioso e a Constituição

Tendo identificado um trabalho atuante no interior da Igreja Bola de Neve, como sendo um trabalho que se apresenta como uma especificidade do capitalismo e um modo de mercantilização do sagrado, este capítulo busca analisar a atuação deste trabalho e a sua forma jurídica: cabe aqui conceituar e caracterizar o trabalho religioso, identificando quais as relações trabalhistas existentes, de que forma as leis enquadram esta atividade na constituição e quais são os direitos e os deveres dos “trabalhadores da fé”. Posteriormente, será feita uma breve análise da teoria da escolha racional e sua

realidade prática, na qual busca aplicar leis econômicas para a compreensão do fenômeno religioso. Utilizaremos aqui a concepção de Pierre Bourdieu (2007) acerca do “trabalho religioso” como reprodutor da divisão do trabalho social, assim como será definida a distinção entre instituição igreja, religião e o sentimento individual de religiosidade, na qual George Simel (2011) delimita.

O trabalho religioso identificado consiste em grupos de especialistas em competição pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e das diferentes classes interessadas por seus serviços (Bourdieu, 2007). A Bola de Neve oferece uma oferta própria e particular, que é a flexibilização dos costumes pentecostais, a aceitação de elementos como a tatuagem e o *piercing*, a atração dos jovens através de eventos esportivos, através da reformulação do discurso que passa a ser composto por gírias, assim como a realização de shows, músicas, além da relação virtual e moderna com os fiéis. Para desenvolver esse perfil, a igreja se empenhou em intensa atividade de marketing, propaganda, elaboração de formas de sobressair e atrair determinado grupo, trabalho este orientado pelo pastor fundador da igreja Rinaldo Pereira.

O pastor Rina pode ser considerado como um “protagonista do sagrado” ou “especialista da religião” (Bourdieu, 2007), ou seja, é um porta voz de Deus, na qual leva a palavra divina ao mundo: este é o seu trabalho religioso. A religião acompanhou as regras do desenvolvimento do trabalho industrial, entretanto, não criou uma dependência total das outras esferas. A racionalidade desenvolvida dentro da religião acompanha a lógica econômica, embora possua uma lógica interna particular sobre as quais, as condições econômicas agem como elemento condutor, contribuindo também para o desenvolvimento de um corpo de trabalhadores da fé.

A divisão do trabalho no interior da igreja, na qual é realizada através dos ministérios, designa a relação objetiva que os grupos ou classes ocupam na sociedade. Bourdieu (Ibidem) se refere a uma monopolização da gestão dos bens de salvação por um corpo de especialistas religiosos que detém a competência específica necessária à produção e reprodução dos bens simbólicos de salvação. A divisão social do trabalho entre intelectual e manual, como foi discutido no capítulo anterior, tem reflexo direto na criação de uma consciência teológica, filosófica e moral dentro do ofício religioso, desenvolvendo um corpo especializado na gestão de bens de salvação.

Para Bourdieu, surgiu um monopólio de detenção de “capital religioso”, que é caracterizado pelo conhecimento teológico³⁰, pelo qual passa também a ser recompensado. Tal processo de autonomização da religião acompanha o processo de divisão do trabalho, na qual leva à constituição de um grupo de especialista em determinadas áreas. Esse processo de relativa separação entre as esferas da atividade humana (mas que são coordenadas e seguem a finalidade do capital, criando valor) e, em particular, pela constituição de mercados próprios, conduzidos por leis próprias, produzem condições adequadas à construção de sistemas ideológicos, que reproduzem as divisões da estrutura social.

Vale dizer que essa relativa autonomia de uma esfera em relação à outra, além de não ser exatamente uma separação, uma vez que ainda está submetida à lógica do sistema econômico e condicionada culturalmente, é uma liberdade que logo se revela limitada quando esbarra na condição das leis do mercado interno simbólico, vulnerável a uma demanda que surge através dos índices de venda e das pressões dos detentores dos instrumentos de domínio, por exemplo: as maiores igrejas evangélicas são aquelas que ditam as regras.

“O sistema de produção e circulação de bens simbólicos define-se como o sistema de relações objetivas entre diferentes instâncias definidas pela função que cumprem na divisão do trabalho de produção, de reprodução e de difusão de bens simbólicos” (Bourdieu, 2007. p. 104).

Quando um fiel da Bola de Neve exerce uma função dentro da igreja, na qual ele está apto para realizar devido a sua formação universitária, a igreja está reproduzindo a divisão do trabalho social. Muitos fieis com curso superior desempenham atividades consideradas intelectualizadas, e outros, que não apresentam nenhum curso ou diploma acabam realizando tarefas mais “desqualificadas”, como, por exemplo, promover a segurança do local (o responsável pela segurança passa a maior parte do culto do lado de fora da igreja), ou algo relacionado à limpeza. Também foi perceptível a reprodução da divisão de gênero nas atividades dos ministérios, tarefas como decoração e

³⁰ Hegel define teologia como o estudo das manifestações sociais de grupos em relação às divindades. Assim como toda área do conhecimento, possui objetos de estudo definidos. Como não é possível estudar Deus diretamente, pois somente se pode estudar aquilo que se pode observar e se torna atual, o objeto da teologia seriam as representações sociais do divino nas diferentes culturas, e necessita sempre de um porta-voz. Assim, a teologia pode referir-se a várias religiões, como a teologia protestante, por exemplo.

organização em sua maioria são atribuídas às mulheres, outras funções que exigem maior força física, como concerto de algum equipamento, passam a ser executadas por homens. Mas o que está em vista aqui é principalmente o trabalho realizado pelo pastor, na qual detém o capital religioso necessário para atrair e conquistar os frequentadores da igreja, pois ele se torna o líder da instituição não somente em relação ao papel de orientador espiritual, mas como coordenador da célula na qual administra.

Bourdieu elabora a teoria sobre a distinção entre a atuação de um leigo dentro da igreja e um produtor de bens simbólicos, como foi citado acima em relação à detenção do capital religioso. Porém, o que foi percebido, a partir da observação na Igreja Bola de Neve, é que esta distinção não se faz tão evidente. Os pastores das células da BDN não apresentam nenhuma formação teológica, e, portanto, não há a “qualificação religiosa”, na qual Weber (Ibidem) também define. Atualmente o que diferencia o pastor dos frequentadores da igreja, não é necessariamente a distinção entre alguém que detém o saber sagrado e o que poderíamos chamar de “ignorância profana”, mas algo, talvez, que se aproxime mais de certo carisma e liderança de grupo, além do domínio do discurso. A linguagem se apropria de um conjunto de esquemas de pensamento e de ação que conduzem à determinada ideologia religiosa. Mas os discursos proferidos falam em nome de grupos determinados, envolvendo uma estrutura que apresenta funções sociologicamente construídas: 1º) em favor dos grupos que a produzem e 2º) em favor dos grupos que a consomem.

O caso das organizações pentecostais e neopentecostais se aproxima a determinada oposição entre religião e magia, na qual Bourdieu se refere citando Weber:

“(…) no âmbito de uma mesma formação social, a oposição entre religião e a magia, entre o sagrado e o profano, entre a manipulação legítima e a manipulação profana do sagrado, dissimula a oposição entre diferenças de competência religiosa que estão ligadas à estrutura da distribuição do capital cultural (...) Tendo em vista, de um lado, a relação que une o grau de sistematização e de moralização da religião ao grau de desenvolvimento do aparelho religioso e, de outro, a relação que une os progressos da divisão do trabalho religioso aos progressos da divisão do trabalho e da urbanização, compreende-se as razões pelas quais a maioria dos autores tende a associar à magia características específicas dos sistemas de práticas e representações próprias às formações sociais menos desenvolvidas economicamente, ou então, específicas das classes sociais menos favorecidas das sociedades divididas em classes. A maioria dos autores está de acordo em reconhecer nas práticas mágicas os seguintes traços: visam objetivos concretos e específicos, parciais e imediatos ; estão

inspiradas pela intenção de coerção ou de manipulação dos poderes sobrenaturais (...) Todos estes traços estão fundados em condições de existência dominadas por uma urgência econômica que impede qualquer distanciamento em face do presente e das necessidades imediatas sendo ademais pouco favoráveis ao desenvolvimento de competências eruditas em matéria de religião, e por esta razão, têm maiores oportunidades de se manifestar nas sociedades ou nas classes sociais mais desfavorecidas do ponto de vista econômicos.” (Bourdieu, 2007.p.45)

Embora se aproximem da magia, as igrejas neopentecostais como a Bola de Neve, não podem ser de fato classificadas como tal, pois o que elas manifestam é um determinado tipo de forma diversificada da experiência religiosa. Com a secularização do Estado e o conseqüente enfraquecimento da Igreja Católica, diversos outros tipos de religião passam a surgir, com inúmeras modificações. Por um lado, um imenso leque de possibilidades de denominações surge e por outro a competição entre essas igrejas cria a necessidade de estratégias de diferenciação, a fim de se destacarem no meio. Essa diversidade permite que leigos atuem como líderes religiosos. Desse modo, a definição de Bourdieu acerca do monopólio da gestão de bens simbólicos por especialistas na área que detém o conhecimento teológico não pode mais ser aplicada para as análises em relação ao neopentecostalismo.

Mas o discurso proferido no interior da instituição não se faz sem produzir e reproduzir certos posicionamentos e legitimações. Considera-se aqui que este é o produto realizado a partir do trabalho religioso: o discurso e sua ideologia é a mercadoria produzida. A religião permite a legitimação de todas as propriedades características de um estilo de vida singular, propriedades arbitrárias que se encontram objetivamente associadas a este grupo ou classe na medida em que ele ocupa uma posição determinada na estrutura social. A religião “faz da necessidade, virtude” (BOURDIEU, 2007; p. 47).

O que interessa para a sociologia, em relação à religião, é investigar qual é o interesse que um grupo ou uma classe encontra em uma determinada prática ou crença religiosa, e principalmente, na produção, reprodução, difusão e consumo de um bem de salvação específico. Dentre os bens de salvação, consideramos também o próprio discurso. De que forma a força simbólica se materializa nesses determinados interesses mobilizados por um grupo ou classe que apresentam certa posição na estrutura social. Podemos analisar isso uma vez que a religião cumpre funções sociais, tornando-se, dessa forma, passível de análise sociológica.

Essa análise inspirada em Weber, baseada em Bourdieu e orientada por Marx se torna cada vez mais aplicável no fenômeno neopentecostal atual. Tendo vista tais constatações, podemos refletir que os fiéis não buscam nas igrejas neopentecostais apenas uma explicação de sua existência capaz de livrá-los da angústia existencial, do sofrimento ou da morte. Mas esperam da religião também uma justificação de sua condição social, por isso os discursos mais eficazes são aqueles que fornecem um sistema de justificação das propriedades que estão associadas à manutenção, criando uma zona de conforto que explica, naturaliza e atribui todos os males do mundo ao mundo sobrenatural.

Os discursos passam então a seguir um princípio específico. Afinal, em uma sociedade dividida em classes, “a estrutura dos sistemas de representação e práticas religiosas” (BOURDIEU, *Ibidem*) deve também contribuir para a perpetuação e para a reprodução da ordem social ao naturalizá-la e consagrá-la como imutável, tendendo a legitimar a hegemonia das classes dominantes. Além, também, de realizar o movimento de inculcação de determinado reconhecimento da legitimidade da dominação fundada no desconhecimento dos modos de expressão simbólicos da dominação. A Teologia da Prosperidade foi uma doutrina que criou um terreno ideal para esse tipo de ideologia, pois produz, reproduz e subsidia um estilo de vida e uma ética de pensamento que sustentam valores materiais. E a BDN, por sua vez, se adaptou perfeitamente à essa teologia e a este modo de pensar.

Porém, há também outro lado igualmente importante à questão do discurso: a crença na eficácia simbólica das práticas e representações religiosas. Os frequentadores precisam acreditar tão intensamente na doutrina para que possam a ela se dedicar inteiramente, desenvolvendo um trabalho na qual o grupo produz e projeta o poder simbólico que será exercido sobre ele e ao fim da qual se constitui, tanto para o líder religioso como para seus seguidores.

A gestão do “capital religioso”, produto do trabalho religioso necessário para garantir a perpetuação deste capital, assim como a manutenção e conservação do mercado simbólico só é possível com a existência dos “trabalhadores da fé”, na qual atuam e trabalham em prol de assegurar sua própria existência e reprodução. Para tal, a igreja necessita de uma organização e burocracia complexa.

A lógica do funcionamento da igreja, as práticas internas, e o conteúdo embutido no discurso são o resultante da ação de coerções internas inerentes ao funcionamento da

sociedade, na qual reivindica as necessidades e as exigências da sua conjuntura histórica. O trabalho religioso, assim como qualquer outro que se mostra eficaz em seu período histórico, correlaciona o sistema de relações constitutivo desta mensagem ao sistema das relações entre forças materiais e simbólicas que constituem o campo religioso. Nesse sentido, a igreja contribui para o reforço simbólico das divisões desta ordem, pela consecução de sua função específica. O discurso tende a conferir a tais estruturas a legitimação e a naturalização, capaz de instaurar e restaurar o consenso acerca da ordem do mundo mediante a elaboração de esquemas de pensamento comuns.

Os pastores das células da Bola de Neve visitadas no decorrer da pesquisa faziam seus discursos com base intensa na Teologia da Prosperidade, sempre incentivando a ascensão profissional, o empreendedorismo e o esforço individual. Percebi, então, a verdadeira importância da cerimônia religiosa, pois é o momento da prática discursiva, e para que o efeito necessário aconteça, é preciso que todo o ambiente esteja adequado. A preparação é extremamente detalhada, assim como a elaboração que precede o culto, o trabalho executado durante e também o trabalho posterior exigem intenso desempenho, atenção e dedicação, na qual mobilizam muitos dos fieis participantes de ministérios. A limpeza do local, a organização e a disposição do espaço, as luzes e o som a fim de estimular os participantes, entre outros diversos preparativos são tão importantes quanto o trabalho de atração ao público (como o marketing e a propaganda) que é realizado previamente por uma equipe que cria a arte para a divulgação, elabora sites, cartazes e folhetos para entregar nas ruas, divulgam os eventos, entre outras atividades.

A função do rito é a de tornar possível a perpetuação das relações estabelecidas naquele local, além de ser um momento de intenso proselitismo e evangelização, na qual o discurso adentra o inconsciente dos fieis através do ambiente propício para o louvor, com luzes e palavras que se repetem em voz baixa, músicas que promovem um estado de transe gerando certa vulnerabilidade de aceitação. É uma série de elementos que são colocados como necessários para salvaguardar a subsistência do grupo através de sua constante vivência. O trabalho religioso se faz mais importante do que nunca nesse momento, pois é através do culto que ocorre uma absorção subjetiva de algo objetivo: o discurso e a produção religiosa. Entende-se aqui, baseado em Berger:

“A interiorização é a reabsorção na consciência do mundo objetivado de tal maneira que as outras estruturas deste mundo vêm a determinar

as estruturas subjetivas da própria consciência (...) o indivíduo se apropria da realidade criada pelas instituições juntamente com seus papéis e sua identidade” (BERGER, 1984. p. 28)

O discurso não é passivamente absorvido pelos fieis, mas sim apropriado ativamente, se transformando em um terceiro elemento que cria identidades, papéis e crenças. É dessa forma que afirmo que o rito é a atividade necessária para a constante reprodução de determinada realidade. É no culto que há de fato a conversão e é no culto que ocorrem as ordenações de sentido e significado, onde as experiências seguem uma linha comum de organização, e os sentidos individuais passam a fazer parte de uma teia de integração coletiva.

Os sentidos e as verdades religiosas passam a serem os próprios sentidos e verdades de cada fiel. É nesse momento que o fiel se torna também um trabalhador da igreja, pois esta se torna a causa de sua vida. Muitos voluntários dos ministérios chegam com algumas horas de antecedência para garantir o bom andamento da cerimônia, ou seja, é um trabalho que exige energia vital, psíquica, física e tempo de trabalho, sendo uma mão de obra atuante.

Nos cultos da BDN são citados fatos e elementos de ordem rotineira e que se aproximam da vida dos jovens em geral, como a faculdade, a música, os relacionamentos, e os problemas que são comuns a esta faixa etária. Ao descrever todos os sentimentos de tensão que passamos diariamente, o pastor declama que compreende o que todos sentem e que há uma solução para tais angústias: Deus. Neste momento algumas pessoas que estão frequentando pela primeira vez ou que ainda não se denominaram convertidas levantam a mão e o pastor as convoca para irem até a frente, onde declaram que neste momento ouviram a voz de Deus e um conforto no coração, entre outras palavras semelhantes.

Em uma de minhas visitas a cultos da Bola de Neve, me deparei com uma situação embaraçosa: uma das frequentadoras me chamou ao fim do culto e me disse que Deus havia falado com ela sobre mim. Disse que ouviu que eu deveria parar de me questionar sobre o mundo através da Sociologia, pois esta só estaria me confundindo, e que eu deveria me atentar mais aos sinais da palavra do Senhor, pois estes sim me explicariam o mundo. Permaneci na Sociologia.

3.2 Religião, religiosidade, instituição e jurisprudência

George Simel (Ibidem) sustenta que o conteúdo das nossas representações e formas culturais (como a arte, a filosofia, a economia, a religião) é somente um e deriva da mesma origem: o mundo da ordem empírica, mediante a sensibilidade, sendo também um único fluxo de experiência. De um lado, a problemática kantiana que encontra seus herdeiros em Durkheim (Ibidem) e Lévi-Strauss (Ibidem), considera a cultura e todos os sistemas simbólicos, como a arte, o mito, a linguagem uma estrutura estruturada ao invés de uma estrutura estruturante, relegando, portanto, as funções econômicas e políticas dos sistemas simbólicos. De outro lado, tende-se a considerar a cultura e os sistemas simbólicos em geral como um instrumento de poder, ou seja, de legitimação da ordem vigente, como a tradição marxista e as contribuições de Max Weber.

Porém, o que Simel explica é que as formas culturais, embora sejam todas derivadas da experiência cotidiana, se delineiam de diferentes formas. Cada uma delas tem uma lógica específica, uma concepção de verdade e um método próprio: constroem realidades paralelas que se unem em um mesmo sistema de vida, interagindo e se intercalando.

A cultura, nesse sentido é a maneira como a experiência subjetiva se objetiva na vida. A religião seria a forma objetiva, e a religiosidade a forma subjetiva. A partir disto, Simel distingue a religiosidade da fé. Para ele, a fé é o aspecto psicológico e subjetivo de uma forma cultural, que é universal. A religião é um produto histórico-social da religiosidade, ou seja, é a síntese objetivada em uma instituição:

“O homem é naturalier religioso. A religiosidade é um modo de ser do homem, quer ela tenha, agora, um conteúdo, ou não, quer esta característica possa ser incorporada ou não, numa fé. Assim como é inteligente, erótico, justo ou belo, assim é religioso: o ser religioso, portanto, é uma maneira primária, absolutamente fundamental, do ser.” (Simel, 2011. p. 52)

A religião, de acordo com essa perspectiva, não é um resultado subjetivo da interiorização de um objeto transcendente, mas ao contrário, algo que está anterior à religião, na qual submete a si todo conteúdo da experiência vivida. Não é a religiosidade que advém da religião, mas a religião que surge com a religiosidade.

Simel sustenta que Deus, como objeto da fé, é produto abstrato das faculdades espirituais humanas. Deus como objeto de busca e fim em si, ou então, fonte de esperança, é o precipitado da causalidade concebida como energia indiferenciada: na objetivação do “*ens perfectissimum*”, a razão aplaca a busca do absoluto além de todas as particularidades. Deus, para Simel, é a objetivação da necessidade de amor na qual é intrínseco ao homem. A partir disto, é superado, então, todo materialismo determinista ou o positivismo, quando se considera a religião e a ciência atividades culturais com origem comum.

Na mesma linha, Weber (2001) distingue a religião em dois aspectos, um deles é místico e o outro é ascético. O aspecto ascético diz respeito à forma como se expressa a religião no mundo material e na vida cotidiana, através de condutas de vida, ética, a moral, hábitos, regramentos do comportamento. Para Weber, o ascetismo pode ser intramundano e extramundano. O elemento intramundano seria algo muito parecido com aquilo que foi citado acima, pela visão de Simel: a religiosidade. Como um sentimento religioso particular intrínseco aos seres humanos. Já o ascetismo extramundano seria a forma como se relaciona esta religiosidade com o mundo exterior, como, por exemplo, através de pregações e a difusão da palavra, algo muito recorrente entre doutrinas pentecostais³¹.

As doutrinas consistem na forma como se organiza essa crença particular e subjetiva que o indivíduo possui. A doutrina coletiviza e organiza a religiosidade, envolvendo práticas, rituais e os cultos, na qual apresentam suas próprias normas de conduta que se legitimam em nome de Deus. Tais regras estipuladas não estão submetidas às normas do direito e nem da Constituição, mas a religião se projeta na vida social das pessoas por meio da igreja, que é uma “pessoa jurídica”, sujeita a se enquadrar às leis civis e relações de cunho judicial. Cada igreja possui suas particularidades em relação às normas e inserção social. A Igreja católica, por exemplo, tem como sede o Vaticano, sendo ele seu próprio Estado.

A igreja existe a partir da união de uma crença comum entre os frequentadores e não envolve fins lucrativos, é uma sociedade. Mas isso não exclui a ideia de que não possa haver vínculo contratual entre os membros e a Instituição, pois mesmo nas

³¹ Com a Reforma Protestante, a Religião da palavra foi fortemente difundida, isto é, uma forma de difundir a religião através da leitura de escritos e a oralidade. É também uma forma de praticar a religião muito voltada para determinada ética e conduta de vida.

associações pode existir um contrato de trabalho, ou seja, existe a possibilidade de ocorrer ambos os casos. Existem muitas igrejas que contratam funcionários terceirizados para desempenhar tarefas no interior da igreja, porém, a Bola de Neve dispõe de funcionários voluntários - todos frequentadores e fiéis - em grande parcela das funções exclusivas da Instituição. O fato dos frequentadores poderem atuar em atividades que contribuem com o bom funcionamento, o desenvolvimento e a expansão da igreja cria um sentimento de pertencimento e utilidade perante aquele grupo e a Deus, assim como o critério dos “trabalhadores” da fé serem exclusivamente fiéis da igreja, ocorre por fatores como confiança e lealdade no trabalho.

Segundo a Bíblia, o sacerdote é escolhido por um “chamado divino” para se doar por completo a Deus, sendo recrutado a se subordinar à igreja em uma profissão de fé espontânea e desinteressada, não é uma opção, embora os escolhidos já tenham envolvimento com a causa. Diz o livro sagrado:

Eis a exortação que dirijo aos anciãos que estão entre vós; porque sou ancião como eles, fui testemunha dos sofrimentos de Cristo e serei participante com eles daquela glória que se há de manifestar. Velai sobre o rebanho de Deus, que vos é confiado. Tende cuidado dele, não constringidos, mas espontaneamente; não por amor de interesse sórdido, mas com dedicação; não como dominadores absolutos sobre as comunidades que vos são confiadas, mas como modelo de vosso rebanho. E, quando aparecer o supremo **pastor**, receberei a coroa imperecível da glória. (I Pedro - Cap. 5: Vers. 1)

É notório nesta passagem bíblica que aqueles a quem foi atribuído à missão de pastor, se vinculam a certa denominação religiosa a partir da vocação recebida por Deus, e se sujeitam às regras da igreja a que se estabeleceram em uma profissão de fé espontânea e opcional. Cada membro professa a fé da igreja a que se filiou, respeitando e se subordinando às regras desta. Todos os fiéis, pastores ou não, devem se submeter à doutrina por convicção e fé.

Nesse sentido, o ofício religioso não pode ser considerado de natureza contratual, pois o contrato de trabalho (art. 2º e 3º da CLT) envolve necessariamente: pessoalidade, onerosidade, prestação de serviço de natureza não eventual e subordinação jurídica.

RELAÇÃO DE EMPREGO - PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS RELIGIOSO - INEXISTÊNCIA - Não gera vínculo empregatício entre as partes a prestação de serviços na qualidade de **pastor**, sem qualquer interesse econômico. Nesta hipótese, a entrega de valores mensais não constitui salário, mas mera ajuda de custo para a subsistência do religioso e de sua família, de modo a possibilitar maior dedicação ao seu ofício de difusão e fortalecimento da fé que professa. Recurso Ordinário que se nega provimento. (TRT 10ª Reg., RO 17973/98 - 02/07/99 - Rel. Juiz Eduardo Augusto Lobato - Rev. Juiz Fernando Antônio Ferreira)

Dos requisitos citados, é possível observar que o indivíduo aliena o poder de manipulação de sua própria atividade em troca de uma remuneração. No caso do trabalho religioso, o indivíduo que “trabalha” dentro de uma Instituição religiosa não apresenta um vínculo empregatício, pois oferece sua mão de obra por vontade própria e não em troca do salário, mas por sua fé, sem exigir nenhuma retribuição material. A retribuição material, segundo a doutrina neopentecostal, aparece com o tempo, através da prosperidade em vida, sucesso profissional e realização de desejos e necessidades atendidas em troca da fé que o indivíduo oferece.

Portanto, em um primeiro momento, é possível considerar o trabalho religioso como uma atividade desinteressada, de caráter subjetivo e particular. Porém, no decorrer da pesquisa, são identificados fatores que fogem desta lógica, como igrejas que atuam com estruturas empresariais, participando de uma lógica que pode ser considerada “profana”, em relação à percepção religiosa.

O trabalho, como categoria histórica–ontológica assume formas que se adaptam de acordo com os modos de produção historicamente determinados, acompanhando o desenvolvimento das forças produtivas da época. O trabalho religioso pode ser considerado como uma dessas formas, que se apresenta como uma especificidade do capitalismo, um modo de mercantilização do sagrado, como característica própria das sociedades desse tempo, quando todo processo de trabalho se torna processo de valorização e produção de capital.

Segundo Alice Monteiro Barros (2005) o trabalho religioso não é avaliável economicamente. A atividade religiosa tem outra finalidade, que consiste no aperfeiçoamento moral ou no exercício de caridade em favor do próximo. De acordo com essa visão, a remuneração recebida não apresenta caráter salarial devido à intenção espiritual por parte do indivíduo que desempenha tal função, mas sim uma ajuda

material necessária para a subsistência do pregador. Se não fosse assim, não haveria sacerdotes, nem pastores e nem padres, pois estes estariam ocupados buscando um meio para obter sua própria sobrevivência.

RELAÇÃO DE EMPREGO. PASTOR EVANGÉLICO. Não é empregado aquele que se dedica 'a pregação da palavra de Deus, através da realização de cultos religiosos e execução de demais atos assistenciais. O vínculo que o une à instituição religiosa decorre de vocação espiritual, que transcende aos limites do Direito Objetivo. (TRT, Reg. RO 20949/2000 – 21/02/2001- Rel. Juíza Cristiana Maria Fenelon.)

Porém, como já foi comentado anteriormente, esse é um fato que se limita à mera teoria, pois a partir da análise, utilizando a sociologia das novas religiões como ferramenta de reflexão crítica, é inevitável perceber a relação que as novas igrejas constroem com a lógica de mercado, incluindo a lei da livre concorrência e estratégias de venda. A ciência das novas religiões se direciona para tais transformações no campo simbólico social, a esfera religiosa, e através de métodos científicos é possível considerar a religião como o campo que produz e ao mesmo tempo que reproduz as carências e necessidades sociais.

Um fenômeno social é um fato histórico na medida em que é examinado como momento de um determinado todo; desempenha, portanto, uma função dupla, a única capaz de fazer dele efetivamente um fato histórico: de um lado, definir a si mesmo, e de outro, definir o todo; ser ao mesmo tempo produtor e produto; ser revelador e ao mesmo tempo determinado; ser revelador e ao mesmo tempo decifrar a si mesmo; conquistar o próprio significado autêntico e ao mesmo tempo conferir um sentido a algo mais. (KOSIK, 1986; p. 40)

As igrejas pentecostais, e principalmente as neopentecostais, tomaram a forma de organizações empresariais devido à grande concorrência a que estão sujeitas no campo religioso. Passam a desenvolver estruturas complexas, manifestando não somente características do contrato de trabalho, mas destoando da noção bíblica de atividade religiosa, se aproximando do modelo de empresa privada. A concepção de que a igreja se tornou uma instituição privada vêm junto com o processo de secularização do Estado, pois antes desta separação, a Igreja Católica atuava fortemente no espaço

público e após tal separação, com o surgimento de grande diversidade de denominações, essas novas instituições passam a estabelecer relações com a vida privada dos frequentadores, adotando também métodos de administração e organização semelhantes aos de empreendimentos particulares, na qual envolvem relações de trabalho assim como qualquer complexo empresarial.

Segundo Ricardo Mariano (1999), a existência de uma carreira eclesiástica basta para existir também relações de trabalho. Noções tipicamente empresariais fazem parte do cotidiano e das práticas de várias igrejas, como a produtividade e a arrecadação de “fundos para a igreja”, assim como dinâmicas e estratégias são desenvolvidas com os participantes, visando sempre o crescimento da Instituição, como já foram tratadas anteriormente. A própria Igreja Bola de Neve se sustenta justamente por dízimos, o qual os fiéis doam para manter a igreja. É de interesse do frequentador que exista uma manutenção da agência religiosa á que é filiado, pois parte da sua função de fiel expandir sua religião na terra o máximo possível.

A Bola de Neve não apresenta posição rigorosa em relação ao dízimo, apenas menciona nos cultos que a igreja requer colaboração dos frequentadores, uma vez que se sustenta desta relação, demonstrando a necessidade recíproca entre a Instituição e o fiel, criando um vínculo que faz o indivíduo frequentador se sentir parte daquela “comunidade”. A igreja apresenta uma boa contribuição financeira, que permite se difundir cada vez mais. Muitos frequentadores entrevistados manifestaram que doam dízimo à igreja até uma vez por semana.

De acordo com uma frequentadora da Bola de Neve, a maioria dos pastores possui outra profissão e se dedica à religião apenas por fé em Deus, pois consideram isto como uma missão na terra: difundir a palavra da bíblia. Porém, o pastor da unidade de Marília-SP³² dedica inteiramente suas atividades a este ofício, não atuando em nenhuma outra área, assim como o pastor da unidade de Araraquara-SP. Já o pastor fundador da primeira “célula” desta igreja, Rinaldo Pereira, têm formação acadêmica no curso de Administração e também Propaganda e Marketing, atuou por algum tempo nessa área e posteriormente começou a ministrar cultos, afirmando não exercer mais as atividades na qual se preparou na faculdade.

³² Unidade da Bola de Neve utilizada para a pesquisa de Conclusão e curso apresentada no ano de 2014.

Neste caso, é imprescindível não considerar o ofício religioso como um trabalho, que por não resultar em nenhum produto final material apresenta caráter improdutivo. O fato do indivíduo se doar por uma causa, exercendo uma função objetiva, já é em si uma atividade que transforma seu ambiente e sua própria natureza, sendo o homem o ser social que exerce uma atividade orientada a um fim. Através do caráter sociometabólico, o trabalho se constitui na relação com os outros homens e na relação consigo mesmo, uma comunicação sempre social e coletiva.

No caso das igrejas, os trabalhos desempenhados visam o aperfeiçoamento das atividades a que se propõe, como a difusão da doutrina e sua expansão, com o intuito de estar sempre se desenvolvendo para melhor atuar. De acordo com o site, os ministérios não param de se organizar, surgindo novos a cada ano, assim como cada vez mais pessoas interessadas em participar. Os fiéis se mobilizam por uma única causa: trocar sua mão de obra pela disseminação da palavra divina, e como foi dito anteriormente, a igreja se torna a razão máxima da vida daquele indivíduo. É um trabalho religioso sem fins lucrativos, logo, pode ser considerado voluntário. Porém, o trabalho é algo inerente ao homem, não necessariamente deve estar dentro da dinâmica do mercado. Neste caso, é uma troca entre a natureza espiritual e o ambiente.

De acordo com a concepção marxista, o trabalho é a essência do homem, bem como sua capacidade teleológica, ou seja, de antever e planejar seu futuro é o que diferencia os homens dos demais animais:

Ele [o homem] põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nele adormecidas e sujeito o jogo de suas forças a seu próprio domínio. (MARX, 2008. p. 150)

Segundo a Bíblia, Deus foi o primeiro a trabalhar, pois fez o mundo e o homem. Com o pecado original, a doutrina cristã considera o trabalho sempre uma fadiga, o homem está eternamente condenado a trabalhar para se redimir do pecado original na qual tem total culpa. No sentido hebraico, o trabalho adquire uma valorização como atividade humana. Já no mundo grego, o trabalho apresenta duas visões distintas, a de que funciona como opressor da inteligência humana e outra que se refere ao trabalho

como algo que exalta a essência humana. Na Idade Média, o trabalho assegurava independência e no renascimento era visto como a verdadeira essência humana (BARROS, 2005).

Na contemporaneidade e em tradições de pensamento liberal e socialdemocrata, existe uma predominância em confundir de maneira ideológica duas categorias diversas, são elas trabalho e emprego. A confusão entre trabalho e emprego é algo problemático, pois há processos valorativos e históricos que distinguem qualitativamente as duas categorias. O trabalho como produtor de valor de uso – presente em todas as formas de organização social – é distinto de trabalho abstrato que produz mais-valia e que é historicamente datado. Ao trabalho é atribuído valor moral. Em Max Weber (2001) o trabalho irá assumir esse valor, pois segundo o autor, a partir da Reforma Protestante o trabalho sofrerá uma intensificação, pois este é tido como remédio para conter a miséria. A eficácia do trabalho é reconhecida porque é baseada em sua transcendência ética, esta baseada na relação que havia do trabalho com a religião, além de todo um contexto de industrialização pesada.

Em se tratando do trabalho religioso, na qual apresenta caráter imaterial e é improdutivo, a mediação ocorre entre o homem e sua natureza espiritual. É um trabalho social que implica um modo de organização do processo de trabalho com seus elementos simples descritos por Karl Marx, isto é, a atividade orientada a um fim ou o trabalho mesmo, seu objeto e seus meios (MARX, 2008).

Quando o religioso presta serviços por sua fé, está, portanto, fora do ordenamento jurídico – trabalhista, e não é considerado empregado. A jurisprudência brasileira unifica qualquer tipo de trabalho religioso em um só patamar (o de presunção da gratuidade), mesmo que sejam de natureza diferente. O que define a existência ou a inexistência do emprego é uma situação excepcional, na qual há o compromisso por parte do servidor para com a sua congregação, pois essa relação foge do direito secular.

No caso do pastor evangélico, mesmo que ele exerça atividades administrativas em sua igreja também não poderá ser considerado um empregado, a ele não se aplicam os direitos trabalhistas. Assim também como não é considerado empregado aquele que presta serviços espontâneos à sua congregação ou comunidade religiosa.

Segundo Alice Monteiro de Barros (Ibidem), em se tratando da natureza espiritual e vocacional, com a finalidade unicamente de propagar a fé, já não pode se

enquadrar dentro dos limites fixados pelos arts. 3º e 442 da CLT. Não é contrato, é voto de obediência, proferido ao incorporar-se à entidade religiosa, uma “missão espiritual”. No caso de pessoas que trabalham dentro da igreja, independente de votos de fé ou de pobreza, segundo a jurisprudência brasileira, pode ser considerado funcionário e está amparado pelas leis trabalhistas, podendo ser demitido mediante indenização simples. Portanto, se a atividade for de natureza espiritual, celebração divina, ritualística, ou em nome da instituição religiosa, não se aplicam a legislação trabalhista.

Todas as formas de Instituição religiosa da história da humanidade sempre apresentaram modelos de hierarquias de autoridade, que se responsabilizam pela mediação entre o homem e Deus. No caso das neopentecostais, os pastores são figuras de extrema importância nesse sentido, pois são eles os responsáveis pela realização dos cultos, pela pregação da palavra de Deus, pela mediação entre o sagrado e o profano, e até mesmo pela existência da igreja em si, pois é a ela atribuída a função de portador da voz de Deus. Porém, os pastores se limitam a questões religiosas e não podem atuar em atividades que dizem respeito às decisões burocráticas.

Os pastores da Bola de Neve (e de outras neopentecostais) não apresentam contrato de trabalho, embora a maioria esteja apenas ligado a esta atividade. Seu ofício não é considerado uma atuação profissional, mas sim uma função do “chamado divino”. De acordo com os termos da lei e jurisprudência, os pastores ou missionários não estão sujeitos à CLT. O que distingue sua condição de servidor de Deus a empregado legal é o voto de servir de corpo e alma à sua crença e instituição, pois esta relação foge ao direito secular. Como os pastores não possuem vínculo empregatício, quando remunerados, são tratados pela lei previdenciária e tributária como trabalhadores autônomos. Sua respectiva remuneração é denominada “prebenda” (BARROS, *Ibidem*) e deve se encaixar nos moldes de tais leis, quanto às obrigações. Se um pastor continuar mantendo outras profissões mesmo após sua entrada à igreja, em devoção ao chamado divino, estaria atuando como voluntário, pois apresentaria outra fonte de renda. Porém, de forma geral, isso ocorre por pouco tempo, pois logo após iniciarem a “carreira” de pastor, abandonam a antiga profissão.

Segundo um pastor entrevistado da Bola de Neve, o chamado divino surgiu inesperadamente em sua vida, pois nunca havia pensado em exercer tal atividade religiosa, o pedido irrecusável foi aceito, e após algum tempo ainda continuou a atuar na antiga profissão. Após um período curto, já sentiu a necessidade de se dedicar

inteiramente à carreira de pastor, e para isto, teve que abandonar o outro ofício, recebendo apenas uma “ajuda de custo” da igreja para a devida sobrevivência.

A manutenção financeira da igreja advém das contribuições voluntárias de seus membros ou frequentadores, por meio de dízimos e ofertas. Segundo um pastor, o dízimo é um princípio bíblico, é um chamado para ajudar, e não uma cobrança, um ato espontâneo. Na BDN, todos os entrevistados afirmaram contribuir com alguma ajuda em dinheiro, a maioria semanalmente, mas alguns contribuem mensalmente. A contribuição material do fiel com a igreja, que se faz através do dízimo, não é questionada por nenhum membro, pois é considerada uma “dívida natural” que os homens têm com Deus por terem participado do pecado original (MARIANO, 1999). Porém, Deus não quer o dinheiro de ninguém, ele só quer o sacrifício, expressão da devoção e obediência dos homens. Esse discurso é difundido entre todas as igrejas protestantes, que envolve evangélicas, pentecostais e neopentecostais, e apresenta grande eficiência sobre os fiéis ansiosos em reaver sua dívida divina. O dízimo é um ponto em comum entre as pentecostais/neopentecostais e a Igreja Católica (e entre o capitalismo na forma do débito), em todas elas o dinheiro é dado a Deus como forma de gratificação através da igreja.

As igrejas, embora sejam organismos específicos, eram obrigadas a se sujeitarem às normas direcionadas às associações, para que fosse possível estabelecer seus critérios de organização. Não tinham autonomia, segundo o código civil que existe desde 1916. O código civil estabelece de forma genérica procedimentos e critérios para a instituição das sociedades religiosas, colocando no mesmo patamar geral a situação de qualquer entidade religiosa igualando-as às associações. Em 10 de janeiro de 2002, com a promulgação do novo Código Civil, foi regulamentada a forma de constituição das pessoas jurídicas denominadas Associações, porém, não foi especificado que as organizações religiosas também eram consideradas pessoas jurídicas, ou, como associações.

Além disso, consignou-se ainda, no artigo 2031, o prazo de um ano para que todas as pessoas jurídicas se adequassem ao novo regramento. Ou seja, todas as igrejas deveriam alterar seus estatutos, já entravam também na condição de associações. Diante de tal situação, houve grande mobilização por parte das igrejas que se movimentaram e acionaram seus assessores jurídicos, surgindo também neste contexto, artigos e

literaturas relacionadas ao tema, com o intuito de compreender teórica e tecnicamente a situação jurídica das instituições religiosas.

A movimentação estava em direção a trazer a igreja, um órgão tão específico, dotado de regramentos e doutrinas tão peculiares, à luz da nova legislação. No artigo 44, a nova Lei indica quem são as pessoas jurídicas de direito público, listando as associações no inciso I e, nos artigos 53 a 61 do novo Código Civil, estão consignados os requisitos de constituição, organização, administração e dissolução especificamente das associações. Porém, em 2003, surgiu a lei nº 10.825³³, que define as organizações religiosas e os partidos políticos como pessoas jurídicas de direito privado, tendo liberdade para se organizarem independentemente do poder público.

Tal Lei deu nova redação aos artigos 44 e 2031 do Novo Código Civil, definindo que:

“Art. 1o Esta Lei define as organizações religiosas e os partidos políticos como pessoas jurídicas de direito privado, desobrigando-os de alterar seus estatutos no prazo previsto pelo art. 2.031 da Lei no 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil.

Art. 2o Os arts. 44 e 2.031 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002, passam a vigorar com a seguinte redação:

Art. 44. (São pessoas jurídicas de direito privado:)

IV - as organizações religiosas;

V - os partidos políticos.

§ 1o São livres a criação, a organização, a estruturação interna e o funcionamento das organizações religiosas, sendo vedado ao poder público negar-lhes reconhecimento ou registro dos atos constitutivos e necessários ao seu funcionamento.

§ 2o As disposições concernentes às associações aplicam-se subsidiariamente às sociedades que são objeto do Livro II da Parte Especial deste Código.

§ 3o Os partidos políticos serão organizados e funcionarão conforme o disposto em lei específica." (NR)

"Art. 2.031. (As associações, sociedades e fundações, constituídas na forma das leis anteriores, terão o prazo de um ano para se adaptarem às disposições deste Código, a partir de sua vigência; igual prazo é concedido aos empresários.)

Parágrafo único. O disposto neste artigo não se aplica às organizações religiosas nem aos partidos políticos." (NR).

³³ Site oficial da Presidência da República. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.825.htm> Acesso em 16/06/2016.

Segundo Taís Amorim³⁴, especialista em Direito Eclesiástico, com a promulgação desta lei, as organizações religiosas foram consideradas como um ente diverso das associações, tornando-se um ente jurídico próprio. Estabeleceu-se assim total liberdade na organização interna das igrejas, documental e estrutural. Dessa forma, as igrejas ganharam autonomia, tornando-se verdadeiras empresas privadas. Isto envolve resolver questões de cunho jurídico trabalhista, em relação a obreiros, líderes e pastores, de forma que estes podem ser inseridos em classificação de cargos, sem, necessariamente, assumirem função de administração ou que lhes permitam tomar decisões separadamente.

O “Direito Eclesiástico” ampara as entidades religiosas, garantindo uma regulamentação própria para as igrejas, como o direito civil, trabalhista, tributário, penal e administrativo. Esta categoria lida com tudo que envolve a Instituição religião, e possibilita a aplicação do conjunto de normas jurídicas com o objetivo de regular e fiscalizar os aspectos práticos sociais dos fenômenos que abrangem a Igreja e os seus envolvidos. O Direito Eclesiástico é a ciência que envolve as normas legais pertinentes à igreja, pois promove o estudo e possibilita a aplicação do conjunto de normas jurídicas emanadas dos poderes públicos legislativos com intuito de regular e fiscalizar os aspectos práticos sociais dos fenômenos que envolvem a igreja e seus líderes religiosos. É um novo campo do Direito, voltado para questões religiosas, e está sendo disseminado e utilizado principalmente entre as igrejas evangélicas.

Importante, portanto, se faz a divulgação e aplicação desta nova ciência, que, assim como o ramo do direito empresarial, por exemplo, que abraça todo o ordenamento jurídico aplicáveis às empresas, é o berço e esteio às entidades religiosas, para que estas tenham um norte para a melhor aplicação legal, consideradas suas peculiaridades. Assim, podemos concluir que o Direito Eclesiástico é a ciência que tem sido ferramenta para a atuação das entidades religiosas, mormente as cristãs ou evangélicas, que diante de tantas peculiaridades, tendo sido elevadas à ente jurídico com personalidade própria, careciam de

³⁴ Taís Amorim é graduada pela Universidade Paulista em 1997, especialista em Direito Processual Civil pela Pontifícia Universidade Católica PUC/SP, pós-graduanda em Direito Tributário pela GVlaw; especialista em Direito Eclesiástico; Membro da Associação dos Advogados de São Paulo; Membro da Ordem dos Advogados do Brasil - Secção de São Paulo e Secção do Espírito Santo, e pastora da igreja Bola de Neve Church unidade da cidade de Vitória-ES. Membro da Comissão de Terceiro Setor da OAB-SP. Membro do Instituto dos Juristas Cristãos do Brasil (IICB). Especializada em Direito Eclesiástico, atuando na área desde 2002. Escreveu o livro “Manual Prático de Direito Eclesiástico” (2013).

um norte legal para promover suas atividades nos moldes da lei. (Amorim, 2013, p. 32)³⁵

Diante de tal situação, podemos observar que as Instituições religiosas são atualmente consideradas pessoas jurídicas, e fazem parte da categoria do “terceiro setor”, embora, teoricamente, não surgem com o intuito de autobenefício e interesse individual. As entidades religiosas “administram recursos e interesses de terceiros”, ou seja, vendem bens de salvação como serviços oferecidos em troca de contribuições materiais. O Direito Eclesiástico ampara e garante a existência das igrejas na sociedade, incluindo-as no Código Civil como pessoa jurídica, assim como qualquer outra empresa, e, ao mesmo tempo, tenta, teoricamente, por meio de tal inclusão impedir possíveis fraudes dentro de entidades religiosas.

Quanto mais as atividades e funções das igrejas, na onda da flexibilização pós-industrial e da expansão em espiral do setor de serviços, aumentam e se diversificam, passando conseqüentemente a assemelhar-se às de qualquer outra organização secular, tanto mais provocativos se mostram os privilégios e isenções das igrejas e cultos, e tanto mais frequente a oposição que suscitam a partir do momento em que a coisa é percebida como caracterizando uma situação de desigualdade perante a lei. (PIERUCCI, 1996. p. 283,284)

Mais recentemente (2011), foi aprovado na Câmara dos Deputados um projeto de lei que “assegura aos clérigos o exercício dos atos litúrgicos em estrita conformidade com os respectivos ordenamentos religiosos”. Esse projeto afirma proteger o exercício da atividade religiosa e o trabalho religioso. Assim como a liberdade das práticas e dos atos litúrgicos, de acordo com seu Código religioso ou estatuto. Taís Amorim questiona esse projeto, explicando que essa liberdade de “atos litúrgicos” pode facilitar o surgimento de novas igrejas de caráter e intuito duvidoso, contribuindo para o aumento do competitivo mercado religioso, onde a fé se tornou mera mercadoria, com fácil acesso e muito lucrativo para aqueles que atuam na área.

Dentro do direito à religiosidade, há também o direito à liberdade de consciência, liberdade de crer ou não crer, de culto enquanto manifestação de crença, o direito à organização religiosa e o respeito à religião. A religião apresenta caráter

³⁵ Definição retirada da obra Manual Prático de Direito Eclesiástico, Ed. Saraiva, 2013, de Taís Amorim de Andrade Piccinini).

cultural e social, e é expressa coletivamente através da igreja, que se apresenta como uma Instituição Religiosa, considerada pela Constituição brasileira como uma pessoa jurídica. No que diz respeito à relação entre Estado e igreja, Callioli (2002) resalta alguns pontos informativos do Ordenamento Jurídico atual, entre eles:

Princípio da Autonomia: O art. 19 da Carta Constitucional de 1988³⁶ garante a laicidade do Estado, porém, não o posiciona contra a atividade religiosa, somente autoriza a execução da atividade:

Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios: I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou suas representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público.

O Princípio da Cooperação: aponta que tanto o Estado quanto a igreja apresentam interesse comum pelo ser humano, e apesar da atuação de cada ser particular, a preservação do ser humano não prescinde a nenhum dos dois.

Art. 5º - VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.

E por fim, o Princípio da Liberdade Religiosa. No Brasil, o art. 5º, VI, bem como o art. 19, todos da Constituição Federal de 1988, apresentam esse princípio. A liberdade religiosa abrange a dignidade da pessoa humana e a Constituição de 1988 chega a reconhecer esse direito como “um direito inato e anterior à lei”, conforme art. 5º:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

³⁶ BRASIL, Leis. CLT Saraiva e Constituição Federal. São Paulo: Saraiva, 35. ed. atual, 2008.

Os três princípios acima descritos podem ser depreendidos da Carta Constitucional de 1988, e, com diferenças e semelhança, das demais Constituições Republicanas, ficando a abrangência dos textos legais dependente apenas à interpretação da Lei pelo Judiciário.

O questionamento judicial sobre a existência ou não de vínculo de emprego entre trabalhadores religiosos e instituições religiosas não é uma discussão atual. Desde a chegada dos primeiros grupos evangélicos no país já se questionava a possibilidade de que a atividade no interior das igrejas fosse considerada trabalho. No entanto, a jurisprudência não sofreu transformações relevantes em relação a esta problemática. Desde a época da Proclamação da República até os dias atuais, a doutrina oculta por trás de um discurso “moderno” posicionamentos que ainda não se modificaram. Embora aparente um perfil relativamente mais flexível e menos rigoroso em relação aos valores e comportamentos dos fiéis, as doutrinas não foram alteradas de forma relevante.

Embora as instituições tenham se transformado apenas no que diz respeito à forma, e não ao seu conteúdo ideológico, o fato é que as igrejas tomam novo papel dentro da sociedade moderna, transferindo-se da esfera do sagrado ao terreno, do público ao privado, configuram um novo quadro religioso, pois atuam como organizações industriais. O fato da jurisprudência se manter inalterada contribui para que não haja legalmente relações entre emprego e instituição religiosa, e entre o trabalhador religioso, embora possamos perceber através de dados empíricos e análise crítica dos resultados a existência inegável do trabalho no interior da Igreja Bola de Neve, que é neopentecostal.

O chamado “desvirtuamento” da instituição religiosa significa a ocorrência de uma alteração de objetivos da instituição, a qual passa a visar o lucro em sua atuação. Porém, esta é a visão burocrática da questão, além de ser uma concepção atrelada a valores vinculados à determinada religião. Porém, através de outro ângulo de visão, podemos considerar estas novas formas de comportamento das instituições religiosas como um novo meio de se experienciar o sagrado na sociedade atual.

3.3 A institucionalização do sagrado

O sentimento do coletivo permanece muito forte, embora em uma sociedade caracterizada pela fragmentação, as pessoas buscam sistemas de atribuição de sentido, grupos que se unem em torno de visões de mundo e agora em atos institucionalizados, com etiquetas religiosas coletivas, criam – ou conservam - maneiras de aderir a consensos. A religião toma a forma de um instrumento a que se deve utilizar para alcançar um fim determinado. Geertz (1978) amparado pela antropologia interpretativa busca identificar as inter-relações entre o comportamento dos sujeitos e os sentidos atribuídos por eles às suas experiências e às características do contexto sociocultural ao qual pertenciam, e a religião sempre aparece nesses estudos como a expressão espiritual de condições materiais. Para Geertz o sofrimento é um problema social que busca amparo religioso, nesse sentido a religião não pode desaparecer sem antes desaparecerem as causas dos problemas que levam à busca pelo religioso, sendo ela mesma um fenômeno social.

O fenômeno de retorno ao sagrado é uma surpresa inusitada para aqueles que depositaram todas as suas expectativas na Ciência Moderna. Esse novo espírito religioso se aperfeiçoou. A nova sacralização apresenta um perfil racional, em uma busca religiosa de caráter material e terreno, na qual concede ao divino as conquistas em terra. Como última opção de salvação, os indivíduos buscam a religião para contemplar seus anseios materiais, suas angustias, de natureza social.

De fato, a religião se apresenta como uma forma de mediação específica, que leva em conta o caráter ilimitado do desejo humano e explica o mundo finito, colocando-o em relação com o horizonte infinito de um mundo – além, que assim se torna parte constitutiva da própria vida terrena. (CRESPI, 1999; p. 15)

Da mesma forma como Max Weber (2001) questiona as afinidades entre a ética religiosa e o sistema econômico, o neopentecostalismo pode vir a se apresentar como uma nova conduta de vida coerente às práticas de acumulação de capital, mas não seu elemento causador, uma expressão de uma conduta histórica. A religião justifica e delimita as regras de acumulação e competição, compartilhando com valores materiais e os estimulando. Passam a justificar e a naturalizar as relações de trabalho e os modos de

vida, tornando os fiéis pacíficos diante da hierarquia social que se constitui e organiza a sociedade em classes.

Quando as conquistas em vida não alcançam as expectativas, somando isso à insegurança da vida moderna, infelicidades de diversas naturezas, descontentamento político e econômico. Em uma sociedade “problemática, descontínua, heterogênea, fragmentada e fragmentária” (PRANDI, 1996) e contraditória, os indivíduos se sentem frágeis e vulneráveis a socorrer-se de alguma forma possível. Sociedades carentes de um porto seguro que não acreditam mais no país e nem no Estado, imersos numa lógica individualista, onde o coletivo foi dissolvido, juntamente com a comunidade, carentes do amparo político e da democracia buscam segurança em pilares imaginários, numa instrumentalização da fé, agregam sonhos de liberdade numa ilusória busca por soluções. O fracasso material é atribuído à falta de fé, a religião projeta o fracasso na vitória do “mal”, quando na verdade são questões de cunho social e histórico.

A igreja então se apresenta como um instrumento de terapia momentânea, de alívio imediato. A busca pelo sagrado se tornou uma ferramenta prática, viável e comum, as pessoas não buscam mais o encontro com um ser supremo, mas a eficácia da igreja em suas vidas práticas. O retorno não se faz pela religião, mas pela experiência religiosa, que se manifesta individualmente de forma utilitarista. Usufruem o que o sagrado pode oferecer, pagam devidamente por isso e se sentem tranquilos, sem culpa perante Deus.

Dessa forma, a religião cresce como serviço, ou seja, trabalho que não produz bens materiais. Esse mercado se expande rapidamente, isso é nítido e pode ser entendido pela lei da oferta e procura. Muitas pessoas necessitando de conforto psicológico, auxílio, consolo, encontram tais elementos em igrejas neopentecostais, que oferecem como profissionais estes serviços de bens de salvação, em um escambo material coerente a lógica do sistema de troca de mercadorias.

Se, nessa etapa, a religião pode significar novamente fonte de lealdade, o modelo mais se complexifica (e mais se fragmenta) quando a globalização propicia a rápida expansão dos mais diferentes credos e igrejas através de um planeta sem fronteiras para produtos e serviços que se oferecem no mercado globalizado, justamente quando a religião ela mesma se transmuta para ser o serviço que se oferece no mercado consumidor, mostrando-se como aquilo que chamei de religião paga. (PRANDI. 1996; p. 67)

O termo religião paga é muito bem utilizado por Reginaldo Prandi, e pode expressar o caráter mercadológico das novas igrejas. O neopentecostalismo é um formato específico da sociedade contemporânea, expressando a desarticulação, as ambiguidades e rupturas próprias desse período social. Em um movimento dialético, as sociedades pós-modernas incitam ao mesmo tempo a secularização religiosa e o reencantamento do mundo, pois são adaptáveis aos processos de modernização, com valores conservadores e fundamentalistas. A religião, nesse caso, expressa um caráter dual, pois legitimam a ordem vigente, mas, além disso, é uma reação às circunstâncias sociais.

A forma de vida capitalista se transmuta para além da esfera econômica, afetando diretamente o modo de vida das pessoas e transformando tudo em mercadoria, onde qualquer indivíduo pode facilmente adquirir por meio da troca. A religião, como um dos elementos principais do campo simbólico da sociedade, não escapou a essa dinâmica, e se tornou mercadoria também, sendo valorizada pela aparência, e não pela essência, se tornando algo imediato e descartável. Entretanto, uma análise mais profunda da condição da religião na sociedade atual, tendo em vista o nível de desenvolvimento capitalista, pode demonstrar que a religião voltou a desempenhar um papel dominante na vida das pessoas, e não é a ética protestante que é culpada por esse desenvolvimento alarmante do sistema de acumulação de capital, mas todo um processo histórico. A partir disto podemos identificar que este fenômeno é fruto da história materialista que herdamos. A religião é uma forma de ideologia, é uma realidade social e histórica, faz parte da produção espiritual de um povo, incluindo a produção de ideias, consciência e representação, que são em sua essência condicionadas por uma produção material, provinda das relações sociais. Portanto, não haveria de ser diferente, uma religião que se tornou tão adepta desta sociedade, não estar vinculada a uma produção material e mercadológica.

Vários autores já fizeram tentativas de correlacionar a religião com o sistema econômico. Para tal, é necessário um resgate teórico. A relação entre mercado e religião, que até então se faziam distintas, foi abordada primeiramente por Adam Smith, em “A riqueza das nações” (1988), obra na qual observa a proximidade entre os conceitos de economia e as atividades religiosas, analisando que o comportamento dos comerciantes para atrair clientes era semelhante ao dos clérigos para atrair fiéis. Mais

tarde, Marx e Engels elaboram estudos sobre práticas religiosas em relação ao desenvolvimento econômico em “A Ideologia Alemã” (2007), em uma interpretação materialista da história, com a ideia de que a religião é trabalhada pela humanidade através dos seus meios de vida.

Karl Marx volta a fazer referências sobre esta possível correlação no primeiro capítulo de “O Capital”, onde observa que o capitalismo é uma religião da vida diária baseada no fetichismo de mercadorias. Antes mesmo do famoso estudo de Max Weber sobre as afinidades da ética protestante com o capitalismo nascente, Marx observou esta relação, fazendo referência à contribuição por parte do protestantismo à acumulação primitiva de capital. Estas importantes observações podem ser relacionadas ao fenômeno neopentecostal, em relação ao culto ao dinheiro de forma mundana e ascética, a religião que se baseia nisto perde seu caráter sagrado, ela emerge de um meio profano, com uma cultura de acumulação de capital, valorizando o material e o sucesso econômico.

De acordo com a relação social de produção que tem validade geral numa sociedade de produtores de mercadorias, estes tratam seus produtos como mercadorias, isto é, e compraram, sob a aparência material das mercadorias, seus trabalhos particulares, convertidos em trabalho humano homogêneo. Daí ser o cristianismo, com seu culto do homem abstrato, a forma de religião mais adequada para essa sociedade, notadamente em seu desenvolvimento burguês, o protestantismo, o deísmo, etc. Nos modos de produção da velha Ásia e da Antiguidade em geral, a transformação do produto em mercadoria desempenha papel secundário, que vai se tornando importante à medida que as comunidades entram em dissolução. (MARX, 2008. p.101)

Historicamente, a religião é um instrumento de importante centralidade na sociedade, e está em muitos momentos vinculada de alguma forma ao Estado. Nesse sentido, a igreja é uma ferramenta de coerção social e cumpre com a função de manutenção da ordem, exercendo grande influência sobre as condutas de comportamento, produção de ideias e formação de consciência. Marx não pôde prever a “Teologia da prosperidade”, mas esta aparece como um ótimo exemplo de uma ideologia que, transmutada em religião e materializada na vida concreta, se expressa no comportamento e nas relações sociais, e é condicionada por uma vida mediada pela mercadoria.

A obra clássica da Sociologia, de Max Weber (2001) “A ética protestante e o espírito do capitalismo” nos fornece alguns elementos para pensarmos a religião na atualidade:

Mas o que era ainda mais importante: a avaliação religiosa do infatigável, constante e sistemático labor vocacional secular, como o mais alto instrumento de ascese, e ao mesmo tempo, como o mais seguro meio de preservação da redenção da fé e do homem, deve ter sido presumivelmente a mais poderosa alavanca da expressão dessa concepção de vida que aqui apontamos como espírito do capitalismo. (WEBER, 2001; p. 123)

É o que podemos observar no caso atual das igrejas neopentecostais, elas legitimam o capitalismo, em uma união conjunta, uma relação mútua entre ambos, tirando dos fiéis o compromisso e sua participação e atuação enquanto sujeitos de sua própria história. Tendo em vista que a classe trabalhadora é a maior frequentadora de igrejas neopentecostais, esta igreja apresenta um caráter alienante sobre as pessoas, tirando delas a consciência histórica e ação mobilizadora. A Igreja Bola de Neve, por sua vez, atua entre os jovens, com um discurso de caráter conservador em relação aos valores e não político.

Sobre o trabalho interno no interior da igreja, há uma reprodução da divisão social, é possível observar isto na organização que passa a justificar o diferenciamento de acesso a bens e recursos escassos. A própria divisão de atividades gera hierarquia de funções e cargos, que reflete muito nitidamente a divisão de classes sociais, sua reprodução e naturalização. Um reflexo da organização e estratificação social ocorre a partir do momento que um indivíduo com mais conhecimento técnico, formação adequada e melhores condições exerce atividades ministeriais de maior valor dentro da Igreja, geralmente com caráter mais intelectual e menos “braçal”, como atuação na área de marketing, propaganda, televisão.

Alguns autores afirmam que nas sociedades pós-industriais, o fator do conhecimento se apresenta como centro do novo modo de produção, e o campo simbólico passa a ser mais importante neste processo. Esse desempenho de funções não se restringe apenas em divisão de trabalho formal, ele se complexifica no momento em que não gera um produto final. O trabalho religioso é considerado como serviço para

alguns autores, para outros pode se encaixar na dimensão de trabalho imaterial, improdutivo ou meramente uma atividade.

Podemos observar que o trabalho religioso não apresenta bens materiais como resultado, e a sua mediação ocorre entre o homem e sua natureza espiritual. É um trabalho social que implica um modo de organização do processo de trabalho com seus elementos simples descritos por Karl Marx, isto é, a atividade orientada a um fim ou o trabalho mesmo, seu objeto e seus meios.

3.4 A teoria da escolha racional e o novo paradigma da religião

O autor Stephen Waner (1993) desenvolveu em seus estudos a teoria do novo paradigma da sociologia da religião. Este novo paradigma se difere do antigo, na qual tem como principal porta voz Peter Berger (1984; 2001). Os principais pontos de divergência do novo paradigma com o antigo são: a perspectiva da religião como propriedade de grupos específicos que a compõe, e não de toda a sociedade (Waner, 1993), visão crítica da secularização (Ibidem), utilização de conceitos econômicos, ênfase da oferta religiosa mais do que na demanda. Nessa perspectiva, Waner não vê como algo “profano” a competição entre as religiões e igrejas.

Além de Waner, Rodney Stark, Laurance Iannaccone e Roger Finke também trabalham a ideia do novo paradigma, aplicando teorias econômicas no estudo da religião. Ademais, autores como Mark Chaves (1996), Montgomery (1996), Darren Sherkat (1997), Michael Hechter (1997) e Anthony Gill (1994), entre outros, sustentaram criticamente esse paradigma, colaborando na discussão e clarificação de seus principais conceitos.

O novo paradigma diz respeito, como todos esses autores sugerem, à aplicação de teorias econômicas e de escolha racional ao fenômeno religioso. Para tal, são utilizados conceitos econômicos para analisar o pluralismo religioso (econômica religiosa, firmas/ empresas religiosas), monopólio, desregulação do mercado, consumidores).

No novo paradigma, os autores influenciados por Weber afirmam que a escolha da religião/instituição religiosa está baseada na ação racional acerca da busca por fins objetivos: os religiosos atuais optam pela religião que mais irá lhe beneficiar em termos

de recompensas e não custos, pelo motivo de que “as pessoas fazem escolhas da mesma maneira que fazem outras escolhas, pesando custos e benefícios” (Stark, 1999, p. 265).

Na busca por benefícios, afirma Stark (Ibidem, p. 265), os seres humanos “querem religião” por ser uma forma de obterem recompensas, incluindo aquelas indisponíveis aqui e agora para todos – como a vida após a morte –, para a qual há uma “demanda geral e inexaurível”. Porém essa visão se faz reducionista por limitar a religião apenas a um elemento que busca por benefícios. A instrumentalização de fato ocorre, mas não pode ser passível a uma análise não contextualizada da religião: esses benefícios têm valor em determinada circunstância histórica. A teoria da escolha racional apresenta diversos pontos problemáticos, como será mostrado a seguir. A religião está se adentrando cada vez mais intensamente na dinâmica capitalista, de forma que não há mais como separar o pensamento objetivo do subjetivo, negócios econômicos de religião. Todas as relações estão se tornando econômicas.

É necessário contextualizar essa relação, pois ela está inserida em um determinado momento histórico, político e econômico. Para que a compreensão destes fenômenos seja plena se faz, portanto, imprescindível compreender que há uma relação intrínseca e mútua entre as diversas partes do complexo de um mesmo tecido social, onde as razões, ações, meios, fins estão intimamente conectados em uma única rede de significados, que beneficiam sempre o mercado.

As maiores críticas em relação à teoria do novo paradigma são feitas em torno das seguintes questões: os autores não levam em conta os valores dos indivíduos (Hechter, 1997), as influências sociais (Sherkat, 1997) e tampouco considerações de status, mobilidade social e normas de grupo (Sherkat e Wilson, 1995). Para sustentar a teoria da escolha racional (rational choice) os autores recorrem à ideia de Boudon (1993) de racionalidade subjetiva:

[...] todas as ações baseadas no que parecem ser, para o autor, “boas razões”, razões que são “boas” na medida em que “se baseiam em conjecturas plausíveis”. Quaisquer que tenham sido as boas razões para realizar a escolha, a imputação de racionalidade sempre presume a presença de esforços subjetivos para avaliar as recompensas antecipadas em relação aos custos antecipados, ainda que tais esforços possam ser inexatos ou algo casuais (Stark e Finke, 2000, p. 37).

A questão central para estes autores é a de que a escolha é estrita e necessariamente individual, pois somente “de dentro” é que se pode avaliar a racionalidade (Idem, p. 37). Porém, não se considera que tal subjetividade é também construída socialmente e depende de diversas questões como as experiências vividas por este indivíduo, o ambiente na qual este teve contato, e a relação de suas preferências e gostos com um imaginário de identidade construído pelo mercado, embasado sempre em práticas econômicas e de consumo. Ou seja, as escolhas são racionalizadas até certo ponto, porém, há um movimento maior que as levam ser consideradas como predominantes.

Por outro lado, a ideia de um indivíduo que avalia e opta de acordo com os pressupostos de sua cosmovisão parece-nos um elemento interessante para se pensar a “Teologia da Prosperidade”, uma vez que essa teologia é compatível com a ideologia de consumo, e sempre comprova a tese aqui colocada de que o produto gerado é a ideologia. Observando por este viés, as pessoas elegem entre as distintas possibilidades religiosas que oferecem cosmovisões compatíveis, com base na avaliação do valor dos bens mágicos e religiosos que estão recebendo (Frigerio, 1999). Nesse sentido, a intenção é sempre maximizar seus benefícios.

As economias religiosas [...] consistem de toda atividade religiosa que sucede numa sociedade. Incluem um mercado de seguidores (demanda) atuais e potenciais; um conjunto de organizações (provedores) que procuram atender ao mercado e as doutrinas e práticas (produtos) oferecidas pelas diversas organizações (Stark e Finke, 2000, pp. 37-38).

Segundo Stark e McCann, o estado natural de uma economia religiosa é o pluralismo. Esta é outra diferença entre Berger e os autores do novo paradigma, sendo que os últimos acreditam ser benéfico esse mercado religioso, uma vez que a diversidade religiosa proporciona maior possibilidade de identificação, e Berger, por sua vez, vê de forma crítica a mercantilização religiosa na qual torna a fé empobrecida. Para Berger há uma superficialização da religião, na qual faz as pessoas buscarem a religião por uma tendência de “moda”. Já para os autores do novo paradigma, não há moda, mas grupos sociais com necessidades diferentes. Mas de onde surgem essas necessidades? Não são elas também produtos sociais?

Para Berger, há uma crise de credibilidade na religião: “a situação pluralista torna cada vez mais difícil manter ou construir novas formas de plausibilidade viáveis para a religião.” (BERGER, 1984, pp. 183). Porém, a dinâmica de mercado na qual a religião está se submetendo não se faz por vias simples, apresenta grande complexidade de relações e transações. Assim, ao descrever a “metáfora do mercado e a abordagem sociológica da religião”, Guerra afirma:

Sob a lógica do mercado, as atividades humanas têm seus fins e valores particularmente distintivos suspensos, tornando-se passíveis de ser implacavelmente reorganizadas em termos de eficiência e eficácia, e são, ao mesmo tempo, redefinidas como meios ou instrumentalidade. Quando essa lógica passa a presidir as esferas da significação, do simbólico, assiste-se a uma alteração radical dos mecanismos de funcionamento da dinâmica interna daquelas esferas, podendo ser apontadas duas tendências fundamentais do novo estilo a ser desenvolvido. A primeira, a tendência à transformação das práticas e discursos religiosos em produtos, introduzindo os modelos de religiosidade no mundo do consumo e do mercado; a segunda, uma consequência da primeira, refere-se aos aspectos de reestruturação das atividades das organizações religiosas em termos da administração de sistema de input e output, na direção de uma crescente racionalização das atividades. [...] a introdução da lógica da mercadoria na esfera da religião altera seu papel no sistema social, uma vez que se observa sua transformação em produto para ser consumido como outras opções de estilo de vida [...] (Guerra, 2002, p. 137)

Já os autores do novo paradigma afirmam o contrário: uma religião monopolista apoiada pelo Estado tende a ser ineficiente, uma vez que sem a concorrência, os agentes religiosos teriam pouca motivação para oferecer sua fé com vigor e eficientemente. Quando há situação de mercado (concorrência), as agências religiosas se dedicam de forma mais intensa para se diferenciarem entre si, delimitando suas características de acordo com o perfil que desejam atrair.

Trazendo este debate para a realidade prática do mercado religioso, com o caso específico aqui estudado da Igreja Bola de Neve, há pontos convergentes e divergentes em relação às teorias aqui colocadas. De fato, foi constatado que a igreja participa e fortalece uma situação de mercado que vêm se criando principalmente após a secularização da igreja católica com o Estado. A Bola de Neve não só está inserida nesta competição, como se beneficia dela pelo fato de utilizar como recurso de atração de fieis o fato de apresentar no mercado uma proposta diferenciada e inovadora,

abrangendo um público alvo que até então não se identificava com nenhuma outra instituição religiosa.

A flexibilidade do discurso e a liberdade dos costumes faz da Bola de Neve uma igreja que se destaca no mercado de bens de salvação, oferecendo uma ideia de igreja jovem e acolhedora, que permite a participação dos jovens no mundo moderno de bens de consumo. De forma que o pluralismo religioso, de fato, proporciona maior acesso ao ambiente religioso, pois possibilita grande diversidade e opções de escolhas para todas as identidades e grupos.

No momento que uma pessoa opta por se converter à Bola de Neve, há por trás dessa decisão uma escolha racional que avaliou as perdas e os ganhos de entrar para determinada religião. A BDN, no caso, proporciona inúmeros benefícios para um jovem evangélico que sente a necessidade de participar de um grupo religioso, porém, não quer abrir mão de um determinado estilo de vida coerente com a vida moderna, que permite hábitos como participar de festas e eventos com música e shows, encontrar outros jovens durante a noite em fins de semana, usar roupas da moda e se vestir com acessórios com estilos alternativos e não convencionais sem serem julgados como pecadores por estas escolhas, além de serem orientados e conduzidos à como se inserirem no mercado de trabalho. A Bola de Neve não só permite, como influencia o uso de tecnologias e redes de comunicação via internet, além do incentivo a atividades esportivas e a valorização do físico e da aparência como código identitário que define a participação de determinado grupo.

Através da Teologia da Prosperidade, a BDN incentiva seus fiéis ao ganho material e a uma prática “mundana”. Diante disto, torna-se evidente que a escolha pela Igreja Bola de Neve oferece diversas vantagens para um evangélico que quer participar normalmente da vida contemporânea, proporcionando muito mais ganhos do que desvantagens, pois além de ser uma ferramenta de inserção na sociedade, é também um auxílio emocional e espiritual que ajuda a suportar a difícil vida no sistema capitalista.

De fato, há uma escolha racionalizada, porém, há de se problematizar esta escolha. Se esta igreja atrai um determinado grupo, com determinados gostos e identidade, em qual contexto este grupo, gostos e identidade foi criado? Há todo um processo de construção de identidades jovens que produzem e reproduzem a linguagem

e os símbolos de consumo de imagens, sentimentos e ideias, a fim de seguir um modelo de vida hegemônico que beneficia o mercado.

Se a igreja atrai jovens que se identificam com o perfil proposto, é que por que há uma construção anterior deste determinado perfil, na qual o discurso desta instituição reforça e subsidia. De forma a considerarmos que todo o trabalho atuante realizado no interior dos templos da Igreja Bola de Neve funciona como meio de produção de subjetividade e de uma determinada identidade criada para consumo.

CONCLUSÃO

A questão pertinente é aquela que Karl Marx esboçou quando afirmou que “a religião é o espírito de uma sociedade sem espírito”, ou que a religião é “a muleta da sociedade”, correspondente também a aquela que Max Weber formula quando escreve que o conjunto de práticas culturais e condutas morais incentivou o espírito do capitalismo, ou seja, a religião e o trabalho religioso são uma reação que responde às necessidades próprias de um grupo social determinado. Esse foi o foco norteador da presente pesquisa.

As interações simbólicas que se instauram no campo religioso devem sua forma específica à natureza particular dos interesses que aí se encontram em jogo, ou seja, aos interesses específicos dos fiéis, por um lado, e dos líderes religiosos, por outro. O campo religioso trabalha para satisfazer um tipo particular de interesse, isto é, o interesse religioso que leva os leigos a frequentarem certa denominação religiosa e a esperar de certas categorias de especialista ações que solucionem seus problemas enfrentados na vida cotidiana, ações fundamentalmente “mundanas” e práticas, realizadas “a fim de que tudo corra bem para ti e para que vivas muito tempo na terra”, como diz Weber. (WEBER, *Ibidem*, p.83 - 84).

Considerando a religião, entre outras coisas, enquanto ferramenta social, sua busca é também a busca sistemática por um sentido coerente do mundo, ou seja, é atribuída à religião a função de ser um meio de justificar determinada posição na estrutura social, sendo ela mesma uma justificativa para a angústia existencial da contingência e do sentimento de abandono, ou mesmo da doença, do sofrimento ou da morte. E na medida em que os interesses religiosos tem por princípio a necessidade de justificarem a existência numa dada posição social, eles são diretamente determinados pela situação social.

Com base nisto podemos entender também a concorrência religiosa, que pode ser compreendida também como uma concorrência pelo poder religioso. Tal competição deve sua especificidade ao fato de que seu alvo reside no monopólio do exercício legítimo do poder de modificar em bases eficientes e permanentes, criando um *habitus* religioso particular que se transfere para a vida prática e reflete na ascensão e manutenção do sistema econômica, como um pilar que o sustenta e o aprimora. Tal

conduta deve ser uma disposição e um modo de agir e de pensar conforme os princípios de uma concepção sistemática do mundo e das relações sociais.

A força e a influência da igreja se perpetuam e se fortalecem através de mecanismos de reprodução e constante vivência, mas principalmente através do discurso proferido. A igreja se mantém, dessa forma, pelo trabalho do pastor, que se fundamenta na força do grupo, mobilizado por meio de sua aptidão para simbolizar e representar em uma determinada conduta ideal e em um discurso os interesses deste grupo da igreja, que por sua vez, são os interesses de permanência em meio ao competitivo mercado da fé.

Privilegiou-se neste estudo a concepção de que as esferas sociais estão constantemente vinculadas, a fim de satisfazer um mesmo objetivo final: a criação de valor. Porém, convém conhecer os aparelhos de produção simbólica onde se constituem suas linguagens e representações e por meio dos quais ela ganha uma realidade própria, cuja organização interna determina, em boa medida, o caráter propriamente simbólico que ostentam os bens produzidos. Ainda que a religião se apresente de imediato como se fosse um sistema de símbolos isolados, que se limita a si mesmos. O estudo identifica conflitos e lutas de grupos de agentes cujos interesses materiais e simbólicos tornam o campo religioso um terreno competitivo entre diferentes empresas de bens de salvação.

A pesquisa se deteve, portanto, em identificar as relações de sentido com que as relações de força se manifestam. Houve, porém, a precaução de evitar uma análise que recaísse na conclusão de que o fenômeno religioso é mero reflexo das estruturas sociais. Porém, foi considerado que a religião, assim como a economia, compartilha da mesma origem: a realidade empírica que está subsidiada pela lógica do sistema econômico capitalista. A religião acompanhou as regras do desenvolvimento do trabalho industrial, entretanto, não se trata de uma dependência absoluta. A racionalidade desenvolvida dentro da religião possui uma lógica interna particular sobre as quais, as condições econômicas podem agir apenas como linhas condutoras, ou segundo Weber, como “linhas de desenvolvimento (Entwicklungswege)” (Ibidem) que estão ligadas, sobretudo ao desenvolvimento de um corpo de trabalhadores da fé que buscam manter e fortalecer a ideia de que é necessária uma determinada fé no trabalho.

Por este motivo, tentar compreender este processo de sistematização e de moralização da ordem mágica para a moral somente como efeito imediato do

desenvolvimento econômico e transformações industriais seria ignorar a complexidade do campo religioso. Há de fato uma interligação, que, porém, não se limita a um mero reflexo. Há os interesses materiais e simbólicos de cada campo.

Quais as funções sociais que a religião cumpre em favor do corpo social em termos da questão das funções políticas que a religião cumpre em favor da divisão de classes, ou seja, como ela contribui para manter a divisão do trabalho e as relações hierárquicas, em virtude da sua eficácia simbólica. Partindo da ideia de que o âmbito simbólico é importante para sustentar a esfera material. Afinal, a religião atua como ferramenta estruturante da percepção do pensamento do mundo e em especial do mundo social.

A Bola de Neve se destaca no campo religioso de disputa. Isto se dá, entre outros fatores, por sua sugestão inédita no mercado, com um discurso aparentemente mais liberal e jovem, contemplando grupos de pessoas desprezadas por outras Igrejas. Para sua manutenção, utiliza mão de obra voluntária para atividades diversas, e principalmente para sua divulgação, com um trabalho extenso de comunicação ao público, utilizam como nenhuma outra igreja estratégias de marketing e propaganda para se propagar no mundo. O site da igreja é bastante estruturado, com diversas ferramentas de comunicação estabelece contato com vários países, transmitem ao vivo seus cultos, com emissora de rádio própria, notícias internas, bate papo, bíblia on-line, revista on-line e até mesmo pedido de oração virtual. Pode-se constatar uma certa dinâmica própria da vida moderna, na qual acompanha o estilo de vida dos novos fieis, e a velocidade que os fatos acontecem e podem estar acessíveis. Esse estilo de vida está estritamente ligado à produção de mercadorias e ao consumo, na qual a Igreja Bola de Neve também está imersa, direta e indiretamente, por apresentar uma “lojinha” no interior de seu templo, que conta com a marca que é propriedade da igreja.

Um pastor comum, geralmente se prepara apenas para matérias relacionadas à religião, no entanto, ao receber o que os pastores evangélicos chamam de “chamado divino” estão sendo convocados a dirigir também um negócio, em se tratando das Neopentecostais. Além do culto, os pastores precisam se preocupar com questões administrativas internas da igreja, como os orçamentos, despesas, recursos humanos e financeiros, organização dos cultos, tempo, dízimos, entre outras questões semelhantes à de organização empresarial na qual o pastor deve estar atento.

O pastor de uma unidade da Igreja Bola de Neve deve dominar ferramentas de marketing, estar atento às modificações do mercado em que atuam e às necessidades das pessoas, para proceder devidamente em seu meio, crescendo e se desenvolvendo, de acordo com os “planos e metas” da igreja, é a isso que se dedicam. Há um plano organizacional para a desenvoltura dos cultos da Igreja que se baseia em: esclarecer o sentido desta instituição e da “missão”, lembrando sempre “o que somos” e “o que desejamos ser” (isto envolve ambições materiais), metas de como chegar onde desejamos, a situação do ambiente em que vivemos (contexto político, econômico, social, conforme uma abordagem não histórica), e por fim, a ênfase em que todo o mal deste mundo é consequência da pouca fé das pessoas nos dias de hoje, pois elas se preocupam com coisas banais. O fracasso material, neste caso, simboliza a ausência de fé, atribuindo isto à falta de dedicação a Deus e à igreja.

A organização interna ocorre de acordo com o estatuto da igreja. Este estatuto orienta a divisão de trabalho dentro da Instituição, este estatuto orienta a divisão de trabalho dentro da Instituição. Tudo é ministrado pelo pastor da igreja, este é responsável não só pelo culto realizado e pela mediação da palavra divina, mas também adota uma figura paternal, na qual aconselha e acolhe os frequentadores, é o que chamam de “ordenamento divino”. Pelo fato dos frequentadores serem em sua maioria jovens e adolescentes este papel ganha importância central, de forma que os fiéis se apegam à igreja de uma maneira particular, como se o ambiente fosse seu lar. Embora a pesquisa se direcione à dimensão monetária que a igreja exerce atualmente, não se pode desprezar os sentimentos religiosos subjetivos de cada indivíduo. A crítica se dirige à igreja enquanto instituição e sobre a forma que se projeta na vida social. Acreditamos que é responsabilidade da ciência refletir, discutir e problematizar questões desta dimensão, no entanto, respeitando sempre culturas e crenças particulares.

Portanto, foram identificados alguns tipos de formas de trabalho existentes dentro desta igreja: contratações terceirizadas (que não exigem necessariamente a condição de fiel frequentador da Igreja). Atividades voluntárias, na qual grande parte do funcionamento da igreja depende. E o ofício de ordenação divina, que é o pastor, considerado pela jurisprudência brasileira como um caso excepcional, em se tratando de questões trabalhistas. Porém, tratamos aqui como “trabalho religioso”.

Decorrente da pesquisa de campo foi possível observar que a Igreja Bola de Neve possui uma abertura para além dos cultos, com atividades que se estendem para além dos muros da igreja e não se restringem à causa religiosa, com projetos sociais, eventos, grupos esportivos, artísticos, educativos e filantrópicos que envolvem o bairro, a comunidade e a cidade que a unidade está localizada.

O funcionamento da igreja ocorre de forma organizada e complexa, com setores bem definidos e delimitados, de forma que muitas questões não dizem respeito à religiosidade, ou à doutrina da igreja, mas que acabam entrando em assuntos judiciais com caráter burocrático, e são obrigados a se submeterem a jurisprudência, como qualquer empresa. Ao sair do campo do sagrado e entrando em questões burocráticas, a Igreja passa a ser um elemento de ordem social, perdendo de alguma forma seu caráter místico, e se apossando da ordem material, esse é o perfil das novas igrejas pentecostais/neopentecostais.

O propulsor principal que dinamiza a manutenção da igreja são os ministérios. Os ministérios se fazem por uma complexa divisão de funções e tarefas, e são constituídos de frequentadores que se voluntariam de acordo com suas afinidades profissionais ou que trazem alguma experiência no ramo a que pretendem atuarem. Eles se organizam de forma adequada para não precisarem de contratações terceirizadas no desempenho de atividades da Instituição, porém, nem sempre contemplam todas as necessidades, havendo a contratação de terceirizados com profissionalização própria para a função proposta.

Apesar da grande responsabilidade, o pastor não tem autoridade para desempenhar outras funções de cunho burocrático, como assinar documentos ou locar imóveis, entre outras atividades. Para isso, existe uma unidade central, com advogados terceirizados que atua nessas questões, a chamada “sede central”. É um sistema de administração centralizado, que conta com um departamento jurídico para exercer em questões legais de todas as Igrejas Bola de Neve do país. Esse departamento jurídico é terceirizado por um escritório de advocacia, na qual alguns advogados integrantes são frequentadores ou apresentam um tipo de vínculo com a igreja, inclusive um deles é pastor da Bola de Neve. O escritório é especializado em questões de ordem judiciais eclesiais e defende prioritariamente a Igreja como autônoma em relação a seus cultos, práticas crenças.

De acordo com a Constituição de 1988, o pastor ou trabalhador que exerce ofício religioso não é considerado trabalhador/empregado, pois trabalha por vontade própria sem fins lucrativos. Teoricamente, recebem uma renda necessária para seu sustento, denominada “prebenda”, para que seja possível sua total dedicação à igreja na qual ministram. Porém, em se tratando do novo campo religioso brasileiro, a partir do levantamento bibliográfico acerca do tema, pode-se perceber a evidente mercantilização do sentimento religioso, em um contexto que o sagrado se tornou uma fonte de renda, e as igrejas foram transformadas em instrumento de trabalho, gerando uma instrumentalização da fé.

As igrejas executam uma extensa variedade de atividades no interior dos seus templos, porém, não há produção diretamente material e produção de valor. A religião, nesse sentido, cresce como serviço, na qual as mercadorias oferecidas são o conforto espiritual, auxílio, consolo, incentivo ao sucesso profissional e até mesmo orientações para a inserção no mercado de trabalho ou sobre relacionamentos amorosos, e são trocadas pelo dízimo, contribuição financeira na qual o fiel oferece de acordo com sua avaliação da influência positiva que a igreja tem em sua vida.

Nesse sentido, o ofício religioso se torna um trabalho específico da forma histórica de trabalho do modo de produção capitalista. Porém, este trabalho se complexifica e passa a exigir uma análise teórica acerca do assunto no momento em que não produz um produto final embora esteja imerso na reprodução da ideologia de acumulação de capital. A fé é um elemento subjetivo, originário de diversas possibilidades, inclusive de circunstâncias históricas e sociais, mas, porém, é algo imensurável economicamente. No entanto, as igrejas se introduziram de tal forma ao mercado econômico e na ideologia produtivista que tornaram o sentimento religioso moeda de troca. A atividade religiosa faz parte de um segmento de ações humanas que se converteram ao processo de valorização de capital, criando mais fontes de mais valia.

Diante dos elementos discutidos nesta pesquisa, identificamos o ofício religioso como trabalho que não produz bens materiais como resultado de sua atividade, considerando ser um trabalho por existir a transformação do ambiente e do próprio indivíduo que o executa, em uma relação orgânica entre o homem e a sua natureza espiritual, através de uma atividade dirigida a um fim, envolvendo meios para atingi-lo.

A partir da pesquisa teórica acerca do assunto, alguns autores consideram o próprio trabalho imaterial como material, por sua objetivação indiretamente material em relação à atividade executada. De alguma forma, a atividade abstrata se materializa nas relações à que se objetiva, e de acordo com esta linha de raciocínio, o trabalho imaterial se torna material considerando a força física que as ideologias produzem, interferindo diretamente na história e na construção social. Todo processo de objetivação cria uma nova circunstância sócio-histórica, por este motivo a história humana sempre está passível de transformação. Ou seja, as ideias ocupam espaço determinante no desenvolvimento das sociedades, e apresentam força material ao se realizarem em ações, e é o trabalho enquanto práxis social.

Esta é uma discussão conceitual. Considerando, portanto, as igrejas enquanto produtoras e reprodutoras de ideologias, podemos compreender que há uma materialidade no processo do trabalho imaterial realizado pelas instituições religiosas. No entanto se o trabalho religioso é imaterial no sentido de que não produz, cabe identificar nesta denominação sua relação entre a produção de valor direta ou indireta.

A partir da conclusão de que qualquer trabalho, material ou não material diretamente, estará em grande parte inserido na lógica de produção de mercadorias comuns, embora por outro viés, o trabalho religioso pode ser enquadrado na categoria de trabalho improdutivo, uma vez que não produz bens palpáveis e quantificáveis, mas está diretamente vinculado à reprodução das relações de exploração e mercantilização da vida, através da sua atuação ideológica.

Como parte constituinte da vida social, a religião enquanto esfera simbólica se torna igreja. A igreja como representação social de um sentimento subjetivo do homem, se torna instituição no momento em que se vê imersa na estrutura reprodutiva das sociedades burocratizadas. De fato, o capital envolve todas as dimensões sociais em sua dinâmica, criando modos e meios totalizantes e dominantes de mediações reprodutivas, se articulando a fim de subordinar todas as funções de reprodução social para a geração de lucro.

Porém, por outro lado foi constatado que a Bola de Neve assume também um papel de acolhimento na vida pessoal dos frequentadores. Isso também é uma consequência das relações de estranhamento e de consumo na qual os indivíduos se encontram neste processo de produção e reprodução da vida social. Apesar de a igreja

seguir a Teologia da Prosperidade, na qual incentiva o ganho material, e consequentemente, incentiva a ideologia de consumo, contraditoriamente, foi observado um movimento inverso: a igreja adquire função de livrar os frequentadores das relações de consumo entre as pessoas.

Embora o modelo de organização interna da igreja se pautasse essencialmente na organização empresarial, assim como é estabelecido um mercado religioso com regras próprias sendo, a instituição religiosa extremamente imersa na rede mercadológica, as relações entre os fiéis dessa igreja, por sua vez, são de proximidade e laços reais. Não apresentam caráter consumista e nem se restringem a relações mercadológicas, como Bauman aponta como sendo a forma com que as relações se estabelecem na modernidade. Ao contrário, observei que é exatamente este o ponto chave: os frequentadores buscam na igreja um espaço onde haja relações sinceras, desinteressadas e solidárias, características raras em outros ambientes da sociedade, onde tudo é direcionado pelo interesse econômico e pelas relações profissionais.

A igreja, embora tenha se submetido à racionalização burocrática na qual envolve metas, estratégias, meios de maximizar seus benefícios e alcançar de forma eficaz seus objetivos, é hoje o local onde os indivíduos podem se refugiar dessas relações, encontrando abrigo emocional. A igreja é também uma expressão de protesto e resistência, sendo a manifestação da insatisfação diante da angústia material e existencial. As igrejas mais do que nunca apresentam o sentido de uma comunidade com laços fortes e estáveis, que une e fortalece um grupo, como uma comunidade da fé que protege os indivíduos do que Durkheim (1989) chamaria de anomia social. Essa anomia social pode ser interpretada neste contexto histórico e econômico atual como uma constante crise de sentido desencadeada pelo sistema capitalista, na qual impede que os indivíduos tenham uma compreensão plena e totalitária do mundo como construção humana e passível de transformação.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem. *As ideias teológicas e os seus caminhos pelos sulcos institucionais do protestantismo brasileiro*. In: História da teologia na América Latina. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1981.

AMORIM, Henrique. *Trabalho Imaterial: Marx e o debate contemporâneo*. São Paulo: Annablume, 2009.

_____. *Teoria social e reducionismo analítico: para uma crítica ao debate sobre a centralidade do trabalho*. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

AMORIM, Taís. *A nova estrutura estatutária no direito eclesiástico nos termos da LEI 10.825/03*. Disponível em <<http://www.amorimassociados.com.br/nova-estrutura-estatutaria-no-direito-eclesiastico.asp>> Acesso em 10 de julho de 2015.

_____. *Manual Prático de Direito Eclesiástico*. São Paulo: Saraiva, 2013.

APPADURAI, Arjun. *As dimensões culturais da Globalização*. Lisboa: Teorema, 2004.

BARRETO, Carlos Eduardo (Org.) *Constituições do Brasil*. 6. ed. rev. e atual. v. 1 e 2. São Paulo: Saraiva, 1971.

BARROS, Alice Monteiro. *Curso de Direito do Trabalho*. São Paulo: LTr, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BENJAMIN, Walter. *O Capitalismo como religião*. Organização por Michel Lövy. São Paulo: Boitempo, 2013.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1984.

_____. *A Dessecularização do Mundo: uma visão global*. In: Religião e Sociedade, vol. 21, nº 1, CER/ISER, Rio de Janeiro, 2001.

BECK, U. *O que é Globalização*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BÍBLIA SAGRADA. *Novo Testamento*. Traduzida por João Ferreira de Almeida, versão Revista e Corrigida. 2ª Edição. Edição eletrônica obtida no site <<http://www.sbb.org.br/>>.

BITTENCOURT FILHO, José. “Remedio Amargo”. In: *Nem anjos, nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

BOUDON, Raymond. *A Ideologia, ou a origem das ideias recebidas*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. *A economia das Trocas Linguísticas (o que falar quer dizer)*. São Paulo: EDUSP, 1996.

_____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. *O poder simbólico*. 11a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOUTANSKI, LUC & CHIAPELLO, E. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BRASIL, *Leis. CLT Saraiva e Constituição Federal*. São Paulo: Saraiva, 35. ed. atual, 2008.

BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

CALLIOLI, Eugênio Carlos. O fator religioso no Ordenamento Jurídico Brasileiro. In: *Manual do trabalho voluntário e religioso: aspectos fiscais, previdenciários e trabalhistas*. Ives Gandra Martins Filho, (Coord.). São Paulo: LTr, 2002.

CARIA, T. História, reforma e lucidez em ciência: A reflexividade social: reflexividade e fronteira. In: CARIA, T. (org.) *Experiência etnográfica em ciências sociais*. Porto: Afrontamento, 2003.

_____. *A reflexividade e a objetivação do olhar sociológico*. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 55. Coimbra: CES, 1999.

CHAVES, Mark & GORSKI, Philip S. *On the rational choice approach to religion*. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 1996.

_____. *Religious pluralism and religious participation*. *Annual Review of Sociology*, 2001. p. 27: 261-281.

CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CRESPI, Franco. *A experiência religiosa na Pós-Modernidade*. Edusc, 1999.

CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X/Instituto Mysterium, 2007.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. *Sexualidade e neopentecostalismo: representações de jovens da igreja evangélica Bola de Neve*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

DEBORD, Guy. *A sociedade do Espetáculo*. Editora Contraponto, 1997.

DOUGLAS, Mary. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

_____. *Como pensam as Instituições*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

DURKHEIM, Emile. *Educação, moral e sociologia*. Porto: Res, 2001.

_____. *As Formas Elementares de Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução. Pereira Neto; revisão José Joaquim. – São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FAUSTO, Ruy. *A pós-grande indústria nos Grundrisse (e para além deles)*. Lua Nova, v. 19, 1989.

FINKE, Roger. *The consequences of religious competition: supply-side explanations for religious change*. In: YOUNG, Lawrence A. (org.), *Rational choice theory and religion: summary and assessment*. Nova York, Routledge, 1997.

FINKE, Roger & STARK, Rodney. *Religious economies and sacred canopies: religious mobilization in American cities*. *American Sociological Review*, 1998.

FONSECA, A. B. Igreja Universal: um império midiático. In: DOZON, J. P.; CORTEN, A.; ORO, A. P. (Org.). *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003.

FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. in: ANTONIAZZI, Alberto (org.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRIEDBERG, Erhard. *O poder e a regra: dinâmicas da ação organizada*. Lisboa, Instituto Piaget, 1993.

FRIGERIO, Alejandro. *Teorias econômicas aplicadas ao estudo da religião: em direção a um novo paradigma?* BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2000.

GEERTZ, Clifford. *A religião como sistema cultural. A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GIDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

GILL, Anthony. *Rendering unto Caesar? Religious competition and Catholic political strategy in Latin America, 1962-1979*. *American Journal of Political Science*, 1994.

GUERRA, Lemuel. *A metáfora do mercado e a abordagem sociológica da religião*. *Religião & Sociedade*, v. 22, nº 2, 2002.

- GORZ, André. *O Imaterial: conhecimento, valor e capital*. São Paulo: Annablume, 2005.
- GRAMSCI A. *Às margens da história (história dos grupos sociais subalternos)*. Cadernos do Cárcere, vol.v. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- HARDT, M.; NEGRI, A. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- HEGEL. G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- HERVIEU-LÉGER, D. *O Peregrino e o Convertido: a Religião em Movimento*. Lisboa, Gradiva, 1999.
- HECHTER, Michael. Religion and rational choice theory. In: *Rational choice theory and religion*. Lawrence Young, ed. NY, Routledge, 1997.
- HUFF JUNIOR, Arnaldo. *Campo religioso brasileiro e história do tempo presente*. Revista Brasileira de História das Religiões ANPUH Maringá (PR) v. 1, n. 3, 2009.
- IANNACCONE, Laurence. *Rational choice: framework for the scientific study of religion*. In: YOUNG, Lawrence. *Rational choice theory and religion*. Nova York, Routledge, 1997.
- JAMESON, Frederic. *Pós-Modernismo. A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*. São Paulo: Ática: 1997.
- KEPEL, Gilles. *A Revanche de Deus*. São Paulo: Ed. Siciliano, 1991.
- KOLAWKOWSKI, Leszek. *O Diabo. Religião e Sociedade*. São Paulo: Boitempo, 1985.
- KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LACLAU, E.; MOUFFE, C. *Hegemony & socialist strategy: toward a radical democratic politics*. London: Verso, 1985.
- LAZZARATO, M.; NEGRI, A. *Trabalho Imaterial: Formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LESSA, Sérgio. *Para além de Marx? Crítica às teses do trabalho imaterial*. Ed. Xamã, São Paulo, 2005.
- _____. *Sociabilidade e Individuação – a categoria da reprodução na Ontologia de Lukács*. Maceió: Edufal, 1995.
- _____. *Trabalho e Ser Social*. Maceió: Edufal, 1997.
- LOWENTHAL, Manuela F. “*A fé do trabalho e o trabalho da fé: Um estudo sobre a organização do trabalho na igreja Bola de Neve Church*”. Trabalho de Conclusão de Curso. Marília: Universidade Estadual “Júlio Mesquita Filho”, 2012.
- LUKÁCS, G. *Os princípios ontológicos fundamentais de Marx*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1979.

MACEDO, Edir. *O Bispo, A história revelada de Edir Macedo*. São Paulo: Laurosse, 1988.

MENDONÇA, D. *A noção de antagonismo na ciência política contemporânea: uma análise a partir da perspectiva da teoria do discurso*. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, n. 20, p. 135-145, 2003.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. *A grande onda vai te pegar: Marketing, espetáculo e ciberespaço na Bola de Neve Church*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

_____. *Neopentecostalismo de supergeração*. História Agora, v. 1, n. 10, p. 342-362, 2010.

_____. *O corpo e o esporte como estratégias de marketing da Bola de Neve Church*. Oralidades – Revista de História Oral da USP, v. 7, p. 35-52, jan.-jun. 2010.

_____. *Apresentando um marketing de guerra santa em trânsito e rasurando conceitos*. História Agora, v.1, n.12, 2012

_____. *“Marketing de Guerra Santa”: da oferta e atendimento de demandas religiosas à conquista de fiéis-consumidores*. Horizonte – PUC/MG, v. 10, n. 25, p. 201-232, jan.-mar. 2012.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARTINS FILHO, Ives Gandra da Silva et al. *Manual do trabalho voluntário e religioso: aspectos fiscais, previdenciários e trabalhistas*. São Paulo: LTr, 2002.

MARX, Karl. *O capital: Crítica da Economia Política*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus; [supervisão e notas Marcelo Backes. 2.ed revista. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. *Capítulo VI Inédito de O Capital*. São Paulo: Centauro, 2004.

_____. *Elementos fundamentales para la crítica de la economía política (Grundrisse/Borrador)*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Argentina Editores, 1983.

_____. *Capítulo VI: Inédito de o Capital*. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

_____. *O 18 brumário de Luiz Bonaparte*. São Paulo: Centauro, 2003.

_____, ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva, forma e razão de troca na sociedade*. In: Sociologia e Antropologia, v.II, São Paulo: Ática, 1974.

MENDONÇA, Sônia Regina de. *História do Brasil Recente*. São Paulo: Saraiva, 1992.

MÉSZÁROS, István. *O poder da ideologia*. São Paulo: Boitempo, 2004.

MONTGOMERY, James D. *A formalization and test of the religious economies model*. American Sociological Review, 68: 782-809, October, 1996.

NASCIMENTO, Amauri Mascaro. *Curso de Direito do Trabalho: história e teoria geral do direito do trabalho, relações individuais e coletivas do trabalho*. 14. ed. atual. São Paulo: Saraiva, 1997.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Intervenção. In: MOREIRA, Alberto; ZICMAN, René (orgs.), *Misticismo e novas religiões*. Petrópolis: Vozes/USF/FAN, pp. 130-135, 1994.

ORO, Pedro. (Org.). *Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. *Podem passar a sacolinha: um estudo sobre as representações do dinheiro no pentecostalismo autônomo brasileiro atual*. Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, v. 210, p. 301-323, 1993.

PEREIRA, Camila; LINHARES, Juliana. *O pastor é show: os novos pastores*. Revista Veja, São Paulo, ano 39, n. 27, p. 76-85, 12 jul. 2006. Edição 1964.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *Religião como solvente – uma aula*. n. 75. São Paulo: Novos Estudos CEBRAP, 2006.

PIERUCCI, Antônio Flávio, PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.

PRADO, Eleutério. Uma crítica à economia política do imaterial. Outubro, v. 11. 2004.

PRANDI, Reginaldo. *Religião, biografia e conversão: escolhas religiosas e mudanças da religião*. In: JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA. Rio de Janeiro: IFCS – UFRJ, 1996.

SHERKAT, Darren. *Embedding religious choices: Integrating preferences and social constraints into rational choice theories of religious behavior*. In: Rational Choice theory and religion. Lawrence Young, ed. NY, Routledge. 1997.

_____. & WILSON, John. *Preferences, constraints and choices in religious markets: an examination of religious switching and apostasy*. Social Forces, 1995.

SIEPIERSKI, Paulo D. *Pós Pentecostalismo e Política no Brasil. estudos teológicos*. nº37, nº 1, 1997.

SIMMEL, Georg. *O dinheiro na cultura moderna*. In: SOUZA, Jessé e OËLZE. (Orgs.). Simmel e a modernidade. Brasília: Editora da UnB, 1986.

_____. *A divisão do trabalho como causa da diferenciação da cultura subjetiva e objetiva*. In: SOUZA, Jessé e OËLZE (Orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora da UnB, 1998.

SOUZA, André. *Igreja Católica e Mercados: ambivalência entre a solidariedade e a competição*. *Religião e Sociedade*, v. 27, nº 1.

_____. *O empreendedorismo neopentecostal no Brasil*. *Ciências Sociales y Religión*, v. 13, 2011.

STARK, Rodney. *From church-sect to religious economies*. In: HAMMOND, Phillip E. (ed.), *The sacred in a post-secular age*. Berkeley, University of California Press, 1999.

_____. & FINKE, Roger. *Acts of faith: explaining the human side of religion*. Berkeley, University of California Press, 2000.

STARK, Rodney & IANNACCONE, Laurence. *Rational choice propositions about religious movements*. *Religion and Social Order*, 1993.

SANTOS, Boaventura S. *Um discurso sobre a ciência*. Porto, Afrontamento, 1987.

_____. *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 2007 (online: <http://rccs.revues.org/753>).

WARNER, Stephen. *Work in progress towards a new paradigm for the sociological study of religion in the United States*. *American Journal of Sociology*, 1993.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

_____. *Metodologia das Ciências sociais*. Campinas, Ed. Unicamp, 1973.

INTERNET

BOLA DE NEVE. Histórico da BDN. Disponível em: <http://www.boladeneve.com/quemsomos>. Acesso em: 20 mar. 2012.

BOLA DE NEVE. Portal da BDN (versão até 2010) Bola de Neve Church. Disponível em: <<http://www.boladeneve.com>>. Acesso em: 07 jan. 2010.

BOLA DE NEVE CHURCH. News (a). Disponível em: <http://www.boladenevechurch.com.br/admin/conteudos/images/news_090217-3.jpg>. Acesso em: 03 mai. 2009.

BOLA DE NEVE CHURCH. News (b). Disponível em: <http://www.boladenevechurch.com.br/admin/conteudos/images/news_081024.jpg>. Acesso em: 03 mai. 2016.

BOLA DE NEVE CHURCH. Ministérios, Disponível em: <<http://www.boladenevechurch.com.br/index2.php?secao=ministerios>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

BOLA DE NEVE CHURCH. Disponível em <www.boladenevechurch.com.br>. Acesso em 04/04/2016.

BOLA RÁDIO <<http://www.bolaradio.com.br/>>. Acesso em 10/05/2016.

IGREJA UNIVERSAL <<http://igrejavidadauniversal.blogspot.com.br/p/confessionario-online-confissoes.html>>

MULHERES DA BOLA. Culto de mulheres, s/d, Disponível em: <<http://www.mulheresdobola.com.br/palavra/respeitando-as-diferencas-edificando-olar.html>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

PLANETA BOLA <<http://www.planetbola.com.br/>>. Acesso em 10/05/2016.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.825.htm> Acesso em 16/06/2016.